

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

GIAN FRANCO MORETTO

**A DISTRIBUIÇÃO DAS CLIVADAS CANÔNICAS E DAS PSEUDOCLIVADAS
NO DISCURSO**

PORTO ALEGRE

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Área: Estudos da Linguagem

Linha de Pesquisa: Gramática e Significação

**A DISTRIBUIÇÃO DAS CLIVADAS CANÔNICAS E DAS PSEUDOCLIVADAS
NO DISCURSO**

GIAN FRANCO MORETTO

Orientador: Prof. Dr. Sérgio de Moura Menuzzi

Tese de Doutorado em Letras apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Moretto, Gian Franco

A distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas no discurso / Gian Franco Moretto. -- 2021.

194 f.

Orientador: Sérgio de Moura Menuzzi.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Clivadas canônicas. 2. Pseudoclivadas. 3. Estrutura Informacional. 4. Discurso. I. Menuzzi, Sérgio de Moura, orient. II. Título.

GIAN FRANCO MORETTO
A DISTRIBUIÇÃO DAS CLIVADAS CANÔNICAS E DAS PSEUDOCLIVADAS
NO DISCURSO

Essa tese foi analisada e julgada adequada para a obtenção do título de doutor em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Doutor Sérgio de Moura Menuzzi

Aprovada em: 12/07/2021

Conceito Geral da Banca: A

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aroldo Leal de Andrade – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof. Dr. Marcos Goldnadel – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

DEDICATÓRIA

A meu pai, Sílvio Moretto (*in memorian*), a minha mãe, Elisete Alves Moretto, e a meu irmão, Sílvio Daniel Moretto, pelo apoio incessante. A minhas avós, Idalina Canabarro Moretto (*in memorian*) e Otília Maria Alves (*in memorian*), pelos exemplos de força e de bondade. A minha colega Luciana Morales da Silveira, pelo encorajamento. A meu orientador, Sérgio de Moura Menuzzi, pela devida exigência. A Deus, por me levar sempre pelo bom caminho.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas em textos escritos no português brasileiro. Partindo do pressuposto de que tais construções funcionam como “poderosos mecanismos de organização do discurso” (HEDBERG, 1988; 1990), objetiva compreender as propriedades que as elas exibem em posição inicial, medial e final de textos escritos, com base nos conceitos informacionais *dadidade-novidade relacional* e *dadidade-novidade referencial* (GUNDEL, HEDBERG, ZACHARSKI, 1993; HEDBERG, GUNDEL, BORTHEN, 2019). Suas hipóteses preveem que (i) em posição inicial, será mais fácil encontrar clivadas canônicas do que pseudoclivadas, em virtude de as primeiras veicularem uma *pressuposição informativa* (PRINCE, 1978), e de as segundas terem associadas à oração clivada um nível mais alto de *dadidade referencial*; (ii) em posição final, será mais fácil encontrar clivadas canônicas do que pseudoclivadas, em virtude de as primeiras frequentemente terem como função *finalizar segmentos temáticos*, enquanto as segundas frequentemente servem para introduzir *(sub)tópicos* quando o constituinte clivado é [- ativado]; e (iii) em posição medial, serão encontradas as duas construções, em que o uso de uma clivada canônica poderá indicar a abertura ou a finalização de um segmento textual. Como procedimento metodológico, foi realizado um estudo de corpus com base nos dados do CorPop (corpus de referência do português popular brasileiro escrito (PASQUALINI, 2018; FINNATO, 2012)), em que o grau de ativação do constituinte clivado e da oração clivada foi analisado de acordo com a sua posição no discurso. Os resultados demonstraram que (i) clivadas canônicas de fato são mais frequentes do que pseudoclivadas em abertura e em finalização de discurso, (ii) nas duas construções, o constituinte à esquerda tende a veicular informação que é mais *dada* em relação ao constituinte à direita, ainda que ambos sejam [+ ativados]; (iii) em abertura de discurso, é a asserção da clivada canônica que contribui para a progressão do discurso; (iv) pseudoclivadas parecem ter a si associadas uma pressuposição de unicidade, enquanto nas clivadas canônicas a pressuposição pode ser apenas existencial. As conclusões ressaltam, ainda, a importância de analisar tais resultados face ao gênero textual, uma vez que a clivada canônica com pressuposição informativa, encontrada apenas em posição inicial nos textos do CorPop, pôde ser encontrada em posição medial em textos acadêmicos.

Palavras-chave: Clivadas canônicas. Pseudoclivadas. Estrutura Informacional. Discurso.

ABSTRACT

This dissertation discusses the distribution of canonical clefts and pseudoclefts in written Brazilian Portuguese. Based on the assumption that such constructions contribute to textual cohesion by means of their information structure (HEDBERG 1988; 1990), its main objective is to present and discuss the properties they exhibit in the initial, medial, and final positions of written texts, and explain them in terms of information-structural concepts such as *referential givenness* and *relational givenness* (GUNDEL, HEDBERG, ZACHARSKI, 1993; HEDBERG, GUNDEL, BORTHEN, 2019). The hypotheses of this investigation are the following: (i) in initial positions, it will be easier to find canonical clefts than pseudoclefts, since the former conveys an *informative presupposition* (PRINCE, 1978), and the latter has associated to the cleft clause a higher degree of *referential givenness*; (ii) in final positions, it will be easier to find canonical clefts than pseudoclefts closing a *thematic segment* (MORETTO, 2014; ANDRADE, 2019), since the former is more likely to introduce elements with a higher degree of *referential givenness*, while the latter serves to introduce (sub)topics, especially when the cleft constituent is [- activated] (BRAGA, 2009); and (iii) in medial positions, the two forms will be found, in which case the use of a canonical cleft may indicate the opening or ending of a textual segment, and the use of a pseudocleft may introduce a (*sub*)*topic*. The methodological procedure consisted in a corpus study based on data from CorPop (a reference corpus of written Brazilian Portuguese for readers of average levels of literacy (PASQUALINI, 2018; FINNATO, 2012)), in which the degree of activation of the cleft constituent was analyzed in relation to its position in discourse. The results of the study demonstrated that (i) canonical clefts are in fact more frequent than pseudoclefts in the opening and closing of discourse segments, (ii) the constituent on the left tends to convey information that is more “given” in relation to the constituent on the right, even when both are [+ activated]; (iii) in initial positions, it is the assertion conveyed by the canonical cleft that contributes to the progression of the discourse; and (iv) pseudoclefts seem to convey a presupposition of uniqueness, while canonical clefts may have a weaker, existential presupposition only. Finally, it is emphasized that these results must take the textual genre into account, given that the informative presupposition cleft, found only in initial positions in the CorPop corpus, was found in medial positions in academic texts.

Key-words: Canonical clefts. Pseudoclefts. Information Structure. Discourse.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A VISÃO CLÁSSICA DAS CLIVADAS CANÔNICAS E DAS PSEUDOCLIVADAS NO INGLÊS: A ANÁLISE DE PRINCE (1978)	20
2.1 A análise das pseudoclivadas.....	20
2.2 A análise das clivadas canônicas	29
2.3 Objeções à análise de Prince das diferenças entre clivadas canônicas e pseudoclivadas	31
2.4 Objeções à <i>pressuposição informativa</i> das clivadas canônicas.....	35
3 CLIVADAS CANÔNICAS E PSEUDOCLIVADAS DO INGLÊS SEGUNDO A ESCALA DE DADIDADE-NOVIDADE: A ANÁLISE DE HEDBERG (1988, 1990, 2000, 2013) E HEDBERG E FADDEN (2007)	42
3.1 Dadidade-novidade relacional.....	42
3.2 Dadidade-novidade referencial	49
3.3 Clivadas como expressões definidas	53
3.4 Previsões sobre a distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas no discurso.....	57
3.5 A análise das clivadas canônicas	60
3.6 A análise das pseudoclivadas.....	64
3.7 A nova hierarquia de Dadidade-Novidade.....	69
3.8 Discussão e conclusões	73
4 A ANÁLISE DAS CLIVADAS CANÔNICAS E DAS PSEUDOCLIVADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	75
4.1 A análise de Braga (2009)	75
4.2 A análise de Aleixo (2015).....	80
4.3 A análise de Andrade (2019)	84
4.4 Discussão e conclusões	91
5 QUESTÕES NORTEADORAS, HIPÓTESES E METODOLOGIA	94
5.1 Questões norteadoras.....	94
5.2 Hipóteses	95
5.3 Corpus.....	96

5.4 Análise do constituinte clivado e da oração clivada	98
5.5 Protocolo de aplicação da Hierarquia de Dadidade-Novidade	98
5.6 Protocolo de aplicação da hierarquia de Hedberg e Fadden (2007)	104
6 RESULTADOS	110
6.1 Clivadas canônicas	111
6.1.1 Tipo de constituinte clivado e sua função sintática	111
6.1.2 Análise da dadidade-novidade referencial nas clivadas canônicas	114
6.1.2.1 Padrões com relação ao status informacional e cognitivo dos constituintes	114
6.1.2.2. Cruzando padrões informacionais com distribuição textual	120
6.2 Pseudoclivadas	125
6.2.1 Tipo de constituinte clivado e sua função sintática	125
6.2.2 Análise da dadidade-novidade referencial nas pseudoclivadas	128
6.2.2.1 Padrões com relação ao status informacional e cognitivo dos constituintes	128
6.2.2.2. Cruzando padrões informacionais com distribuição textual	134
6.2.3 Casos prototípicos de pseudoclivadas	137
7 DISCUSSÃO: CLIVADAS EM ABERTURA, MEIO E FIM DE DISCURSO	146
7.1 Clivadas canônicas em abertura de discurso	146
7.2 Pseudoclivadas em abertura de discurso	156
7.3 Clivadas canônicas em fim de discurso	160
7.4 Pseudoclivadas em fim de discurso	166
7.5 Clivadas canônicas em meio de discurso	169
7.6 Pseudoclivadas em meio de discurso	175
8 CONCLUSÕES	179
REFERÊNCIAS	188

1 INTRODUÇÃO

Em seu artigo clássico “A comparison of *wh*-clefts and *it*-clefts in discourse”, Prince (1978) reproduz uma afirmação bastante interessante de Bolinger (1972b *apud* Prince, 1978), segundo a qual a escolha de uma determinada estrutura gramatical (dada a existência de outras que expressam o mesmo conteúdo proposicional) nunca é aleatória, mas condicionada pela gramática ou por seu significado. Diz o autor:

Há situações em que o falante é limitado por uma regra gramatical, e há situações em que ele escolhe de acordo com o seu significado ...; mas não há situações no sistema em que “não faz diferença” para que lado você vai ... Esta é apenas outra maneira de dizer que todo contraste que uma língua permite sobreviver é relevante, em um momento ou outro (BOLINGER, 1972b *apud* PRINCE, 1978, p. 883. Tradução nossa).¹

De acordo com Prince (1978), duas construções que evidenciam essa afirmação são as *it*-clefts e as *wh*-clefts do inglês, construções análogas às clivadas canônicas e às pseudoclivadas do português, que se caracterizam por veicular um mesmo conteúdo proposicional embora tenham propriedades distintas.

(1)

- | | |
|-----------------------------------|------------|
| a. It was the cake that John ate. | = It-cleft |
| b. What John ate was the cake. | = Wh-cleft |

- | | |
|------------------------------------|--------------------|
| a. Foi um bolo que o João comeu. | = Clivada canônica |
| b. O que o João comeu foi um bolo. | = Pseudoclivada |

(2)

- | | |
|----------------------|------------------------|
| um bolo | = constituinte clivado |
| (O) que o João comeu | = oração clivada |

¹ No original: “There are situations where the speaker is constrained by a grammatical rule, and there are situations where he chooses according to his meaning ...; but there are no situations in the system where “it makes no difference” which way you go ... This is just another way of saying that every contrast a language permits to survive is relevant, some time or other.” (Bolinger 1972b:71).

Simplificadamente, pode-se dizer que na pseudoclivada do português a oração clivada (doravante, apenas O.C.) ocupa a posição de sujeito, à esquerda do predicado, que é formado pelo verbo *ser* seguido do constituinte clivado. Já na clivada canônica, a posição de sujeito é nula; o predicado é novamente formado pelo verbo *ser* seguido do constituinte clivado (doravante, apenas C.C.), e a O.C. ocupa uma posição que parece ser interna ao predicado, à direita do C.C. De modo geral, parecem ter como função dividir uma sentença simples, como *O João comeu o bolo*, em duas orações, cuja informação é distribuída de modo singular.

A partir de um estudo de corpus, Prince (1978) percebe que do ponto de vista da sintaxe ambas aceitam igualmente um NP na posição de C.C., mas advérbios e PPs ocorrem principalmente em clivadas canônicas, e VPs e sentenças em pseudoclivadas. Além disso, há diferença na extensão média de seus constituintes: nas pseudoclivadas a O.C. tem 1/3 do tamanho do C.C., e nas clivadas canônicas é a O.C. que é mais longa.

O que mais chama a atenção de Prince (1978), entretanto, são as propriedades semântico-pragmáticas dessas construções: pseudoclivadas diferem de clivadas canônicas em função do tipo de informação que veiculam. Para a autora, pseudoclivadas expressam, por meio da O.C., um conteúdo que “está na mente do interlocutor” quando ele a enuncia, e que é o “assunto” do segmento textual do qual faz parte. As clivadas canônicas não têm essa função: elas ou expressam contraste (quando o C.C. é acentuado) ou apresentam uma O.C. cujo conteúdo é novo para o interlocutor, o que Prince (1978) chama de *pressuposição informativa*.

Desde Prince (1978), diversos trabalhos têm estudado a articulação informacional das clivadas canônicas e das pseudoclivadas. No inglês, destacam-se os estudos de Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), que demonstram, a partir da “Hierarquia de Dadidade-Novidade”, dos conceitos *tópico* e “comentário” (GUNDEL, HEDBERG, ZACHARSKI, 1993; HEDBERG, GUNDEL e BORTHEN, 2019) e dos conceitos *Dado Antes de Novo* e “Primeira Coisas Primeiro” (HEDBERG, 1990), que as construções estão em distribuição complementar – algo já havia sido percebido por Prince (1978).

No português brasileiro (PB), a análise da estrutura informacional das clivadas é realizada por autores como Braga (2009) e Aleixo (2015), que apontam, assim como Hedberg (1988, 1990, 2013), que as construções exercem um papel particular na organização do discurso. Braga (2009), por exemplo, afirma que a clivada canônica (diferentemente da pseudoclivada) tende a retomar referentes [+ ativados] do discurso,

que instanciam uma “mudança de subtópico”, enquanto a pseudoclivada introduz referentes [-ativados], que são retomados como “tópicos” dos contextos subsequentes.

No PB, também temos estudos cujo enfoque recai sobre a *função textual* das clivadas. Andrade (2019), por exemplo, retoma o trabalho de Delin e Oberlander (1995) e, a partir de um estudo em SDRT (ASCHER, LASCARIDES, 2003), mostra que, em contextos de fala, as clivadas canônicas podem ter como função finalizar um trecho do discurso, ao passo que outras variedades (as clivadas invertidas) contribuem para a sua progressão.

Aqui, cumpre salientar que há uma grande variedade de construções clivadas no PB. Braga (2009), por exemplo, atesta a existência de pelo menos cinco tipos: as clivadas canônicas, as pseudoclivadas, as pseudoclivadas extrapostas, as pseudoclivadas invertidas, as construções FOCO SER, as construções É QUE e as construções QUE²:

- | | |
|---------------------------------|---|
| (a) Construção É QUE: | Lanternagem é que tem muita. |
| (b) Construção QUE: | Os paraíba brabo lá do fundo que... que fala mal. |
| (c) Pseudoclivadas invertidas: | Bife é o que mais caro sai hoje em dia. |
| (d) Pseudoclivadas extrapostas: | Olha, não fui EU quem tirou a medida. |
| (e) FOCO SER: | tinha que fazer era mamadeira mesmo. |

(BRAGA, 2009; p. 180-181. Sem grifos originais.)

Em razão de serem as mais sistematicamente analisadas em inglês – e possivelmente entre as mais utilizadas no PB –, cuja literatura é aqui a referência principal, este trabalho analisa, basicamente, as duas construções apresentadas em Prince (1978): as clivadas canônicas e as pseudoclivadas. Seu objetivo principal é procurar entender se as observações a respeito do caráter informacional dessas construções no inglês se aplicam ao português; se permitem compreender como elas se distribuem no discurso; e se, concomitantemente, é possível refinar tais observações.

A literatura sobre as construções clivadas é abundante, tanto em inglês como em português, mas, em razão da concentração na discussão empírica, optou-se por trabalhar com uma seleção de caráter pessoal, em que há uma preferência analítica. Em relação à literatura em língua inglesa, interessa, em especial, o trabalho de Prince (1978), por tratar-

² Em Andrade (2019), as clivadas *foco ser* são chamadas de *clivadas invertidas*; a *construção É QUE* é chamada de *clivada invertida*; e a *construção QUE* é chamada de *clivada reduzida*.

se de um artigo clássico sobre a articulação informacional das clivadas, mas também os trabalhos de Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), que aprofundam as conclusões de Prince (1978). No P.B., interessa os trabalhos de Braga (2019) e Aleixo (2015), que também estudam as propriedades informacionais dessas construções, e de Andrade (2019), que discute, pormenorizadamente, a função textual das clivadas canônicas.

É importante salientar que nos estudos de Braga (2019) e Aleixo (2015) há um enfoque na análise do *status cognitivo* do C.C., com apenas algumas menções ao *status cognitivo da O.C.*

Com relação ao C.C., os autores estudam, a partir de Lambrecht (1994), os contextos nos quais ele é [+ ativado] e [-ativado], e os relacionam a um conceito frequentemente associado às clivadas: o de *contraste*.

De acordo com Kiss (1998), o conceito de *contraste* pode ser definido a partir da análise de dois tipos de foco: o *foco informacional* e o *foco identificacional*. De acordo com a autora, o *foco identificacional* envolve a identificação de um elemento, em um conjunto de alternativas, como aquele que satisfaz uma variável “x” em uma dada predicação, implicando a exclusão de outro elemento desse conjunto – o chamado “efeito de exaustividade”. Por exemplo, em *Foi o João que comeu o bolo*, supõe-se a existência de um conjunto de alternativas que inclui a entidade *o João* e (por exemplo) a entidade *o Pedro*. Em uma operação de *foco identificacional*, a operação de clivagem incide sobre a sentença *O João comeu um bolo* (que veicula *foco informacional*), para que se exclua a alternativa *Pedro*. Nesse caso, *Pedro* e *João* entram em contraste.

A partir de Taglicht (1984), Braga (2009) apresenta, ainda, dois outros tipos de contraste: o *contraste explícito* – quando as alternativas contextuais estão explícitas – e o *contraste implícito* – quando as alternativas contextuais estão implícitas. Em seu estudo, Braga (2009) identifica que é o *contraste implícito* que mais frequentemente ocorre nas clivadas – um dado também encontrado por Aleixo (2015), que afirma que embora as clivadas canônicas e as pseudoclivadas veiculem ambos os tipos, o *implícito* é o mais comum.

O trabalho de Teixeira e Menuzzi (2014), contudo, é o que mais se aprofunda nessa questão. A partir de um estudo de corpus em textos da imprensa brasileira, os autores demonstram que a inferência de exclusão não se trata somente de *inclusão por meio de exclusão*, como defende Kiss (1988). Para os autores, tal inferência é bem mais complexa, pois envolve, além de *identificação por exclusão*, inferências de *identificação*

por exatidão; de identificação por exclusão, mas não de todas as alternativas potenciais; e de identificação por meio de ordenação e comparação de alternativas, entre outras. De acordo com os autores,

“O termo ‘efeitos de exaustividade’ é impróprio para caracterizar o conjunto de efeitos contextuais acionados pela focalização do termo clivado. Nos exemplos [...], são poucos os casos em que o efeito se restringe a ‘delimitar exaustivamente’ o domínio de aplicação da predicação da clivada.”.

(Teixeira e Menuzzi, 2015; p. 83).

Como vemos, tanto Teixeira e Menuzzi (2015) como Braga (2009) e Aleixo (2015) apresentam um estudo com enfoque no C.C., mas nenhum apresenta uma análise sistemática sobre o status cognitivo da O.C. Braga (2009) e Aleixo (2015) chegam a mencionar que o status cognitivo da O.C. parece ter um comportamento previsível em certas condições, mas tal observação não é aprofundada.

É nos trabalhos de Hedberg (1988, 1990, 2013) e Hedberg e Fadden (2007) que encontramos um estudo mais sistemático sobre o status cognitivo da O.C. Para as autoras, ela funciona como um *constituente descontínuo*, responsável pela escolha do pronome que introduz a clivada canônica no inglês. Como veremos, é uma análise difícil de ser reproduzida em português, mas que aponta que também é possível analisar o status cognitivo da O.C. e justifica a inclusão desses estudos no referencial teórico desse trabalho.

Com base nas discussões apresentadas, esse trabalho estuda a distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas no português brasileiro, tendo como objetivo geral explicitar como elas contribuem para a organização do discurso. Partindo da observação de Prince (1978) de que há um subtipo de clivada canônica – a *IP-cleft* – que, em oposição às pseudoclivadas, é mais frequentemente encontrada em abertura de discurso, procura levantar as propriedades que as clivadas exibem em posição inicial, medial e final de textos escritos, a partir de uma análise baseada na Hierarquia de Dadidade-Novidade (HEDBERG, GUNDEL, ZACHARSKI, 1994; HEDBERG, GUNDEL e BORTHEN, 2019).

Com base em uma discussão detalhada dos estudos da língua inglesa – de Prince (1978), de Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) e de Hedberg e Fadden (2007) –, e da língua portuguesa – de Braga (2009), de Aleixo (2015) e de Andrade (2019) –, busca delimitar as questões que interessam nesse estudo e, concomitantemente, definir uma metodologia

de pesquisa dirigida a responder a tais questões. Seu método, em síntese, consiste em analisar o status cognitivo das partes que compõem as clivadas, através de dados coletados no CorPop – corpus de referência do português popular brasileiro escrito (PASQUALINI, 2018; FINNATO, 2012).

Novamente, o objetivo principal desse estudo é contribuir para o entendimento de como as clivadas canônicas e as pseudoclivadas funcionam no discurso. Mais especificamente, busca avançar na compreensão de seu funcionamento em textos escritos – jornalísticos, de pequena e média extensão – e do que determina a posição que ocupam – se inicial, medial ou final de textos.

Em primeiro lugar, questiona quais são as propriedades informacionais das construções clivadas (clivadas canônicas e pseudoclivadas) que

- (i) são encontradas com mais facilidade em abertura de discurso;
- (ii) são encontradas com mais facilidade em final de discurso; e
- (iii) são encontradas com mais facilidade em meio de discurso.

Em segundo lugar, procura entender

- (iv) se há diferenças informacionais entre clivadas canônicas e pseudoclivadas nestas posições e
- (v) como as propriedades informacionais encontradas se relacionam com a posição inicial, medial e final ocupada pela construção clivada.

Nesse estudo, são analisados textos do jornal “Diário Gaúcho”, retirados do corpus CorPop (PASQUALINI, 2018), cuja escolha se justifica por ser um corpus gratuito, que contém um número considerável de textos e poder ser analisado, facilmente, por meio de programas de computador (o programa *Skecth Engine*). Também é relevante em razão de sua representatividade: contém textos “simples”, que, segundo Pasqualini (2018; p. 14), “significa, grosso modo, um texto que seja compatível com o nível de letramento médio da maioria dos brasileiros adultos e, a princípio, não seja de áreas especializadas”. De acordo com a autora,

Um corpus “popular” do Português do Brasil, tal como o pensamos, além de ser, por si só, um acervo linguístico do Português Popular

Escrito da nossa época, será útil para estudos de várias disciplinas dentro do grande campo da Linguística, bem como poderá ser usado como uma referência para ferramentas de Processamento de Língua Natural (PLN) que cumpram tarefas de auxílio à leitura e à escrita, avaliação de complexidade textual e simplificação textual automática e semiautomática. [...] não há consenso na comunidade científica dos Estudos da Linguagem sobre o que é o “simples” na língua (falada ou escrita) – seja em termos de léxico ou de sintaxe, para ficarmos apenas nesses aspectos. Essa falta de consenso entre linguistas, especialmente entre os estudiosos do texto e do discurso, indiretamente, tem desamparado a modelagem computacional e a criação de ferramentas competentes de avaliação de complexidade e de simplificação textual. Isso porque, como sabemos, essas ferramentas partem de lógicas e de padrões recorrentes, previamente apontados por pessoas que produzem e julgam a compreensibilidade de textos e que os estudam e os descrevem como objetos de suas ciências (PASQUALINI, 2018; p. 14-15).

Como vemos, a análise da distribuição textual das clivadas canônicas e das pseudoclivadas não auxiliará somente nas questões que dizem respeito às suas propriedades de significado e à organização do discurso, mas também na identificação mais precisa das propriedades do gênero “texto jornalístico do português escrito popular” e na identificação do que é um texto voltado para leitores de nível médio de letramento.

A pertinência do trabalho se justifica, portanto, de dois modos:

Em relação à justificativa interna, a análise da distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas em textos escritos pode contribuir para um melhor entendimento e enriquecimento das análises existentes no português brasileiro. Com relação à Andrade (2019), será possível aprofundar a compreensão da relação entre as clivadas canônicas e suas funções textuais, em especial no que concerne as *IP-clefts* e a *função conclusiva*. Já com relação aos estudos de Braga (2009) e Aleixo (2015), a análise do *status* cognitivo das partes que compõem a clivada a partir da *hierarquia de dadidade-novidade* (HEDBERG & FADDEN, 2007) pode ajudar a identificar níveis intermediários de *dadidade relacional*, dificilmente percebidos pela dicotomia [+ ativado] e [- ativado]. Isso permitirá, inclusive, analisar as propriedades da própria hierarquia de Hedberg e Fadden (2007), esclarecendo seu uso como ferramenta metodológica.

Note-se, ainda, a contribuição que dá para o entendimento do que é um texto para leitores com nível médio de letramento, bem para as características do gênero “texto jornalístico do português escrito popular”.

Com relação à justificativa externa, esse estudo tem a vantagem de colocar as construções clivadas em um lugar mais central no âmbito do ensino de línguas. De acordo

com Aleixo (2015), as construções de clivagem já estão presentes em algumas gramáticas do português, como as de Perini (1995), de Neves (2001) e de Mateus et. al. (2003). Entretanto, seu estudo, quando comparado com outras línguas, ainda é incipiente no Brasil.

Por exemplo, em materiais didáticos para o ensino de inglês como língua adicional, as construções clivadas são entendidas como eficientes mecanismos de comunicação e são geralmente apresentadas em livros didáticos de níveis mais avançados, como o livro “Touchstone 4”, de McCarthy, McCarten e Sandiford (2005), em que as pseudoclivadas são apresentadas como construções que ajudam a “introduzir informação importante”.

Imagem 1: Pseudoclivadas no livro “Touchstone 4”

Grammar *What* clauses; long noun phrase subjects 4.19 Extra practice p. 151

What clauses and long noun phrases introduce important information. They are often the subject of the verb *be*, which can be followed by a word or a phrase (noun, adjective, or verb) or by a clause.

<p>What clauses</p> <p>What you need is lots of information.</p> <p>What my friend did was interesting.</p> <p>What I would do is talk to people.</p> <p>What I'm saying is (that) you need to choose a career you'll really like.</p>	<p>Long noun phrases</p> <p>The main thing you need is information.</p> <p>Something my friend did was interesting.</p> <p>The best thing to do is (to) talk to people.</p> <p>The good thing about that is (that) you end up with a job you love.</p>
---	---

(McCARTHY, McCARTEN, SANDIFORD; 2005)

No livro Viewpoint 2, os autores apresentam algumas funções que clivadas canônicas exercem na escrita, como “referir-se à informação recentemente mencionada”:

Imagem 2: Clivadas canônicas no livro “Viewpoint 2”

- Other expressions refer back to something that has just been mentioned, e.g.:
*It is an issue that . . . , It was a decision that . . . , It is a story that . . . , It is a system/process that . . . ,
 It was a reminder that . . . , It was a moment that . . .*
*In 1919, the atom was first split. **It was a moment that** changed history forever.*

(McCARTHY, McCARTEN, SANDIFORD; 2012)

No âmbito da avaliação da escrita, a análise das clivadas pode contribuir para um melhor entendimento dos aspectos que contribuem para a organização do discurso. As diretrizes de avaliação da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) são um exemplo.

No ENEM, são avaliadas cinco competências:

Imagem 3: Competências avaliadas na redação do ENEM 2019

Competência 1:	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência 2:	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência 3:	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência 4:	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência 5:	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

(INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
ANÍSIO TEIEIRA – INEP, 2019; p. 6)

De acordo com o Manual do Avaliador 2019, disponibilizado ao público geral em 2020, a sintaxe é mencionada na competência 1, em que terá a nota máxima o candidato que demonstrar “estrutura sintática excelente (no máximo, uma falha) E, no máximo, dois desvios” (INEP, 2019; p. 10). De acordo com o material, a sintaxe é excelente quando o candidato faz uso de construções complexas, como “orações intercaladas, subordinações e até mesmo inversões” (INEP, 2019; p. 14). Há, aqui, a oportunidade de o material mencionar também as construções clivadas.

A avaliação da coesão textual é identificada na competência 4, que descreve como elementos de coesão a “coesão referencial” e a “coesão sequencial”.

No âmbito da coesão referencial, o manual inclui os conceitos de *formas gramaticais* (uso de pronomes, advérbios, verbos, definitivação, elipse e numerais) e de *formas lexicais* (relação de sinonímia, hiperonímia-hiponímia, nomes genéricos e nominalizações). No âmbito da coesão sequencial, são mencionadas a *sequenciação*

parafrástica (recorrência de mesmos termos e estrutura sintática) e a *sequenciação frástica*, que inclui a *manutenção temática* (estabelecida pelo uso de termos do mesmo campo lexical), o *encadeamento por justaposição* (orações subordinadas, geralmente adverbiais e adjetivas) e o *encadeamento por conexão* (uso de operadores argumentativos). Aqui, há a oportunidade de as construções clivadas serem incluídas como mais um exemplo de encadeamento por justaposição.

Em resumo, a análise das clivadas canônicas e das pseudoclivadas pode contribuir para questões que envolvem o ensino de línguas (em particular de língua portuguesa) e para o melhor estabelecimento de critérios de avaliação de redações. Se clivadas funcionam como poderosos mecanismos de organização do discurso (HEDBERG 1988, 1990), devem ajudar a identificar diferentes níveis de proficiência linguística (em particular de proficiência escrita).

Por fim, no que concerne à estruturação desse trabalho, temos o seguinte: os capítulos 2, 3 e 4 apresentam o referencial teórico, em que os capítulos 2 e 3 exploram as análises realizadas em língua inglesa e o capítulo 4 em língua portuguesa. No capítulo 5, são apresentadas as questões norteadoras, os objetivos e a metodologia. No capítulo 6, são apresentados os resultados, seguidos, no capítulo 7, da discussão qualitativa de casos prototípicos de clivadas em posição inicial, medial e final. O trabalho é encerrado no capítulo 8, em que se apresenta um resumo das principais conclusões.

Os resultados demonstram que

- (i) clivadas canônicas de fato são mais frequentes do que pseudoclivadas em abertura e finalização de discurso;
- (ii) nas duas construções, o constituinte à esquerda tende a veicular informação que é mais *dada* em relação ao constituinte à direita, ainda que ambos sejam [+ ativados];
- (iii) em abertura de discurso, é a asserção da clivada canônica que contribui para a progressão do discurso;
- (iv) pseudoclivadas parecem ter a si associadas um pressuposição de unicidade, ao passo que nas clivadas canônicas a pressuposição pode ser apenas existencial.

Além disso, o trabalho ressalta a importância de levar-se em consideração o gênero textual, uma vez que as *IP-clefts* podem ocorrer mais naturalmente, por exemplo,

em textos do gênero acadêmico, e não em textos para leitores com nível médio de letramento.

2 A VISÃO CLÁSSICA DAS CLIVADAS CANÔNICAS E DAS PSEUDOCLIVADAS NO INGLÊS: A ANÁLISE DE PRINCE (1978)

Em Prince (1978), clivadas e pseudoclivadas são inicialmente distinguidas em razão das noções de *informação presente na consciência do ouvinte* e *informação dada/velha*, que, posteriormente, a autora delimita, respectivamente, através dos conceitos *dado* e *conhecido*:

- a. INFORMAÇÃO DADA: Informação que o falante³ cooperativo pode presumir que está apropriadamente na consciência do ouvinte.
- b. INFORMAÇÃO CONHECIDA: Informação que o falante representa como sendo factual e já conhecida por certas pessoas (muitas vezes não incluindo o ouvinte).

(PRINCE, 1972; p. 903)⁴

Nessa seção, analisamos os principais argumentos de Prince (1978) em favor dessa distinção, bem como das diferenças de significado entre clivadas canônicas e pseudoclivadas. Veremos que, para certas ocorrências de clivadas canônicas, Prince (1972) introduz a noção de *pressuposição informativa*, que seria um caso particular de *informação conhecida*. Finalizamos discutindo alguns contra-argumentos à análise de Prince (1978), propostos por Declerck (1982) e Hedberg (1990), e discutimos, a partir do conceito de *acomodação* (LAMBRECHT, 2001; VON FINTEL, 2008; BEAVER e ZEEVAT; 2012), a natureza da pressuposição informativa.

2.1 A análise das pseudoclivadas

De acordo com Prince (1978), pseudoclivadas contêm uma O.C. que veicula material que não somente é *conhecimento compartilhado*, mas que deve estar *presente na consciência do ouvinte* quando a pseudoclivada é enunciada. A autora elenca quatro

³ Em inglês, Prince (1978) utiliza o termo *cooperative speaker*, isto é, *falante cooperativo*. Entendemos que, normalmente, o conceito de *cooperativo* se refere ao *ouvinte*, já que, em geral, é o “falante” que “conta” com um *ouvinte cooperativo* para que suas escolhas e enunciados tenham sucesso. Por essa razão, utilizaremos, ao contrário de Prince (1978), o termo *ouvinte cooperativo*, mantendo *falante cooperativo* quando se tratar da tradução.

⁴ No original: “a. GIVEN INFORMATION: Information which the cooperative speaker may assume is appropriately in the hearer's consciousness. b. KNOWN INFORMATION: Information which the speaker represents as being factual and as already known to certain persons (often not including the hearer).”

contextos típicos de ocorrência das pseudoclivadas: informação explícita, informação implícita, contraste, antecedente metalinguístico, sentenças do tipo “eu acho” e sentenças do tipo “acontece”. A partir dessa análise, Prince (1972) conclui que o conteúdo da O.C. não precisa estar *de fato* na consciência do ouvinte, desde que, cooperativamente, o falante considere que é natural que estivesse.

Com relação à *informação conhecida*, Prince (1978) afirma que a ela estão relacionados dois conceitos: o de *pressuposição lógica*⁵ e a noção discursiva de *informação velha*. Nos casos estudados pela autora, essa informação pode estar no contexto precedente de modo explícito, como em (3), ou ser recuperada por meio de inferências, como em (4), em que, do fato de o falante estar trêmulo, infere-se que algo o deixou assim.

(3)

“Não há dúvida do que eles estão atrás. O QUE O COMITÊ BUSCA é alguém da Casa Branca. Eles gostariam de ter Halderman ou Colson, ou Ehrlichman.” (PRINCE, 1978; p. 887)⁶

(4)

“Disseram que ele ... não está tão desesperado hoje quanto estava ontem, mas ainda está à beira do precipício, ou pelo menos trêmulo. O QUE O DEIXOU TRÊMULO é que ele viu McCord [...] ...” (PRINCE, 1978; p. 887)⁷

Há, ainda, casos mais complexos, em que a autora recorre ao conceito de *pontes* (no original, *bridges*, cf. HAVILAND & CLARK, 1974 *apud* PRINCE, 1978). Segundo Prince (1978), uma *ponte* é uma inferência que o interlocutor constrói para que, da sentença enunciada, ele possa chegar à informação velha (PRINCE, 1978; p. 887).

Em (5), a primeira sentença informa, indiretamente, que Flusser acredita que existe um problema, e para interpretar a pseudoclivada o interlocutor constrói uma *ponte*,

⁵ A autora utiliza a definição da gramática transformacional (Keenan, 1971) para o conceito de *pressuposição informativa*: “uma sentença S pressupõe uma sentença S’ no caso de S implicar logicamente S’ e a negação de S, ~S, também implicar logicamente S’” (no original, “a sentence S presupposes a sentence S’ just in case S logically implies S’ and the negation of S, ~S, also logically implies S’” (PRINCE, 1978; p. 884).

⁶ No original: “There is no question what they are after. WHAT THE COMMITTEE IS AFTER is somebody at the White House. They would like to get Halderman or Colson, or Ehrlichman” (p. 887)

⁷ No original: “He is reported... not to be as desperate today as he was yesterday but to still be on the brink, or at least shaky. WHAT’S MADE HIM SHAKY is that he’s seen McCord. (p. 887)

pela qual infere que, se alguém vê algum problema em uma situação, está preocupado com algo:

(5)

“Ele mesmo um judeu religioso, o Prof. Flusser diz que a piedade de Carter não é o problema. “O QUE ME PREOCUPA”, declara ele, “é que a influência dos conselheiros de Carter pode eclipsar a influência do Espírito Divino”.⁸ (PRINCE, 1978; p. 887)

A partir desses exemplos, a autora afirma que, no caso de uma pseudoclivada, o conteúdo da O.C. deve, pelo menos, ser inferível por meio de uma *ponte*.

Em relação à distribuição no discurso, Prince (1978) sugere que, em razão de veicular *informação conhecida*, pseudoclivadas não devem ocorrer em abertura de discurso. Mas a autora reporta um caso, encontrado por Klima & Bellugi-Klima (1969 *apud* PRINCE, 1978), em que uma pseudoclivada aparece nessa posição (indicada por ##) em um texto acadêmico:

(6)

“## O QUE DEFINIMOS COMO NOSSO OBJETIVO é a capacidade gramatical das crianças – uma parte de sua competência linguística”⁹ (Klima & Bellugi-Klima, 1969 *apud* Prince, 1978 p. 888)

Para a autora, a interpretação dessa pseudoclivada envolve novamente uma inferência do tipo *ponte*, que leva em consideração que um leitor de artigos acadêmicos sabe que autores desses artigos têm objetivos. Essa inferência, entretanto, não é suficiente para explicar o uso da pseudoclivada. Prince (1978) afirma que o conteúdo da O.C. também deve estar “presente na mente do interlocutor” *no momento* em que ele a ouve.

Por exemplo, em (8a), (8b) e (8c), a pseudoclivada deveria funcionar, pois sabemos que pessoas têm nome, ouvem falar sobre coisas e costumam fazer coisas.

⁸ No original: “Himself a religious Jew, Prof. Flusser says that Carter’s piety is not the problem. “WHAT I’M WORRIED ABOUT”, he declares, “is that the influence of Carter’s advisers may eclipse the influence of the Divine Spirit.”

⁹ No original: “WHAT WE HAVE SET AS OUR GOAL is the grammatical capacity of children – a part of their linguistic competence” (Klima & Bellugi-Klima, 1969 *apud* Prince, 1978 p. 888)

(7)

- a. ?? ## Oi! O QUE O MEU NOME é é João.
- b. ?? ## Oi! O QUE OUVI FALAR foi sobre o seu trabalho.
- c. ?? ## Oi! O QUE VOCÊ COSTUMAVA FAZER era ir à escola com meu amigo.

(Adaptado de Prince, 1978; p. 889)

Para Prince (1978), a impossibilidade de uso das pseudoclivadas em (7) decorre do fato de que nesse tipo de construção o conteúdo da O.C. deve estar ativo na consciência do interlocutor.¹⁰ Isso fica mais claro se em (7) as substituirmos por sentenças simples, que são adequadas justamente porque não fazem essa exigência (por exemplo, “Oi! O meu nome é João”).

Mas como poderíamos definir se um conteúdo “está ativo na consciência” de alguém?

De acordo com a autora, devemos levar em consideração a *situação de fala* (*speech situation*, cf. PRINCE, 1978; p. 888). Um professor pode começar uma palestra com a sentença em (8a), mas não em (8b), e (9) só pode ser dita em um contexto, por exemplo, em que um vizinho frequentemente pede coisas emprestadas:

(8)

- a. ## O que vamos estudar hoje (neste semestre) é...
- b. ## *O que um dos meus colegas disse de manhã foi...¹¹

(9) ## Oi! O que eu gostaria de pegar emprestado hoje é uma xícara de açúcar.¹²

(PRINCE, 1978; p. 888)

Assim, a autora conclui que a informação não precisa *de fato* estar na memória do ouvinte *naquele momento*. O ouvinte apenas precisa supor que, naquela situação, é natural que estivesse. Em outras palavras, o ouvinte precisa ser *cooperativo* (PRINCE, 1978; p. 888).

¹⁰ Ao longo da discussão de Prince (1978), utilizaremos os termos “presentes na mente do ouvinte” e “presentes na consciência do ouvinte” como sinônimos.

¹¹ No original: “a. ##What we are going to look at today (this term) is... / b. ##*What one of my colleagues said this morning was...”

¹² No original: “##Hi! What I wonder if I might borrow this time is a cup of sugar.”

Com base em uma análise de corpus, Prince (1978) categoriza as pseudoclivadas em quatro tipos de contextos de ocorrência da sentença, e em todos eles é possível afirmar que o conteúdo da O.C. está (ou é natural que esteja) presente na consciência do ouvinte. São eles: informação explícita, informação implícita, informação do tipo “eu acho” e do tipo “acontece”.

Em (10), a informação contida na O.C. é veiculada *explicitamente* no contexto linguístico precedente. É um tipo que também inclui casos em que a informação está no contexto extralinguístico.

(10)

“Em Haviland e Clark, eles dizem que... Certamente O QUE ELES ESTÃO FALANDO é que...” (PRINCE, 1978; p. 889)¹³

Raramente, contudo, o falante repete um antecedente como em (10), e normalmente o ouvinte precisa fazer um esforço maior para recuperar uma informação. Reiterando que a distinção entre informação implícita e explícita nem sempre é clara, Prince (1978) afirma que em (11) temos um caso de *informação implícita*, em que da informação “ódio furioso pelos democratas” é possível inferir que algo repele o falante.

(11)

“No primeiro contato, ele desenvolveu um ódio furioso pelo partido dos social-democratas. “O QUE MAIS ME REPELIU”, diz ele, “foi sua atitude hostil para com a luta” (PRINCE, 1978; p. 889).¹⁴

Casos de *contraste* envolvem oposições do tipo negação/afirmação, uso de comparativos/superlativos etc., como em (12):

¹³ No original: “In Haviland and Clark (in press) they say that... Certainly what they are talking about is...”

¹⁴ No original: “At first contact he developed a furious hatred for the party of the Social Democrats. “What most repelled me”, he says, “was its hostile attitude toward the struggle.”

(12)

“Nossa posição é dinâmica. Será cada vez mais refinada à medida que as condições mudam no curso da luta. O QUE É CONSTANTE é o nosso compromisso com a emancipação revolucionária da Etiópia.” (PRINCE, 1978; p. 890)¹⁵

Prince (1978) chama de *antecedentes metalinguísticos* casos que envolvem expressões do tipo “o que eu quis dizer”, “o que eu quero dizer” etc., que se referem à tentativa do falante de detalhar ou explicar um enunciado anterior. Eles são similares aos casos com antecedentes do tipo “eu acho/penso” e “aconteceu”, pois referem-se a pensamentos, opiniões, observações, reações etc. que são entendidos como de interesse ou preocupação constante. De acordo com Prince (1978), são mais comuns no discurso conversacional:

(13)

a. “Nixon: ‘... Eu sabia que algo estava acontecendo, mas não sabia que era uma Caçada.’

Dean: “O QUE REALMENTE ME PREOCUPA É: primeiro, isso não vai vazar algum dia e a coisa toda - situação de dominó - tudo começa a desmoronar, dedos estarão apontando ...”¹⁶ (PRINCE, 1972; p. 891)

b. A: Você não parece bem.

B: E não estou. Ando muito estressado ultimamente. O QUE ACONTECE é que estou trabalhando muito.

Prince (1978) faz ainda uma observação bastante interessante a respeito dos casos com “o que eu penso”, “o que eu acho” etc. De acordo com a autora, nem sempre esse tipo de pseudoclivada é aceitável. Em situações altamente ritualizadas, como conversas com atendentes de empresas telefônicas, pseudoclivadas com essas expressões não são permitidas porque, nesse caso, não faz sentido supor que o conteúdo da O.C. é de preocupação do ouvinte naquele momento – como vemos no exemplo a seguir:

¹⁵ No original: ““Our position is a dynamic one. It will be more and more refined as conditions change in the course of the struggle. What is constant is our commitment to a revolutionary emancipation of Ethiopia”.

¹⁶ No original: “Nixon: ‘... I knew there was something going on, but I didn’t know it was a Hunt.’

Dean: “WHAT REALLY TROUBLES ME is: one, will this thing not break some day and the whole thing – domino situation – everything starts crumbling, fingers will be pointing...”.

(14)

[Ligação de telefone]

A: Desculpe, atendente, mas não estou conseguindo te ouvir.

B: Acho que o sinal está fraco. Espere um momento.

B': *O QUE EU ACHO que é que o sinal está fraco. Espere um momento.

Outro caso interessante é o que envolve o uso de *hedges* (“precauções”) na O.C. (cf. PRINCE, 1976). Trata-se de um tipo de expressão que reduz a responsabilidade do falante sobre aquilo que ele diz. Em (15a), por exemplo, a O.C. contém a expressão “eu acho”, em que o referente expresso pela O.C. (o que ele acha que não faria) pode ser reconstruído, por contraste, a partir do referente dado no contexto precedente (as muitas coisas que ele faria). A sentença em (15b), por sua vez, não é aceitável, porque o C.C. contém *toda* a *hedge*, sendo muito fraco informacionalmente para representar algo em que o ouvinte está pensando (compare “a” com “b”: é mais fácil supor que o ouvinte tem em mente que “acha” algo do que “que não acha”).

(15)

a. Eu faria muitas coisas malucas, mas o que eu acho que não faria seria gastar todo o meu salário viajando por aí.

b. ... * mas o que eu não acho é que eu gastaria todo o meu salário...

(Adaptado de PRINCE, 1972)

A autora apresenta ainda um caso bastante interessante, reproduzido em (16). Nele, o sintagma “ela o chamasse assim” está mais imediatamente presente na consciência do ouvinte do que o sintagma “alguma coisa me chocou”. A pseudoclivada não é adequada porque coloca aquilo que é “mais velho” (no caso, o C.C.) no final:

(16)

A: Não foi incrível quando a Maria chamou o chefe de porco?

B: Sim, realmente me chocou que ela o chamasse assim.

B': Sim, que ela o chamasse assim realmente me chocou.

B'': * Sim, o que realmente me chocou foi que ela o chamasse assim.¹⁷

(PRINCE, 1978; p.892)

De acordo com Prince (1978):

“Embora possa ser muito forte afirmar que o foco de uma pseudoclivada [isto é, seu constituinte clivado] deve apresentar informações absolutamente novas, claramente ele não deve ser assumido como MAIS proeminente na consciência do ouvinte do que as informações na oração-QU”¹⁸ (PRINCE, 1978; p. 892)

Vimos até aqui que para Prince (1978) a O.C. das pseudoclivadas precisa de material que é *dado*, ou seja, que é *velho* e está *ativo na consciência do ouvinte*. Mas, segundo Prince (1978), tais construções exibem ainda uma outra propriedade: sua O.C. deve expressar o *tema* do trecho do discurso do qual fazem parte. A autora segue a concepção de *tema* como proposta por Halliday (1967 *apud* PRINCE, 1972; p. 896), para quem a *informação dada* refere-se àquilo sobre o que se *estava* falando, e *tema* àquilo sobre o que se está falando *agora*.

Por exemplo, em (17) a pseudoclivada não é adequada porque o *tema* desse trecho é “Joana”, e ao usar a pseudoclivada o falante parece estar mudando deste *tema* para “a pessoa com quem eu estava”. É interessante notar que aqui é a clivada canônica que é aceitável.

¹⁷ No original: A: Wasn't it incredible when Mary called the boss a pig?

B: Yeah, it really shocked me that she called him that.

Yeah, that she called him that really shocked me.

*Yeah, what really shocked me was that she called him that.

Também percebemos que, de fato, se fizermos uma estrutura mais ou menos equivalente à inversão dessa clivada (a simples inversão não é possível gramaticalmente), a sentença fica boa: “Sim, o modo como ela o chamou realmente me chocou”.

¹⁸ No original: “While it may too strong to claim that the focus in a WH-cleft must present absolutely new information, it clearly must not be assumed to be MORE prominent in the hearer's consciousness than the information in the wh-clause”.

(17)

A: Quem é a Joana?

B': Deixa eu te dizer. Quando tu me viste pela última vez com alguém, era a Joana que(m) falava comigo.

B'': ?? ... a Joana falava comigo.

B''': ? ... quem falava comigo era a Joana.

(Adaptado de PRINCE, 1978; p. 897)

Segundo Prince (1978):

“É talvez por causa de tais situações que o foco de uma pseudoclivada deve ser distintamente menos ativo na consciência (presumida) do ouvinte do que a informação na oração-QU; possivelmente o que é mais proeminente na consciência é (normalmente?) o tema; e em pseudoclivadas a oração-QU é um tema marcado”. (PRINCE, 1978; p.897-898)¹⁹

Ou seja, além de se diferenciarem em razão do status cognitivo da informação que é veiculada pela O.C., isto é, se ativa ou não na consciência do interlocutor, as pseudoclivadas devem obedecer a uma distribuição em que o material mais dado deve preceder o material mais novo, e em que a O.C. é o *tema*.

Em resumo, Prince (1978) acredita que pseudoclivadas diferem de clivadas canônicas porque, além de sua O.C. veicular informação *velha*, essa informação precisa ser o *tema* do trecho em questão, e deve estar ativa na consciência do ouvinte *cooperativo* – ou seja, ela não precisa *de fato* estar na consciência dele, contanto que ele possa presumir que isso é aceitável.

Além disso, o status cognitivo da informação do C.C. não pode ser mais proeminente do que o da O.C. (a nosso ver, não pode estar “mais ativo” ou “estar mais recente” na memória do que o C.C.). Essas conclusões parecem ser corroboradas pela análise da “situação de fala” e do modo como o conteúdo da O.C. pode ser reconstruído (por material explícito ou implícito, contraste, relação metalinguística etc.).

A partir dessas constatações, a autora formula o seguinte requisito para o uso de uma pseudoclivada:

¹⁹ No original: “It is perhaps because of such situations that the focus of a wh-cleft must be distinctly less active in the hearer’s (assumed) consciousness than the information in the wh-clause: possibly that which is most prominent in the consciousness is (usually?) the theme; and in wh-clefts, the wh-clause is a marked theme”.

Condição discursiva das pseudoclivadas: uma pseudoclivada não ocorrerá de forma coerente em um discurso se o material dentro da oração clivada (sujeito) não representar material que o falante cooperativo pode assumir como presente na consciência do ouvinte no momento em que ouve o enunciado. (PRINCE, 1972; p. 888)²⁰

2.2 A análise das clivadas canônicas

Diferentemente das pseudoclivadas, as clivadas canônicas não exigem que o ouvinte esteja pensando no conteúdo da O.C. Uma evidência para essa afirmação é que somente clivadas canônicas podem apresentar uma *pressuposição informativa*.²¹

Segundo Prince, no discurso as clivadas canônicas podem ser de dois tipos: com *acento no foco*, isto é, no C.C., ou com acento no interior da O.C., em cujo caso a O.C. seria uma *pressuposição informativa*.

O C.C. das clivadas *com acento no foco* veicula informação nova, quase sempre contrastiva, e a O.C. veicula informação *velha*, isto é, *informação dada*:

(19)

“Haldeman: ‘... acho que ele fará tudo o que puder para que o presidente não seja atingido.

Nixon: ‘Sim, todos devem fazer isso, porque NÃO SERÁ O HOMEM, SERÁ O GOVERNO (que será atingido)’ (PRINCE, 1978; p. 897)²²

²⁰ No original: “Discourse condition on WH-clefts: A WH-cleft will not occur coherently in a discourse if the material inside the (subject) WH-clause does not represent material which the cooperative speaker can assume to be in the hearer’s consciousness at the time of hearing the utterance”.

²¹ A autora também apresenta como evidências casos que envolvem a clivagem de expressões idiomáticas. O exemplo (18) mostra que, em inglês, elas não são possíveis em uma pseudoclivada, pois nesse caso não se presume que estão na consciência do ouvinte. Como a clivada canônica é adequada nesse contexto, segue-se que essa construção não faz essa exigência.

(18)

“It’s sort of an arbitrary line you’re drawing”

*What you’re drawing is sort of an arbitrary line (p. 895)

(PRINCE, 1978; p. 889)

A nosso ver, pode haver outras variáveis envolvidas na impossibilidade de extração de uma expressão idiomática nessas (e noutras) construções, como é apontado por Declerck (1982). Por essa razão, não nos aprofundaremos nessa questão (ver Pires, 2014; Gross, 1986).

²² No original: “Haldeman: ‘... I think he will do just everything he can not to hurt the President.’
Nixon: ‘Yeah, that has to be true of everybody because IT ISN’T THE MAN, IT’S THE OFFICE”.

Nesse exemplo, a O.C. é elidida porque é conteúdo recuperável anaforicamente – não é o homem, é o governo *que é prejudicado*.

Partindo do conceito de *Dinamismo Comunicativo* (FIRBAS, 1964 *apud* PRINCE, 1978), da Escola de Praga, a autora afirma que nas clivadas canônicas com acento no foco, a O.C. contribui pouco para o desenvolvimento da comunicação. Uma evidência para isso seria justamente o fato de que muitas vezes é deletada, como em (19). Além disso, como visto em (17), embora ela seja informação dada, não precisa ser o *tema* de um trecho do discurso – diferentemente do conteúdo da O.C. em uma pseudoclivada.

Dado que as clivadas canônicas não exigem que o ouvinte esteja pensando no conteúdo da O.C., Prince (1978) supõe que nada impede o falante de veicular uma informação nova para obter certos efeitos retóricos. É o que chama de *clivadas com pressuposição informativa*, ou *IP-clefts*, exemplificada em (20):

(20)

“## FOI HÁ 50 ANOS QUE HENRY FORD NOS DEU O FIM-DE-SEMANA. No dia 25 de setembro de 1926, em uma decisão incomum para aqueles tempos, ele decidiu estabelecer a semana de trabalho de 40 horas, dando aos seus empregados dois dias de folga ao invés de um.” (PRINCE, 1978; p. 898).²³

De acordo com a autora, se em (20) uma sentença simples fosse usada o leitor teria a impressão de que “Henry Ford nos ter dado o fim-de-semana” é uma descoberta recente.

Para Prince (1978), nesses usos da clivada canônica a informação veiculada pela O.C. é *informação dada no nível lógico-semântico*, mas *nova no nível discursivo*. Em contraste com as clivadas canônicas com acento no C.C. e com as pseudoclivadas, nessas clivadas a O.C. têm um nível mais alto de Dinamismo Comunicativo, de modo que mais fortemente contribuem para o desenvolvimento seguinte do discurso (PRINCE, 1978; p. 898). Com efeito, o fato de Henry Ford ter criado o fim de semana é o tema desenvolvido nas frases que seguem a clivada em (20).

²³ No original: “##IT WAS JUST ABOUT 50 YEARS AGO THAT HENRY FORD GAVE US THE WEEKEND. On September 25, 1926, in a somewhat shocking move for that time, he decided to establish a 40-hour work week, giving his employees two days off instead of one.”

Nesses usos da clivada canônica, a O.C. é normalmente (vs. fracamente) acentuada, e tem um C.C. que é curto, frequentemente anafórico ou expressa algum elemento do *background* (como em (20)) não acentuado, e que pode ser um NP, um advérbio de tempo, de lugar ou de razão. Elas têm padrões de acentuação previsíveis, ocorrem em discurso escrito e formal, são bem formadas e funcionais.

Em resumo: “nas *clivadas canônicas com acento no foco*, o acento nuclear da frase cai sobre o C.C., e a O.C. recebe a entoação típica de constituintes desacentuados, que pertencem ao *ground* da frase; no caso da *clivadas com pressuposição informativa*, o *acento de foco*, isto é, o acento nuclear da frase, cai no interior da O.C.

De acordo com a autora:

“Sua função [i.é, das clivadas canônicas com pressuposição informativa], ou pelo menos uma de suas funções, é marcar um dado como fato, conhecido por algumas pessoas, embora ainda não conhecido pelo ouvinte pretendido. Assim, são frequentes na narrativa histórica, ou sempre que o locutor deseja indicar que não deseja assumir responsabilidade pessoal pela veracidade ou originalidade do enunciado feito. Em certo sentido, então, elas são semelhantes a *hedges* – por exemplo, *parece que, eu acho, meio que* – uma vez que ambas têm o efeito de reduzir a responsabilidade do falante. *Hedges* fazem isso enfraquecendo a afirmação, tornando-a um palpite ou conjectura; clivadas canônicas o fazem ao fortalecer a afirmação, apresentando-a como um fato já conhecido. Assim, a clivada canônica [quando expressa uma pressuposição informativa] é particularmente adequada para o discurso persuasivo.” (PRINCE, 1978; p. 900).²⁴

2.3 Objeções à análise de Prince das diferenças entre clivadas canônicas e pseudoclivadas

Como vimos, Prince (1978) defende que a distinção entre clivadas canônicas e pseudoclivadas se dá em função do tipo de conteúdo veiculado pela O.C.: nas canônicas, ele é *informação conhecida*, isto é, uma informação factual que é de conhecimento do falante, mas não necessariamente do ouvinte; e nas pseudoclivadas é *informação dada*, isto é, informação que o falante pode presumir como ativa na consciência do ouvinte

²⁴ No original: “Their function, or at least one of their functions, is to mark a piece of information as fact, known to some people although not yet known to the intended hearer. Thus, they are frequent in historical narrative, or wherever the speaker wishes to indicate that s/he does not wish to take personal responsibility for the truth or originality of the statement being made. In a sense, then, they are similar to hedges – e.g. It seems that, I think, sorta – since both have the effect of reducing the speaker’s responsibility. Hedges do this by weakening the statement, by making it into a ‘guess’ or conjecture; it-clefts do it by strengthening the statement, by presenting it as an already known fact. Thus the it-cleft is particularly well-suited to persuasive discourse.”

cooperativo. Além disso, o material do C.C. das pseudoclivadas não pode ser mais proeminente na consciência do ouvinte do que o material da O.C.

A autora apresenta, como casos que, a princípio, corroboram essas afirmações no que concerne às pseudoclivadas, os seguintes: (i) o conteúdo da O.C. de uma pseudoclivada pode ser recuperado no contexto precedente explicitamente, implicitamente ou em razão de o material se tratar de informação que é de “preocupação constante” do ouvinte; (ii) pseudoclivadas não podem ser usadas em contextos em que não se pode concluir que o material da O.C. está presente na consciência do ouvinte, como em (7).

Alguns autores, entretanto, desafiam essa última afirmação. Declerck (1982) e Hedberg (1990), por exemplo, afirmam que clivadas canônicas são igualmente ruins nos exemplos de (7), repetidos aqui em (21), que serviriam como evidência de que a restrição atestada não é exclusiva das pseudoclivadas, mas também se aplica às clivadas canônicas.

(21)

- a. ?? ## Oi! O QUE O MEU NOME é é João.
- b. ?? ## Oi! O QUE OUVI FALAR foi sobre o seu trabalho.
- c. ?? ## Oi! O QUE VOCÊ COSTUMAVA FAZER era ir à escola com meu amigo.

(21')

- a. ?? ## Oi! É João que é o meu nome.
- b. ?? ## Oi! Foi sobre o seu trabalho que ouvi falar.
- c. ?? ## Oi! Era ir à escola com meu amigo o que você costumava fazer.

(Adaptado de Prince, 1978; p. 889)

Vale observar que Declerck (1982) e Hedberg (1990) usam o exemplo (21') para concluir que as clivadas canônicas estão sujeitas às mesmas restrições das pseudoclivadas; logo, as restrições identificadas por Prince (1978) sobre as pseudoclivadas não devem ser exclusivas. Mas pode ser também que as canônicas devem ser excluídas por outras razões.

Por exemplo, (21') não pode ser uma “clivada canônica contrastiva”, já que não há contexto para o contraste do C.C. Nesse caso, teria de ser uma clivada canônica de *pressuposição informativa*. Mas, justamente, não pode ser isso também, porque as clivadas não contêm material informativo, e sim acomodável. Portanto, (21') não deve

resultar no abandono das conclusões da Prince (1978) em relação às pseudoclivadas, pois trata-se de um contexto em que tanto pseudoclivadas quanto clivadas canônicas são infelizes, mas por razões independentes.

Uma outra crítica ao trabalho de Prince (1978) vem de Hedberg (1990), e envolve a interpretação do *status cognitivo* da O.C. Como veremos mais detalhadamente na próxima seção, Hedberg (1988, 1990) defende que o *status cognitivo* da O.C. das pseudoclivadas é *menos* restritivo do que o das clivadas canônicas, pois o *tópico* da O.C. de uma clivada canônica deve sempre veicular material que está *ativado*, enquanto nas pseudoclivadas ele pode ser apenas *conhecimento compartilhado*. Para a autora, “Prince, portanto, associa uma forte condição de ativação às pseudoclivadas, mas não às clivadas canônicas, precisamente o inverso da afirmação que estou propondo” (HEDBERG, 1990; p. 107).²⁵ Segundo Hedberg (1990), um contra-argumento como o apresentado em (21) enfraquece as afirmações de Prince (1978).

Em Hedberg e Fadden (2007), a autora reconhece que, em certo sentido, as pseudoclivadas são de fato mais “restritas”, pois a O.C. das pseudoclivadas é sempre um *tópico* que, na maioria das vezes, é do tipo *velho no discurso*, o que equivale a *inferível da situação discursiva* (HEDBERG e FADDEN, 2019; p. 14). Para as autoras, essa concepção está próxima do conceito de *presente na consciência do ouvinte*, o que embasaria a análise de Prince (1978). Entretanto, Hedberg e Fadden (2007) apresentam casos que categorizam como *familiar não ativado*, isto é, conhecimento compartilhado não mencionado anteriormente no discurso. Um exemplo é (22):

(22)

Mr. Zuckerman: O que eu acho que você deve reconhecer sobre este programa é que Pat de fato estabelece um padrão de CIVILIDADE.²⁶

De acordo com Hedberg e Fadden (2007):

Aqui, a proposição “você tem que entender algo sobre este programa” ainda não havia surgido durante a discussão. É interessante especular se o conteúdo da oração talvez deva ser classificado como “inferível da

²⁵ No original: “Prince thus associates a strong, activation condition with pseudoclefts but not with clefts, precisely the inverse of the claim that I’m advancing”.

²⁶ No original: Mr. Zuckerman: “What I think you have to appreciate about this program is that Pat does set the standard for CIVILITY”. Entendemos o significado de *appreciate* como “compreender a natureza, valor, qualidade ou significado de”, conforme o dicionário Merriam-Webster online.

situação do discurso” – e, portanto, velho no discurso e mais ou menos classificável como “na consciência do ouvinte” como prevê a restrição de Prince (1978) para a oração clivada das pseudoclivadas – ou como *familiar* e, portanto, *novo no discurso*, como o codificamos. Sugerimos que o conteúdo da oração clivada é de fato *novo no discurso*, mas é um tópico novo relevante, e que é esse dado relacional, em oposição a referencial, que licencia o uso da pseudoclivada aqui.²⁷ (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 12)

Ou seja: as autoras concordam com Prince (1978) que as orações clivadas das pseudoclivadas são sempre dadas *relacionalmente*, isto é, são *tópicos*, mas discordam que precisam ser *dadas referencialmente*, isto é, serem *ativadas* (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 14).

Há, entretanto, alguns problemas com a análise das autoras. Em primeiro lugar, a O.C. contém um VP com o verbo *achar*, categorizado por Prince (1978) como *sentença do tipo acho*, que normalmente trata de um conteúdo que o ouvinte é capaz de supor que está na sua consciência. Além disso, as autoras não apresentam ao leitor o contexto anterior da pseudoclivada, de modo que precisamos contar com a sua interpretação, isto é, de que não há nada que poderia, implicitamente, ter motivado o falante a supor que o ouvinte “deve reconhecer algo” sobre o programa.

Também é possível que a dificuldade de análise de (22) esteja em como as autoras classificam um material que é, na verdade, *acessível*. Aquilo que se julga como *possivelmente* presente na consciência do ouvinte pode estar, na verdade, mais próximo dos conceitos *acessível* ou *semiativo*, de Lambrecht (1994).

De acordo com Lambrecht (1994), “um referente (‘conceito’) pode se tornar semiativo ou ‘por meio da desativação de um estado anterior, normalmente por ter sido ativo em um ponto anterior do discurso,’ ou pode se tornar semiativo porque ‘pertence ao conjunto de expectativas associadas a um esquema’”²⁸ (LAMBRECHT, 1994; p. 99). Nesse trabalho, o conceito *acessível* é categorizado em três tipos: *textualmente acessível*,

²⁷ No original: “Here the proposition ‘that you have to appreciate something about this program’ had not yet come up during the discussion. It is interesting to speculate as to whether the clausal content here should perhaps rather be classified as ‘inferrable from the discourse situation’—and thus discourse old and more-or-less classifiable as ‘in the hearer’s consciousness’ as Prince’s (1978) constraint on wh-cleft clauses would predict—or as ‘familiar’ and thus ‘discourse new’ as we coded it. We suggest that the content of the cleft clause is indeed discourse new but is a relevant new topic, and that it is this relational as opposed to referential givenness that licenses use of the wh-cleft here”.

²⁸ No original: “A referent (‘concept’) may become semi-active either ‘through deactivation from an earlier state, typically by having been active at an earlier point in the discourse,’ or it can become semi-active because it ‘belongs to the set of expectations associated with a schema’”.

Note-se, ainda, que neste exemplo as autoras não apresentam o contexto precedente, o que, a nosso ver, fragiliza sua argumentação.

inferencialmente acessível e *situacionalmente acessível*. Quando ele envolve um *esquema* ou *frame semântico*, isto é, corresponde a um “grupo de expectativas interrelacionadas”, é do tipo *textualmente acessível*. Quando envolve “inferências culturais” e “grupos de relações lógicas”, é *inferencialmente acessível*. Finalmente, quando envolve um elemento “saliente no mundo externo”, é *situacionalmente acessível* (LAMBRECHT, 1994; p. 99).

Em sua *escala de acessibilidade de tópicos*, Lambrecht (1994) afirma que um elemento cujo status cognitivo é *acessível* é mais facilmente o tópico de uma sentença. Isso parece corresponder às afirmações de Prince (1978), em que a O.C. de uma pseudoclivada deve ser um *tema* que está *presente na consciência do ouvinte* ou que é razoável da parte do falante supor que o ouvinte pudesse tê-lo na consciência.

(23)

ESCALA DE ACESSIBILIDADE DO TÓPICO

Ativado	mais aceitável como tópico
Acessível	↓
Não usado	
Totalmente novo ancorado	
Totalmente novo não-ancorado	menos aceitável

(LAMBRECHT, 1994; p. 165)

Ou seja: a dificuldade que Hedberg e Fadden (2007) encontram quando se deparam com material que inferível ou familiar pode estar no fato de não trabalharem com a categoria *acessível*. Ressaltamos, ainda, a observação feita em relação ao exemplo (21’): a impossibilidade do uso de uma clivada canônica naquela circunstância pode se dar em função de propriedades independentes (ainda não bem compreendidas) que não as apontadas por Prince (1978).

2.4 Objeções à *pressuposição informativa* das clivadas canônicas

Na seção anterior, discutimos as objeções à análise de Prince (1978) das restrições ao uso das pseudoclivadas. Em especial, discutimos as objeções de Hedberg e Fadden (2007) à hipótese de que o conteúdo da O.C., nas pseudoclivadas, deve não apenas ser conhecimento compartilhado, mas também o falante deve poder contar com que esteja na consciência do ouvinte (ou, nos termos de Lambrecht 1994, que seja material *acessível*).

Nesta seção, gostaríamos de discutir algumas objeções da literatura à hipótese de Prince (1978) relativa à *pressuposição informativa* das clivadas canônicas. Lembremos: para Prince, a O.C. das clivadas canônicas é um conteúdo que o falante apresenta como sendo de conhecimento geral, embora não necessariamente do conhecimento do ouvinte. Por essa razão, essa oração pode veicular informação nova e dinâmica no discurso.

De acordo com Lambrecht (2001), a clivada canônica (it-cleft no inglês) geralmente veicula três tipos de pressuposição: a *pressuposição-K*, que diz respeito a conhecimento compartilhado; a *pressuposição-C*, que diz respeito ao status cognitivo da informação, que deve estar na memória de curto prazo do falante; e a *pressuposição-T*, que diz respeito ao fato de que essa informação deve ser o “centro de interesse atual” (LAMBRECHT, 2001; p. 476). De acordo com o autor, as clivadas podem não exibir a *pressuposição-C* e a *pressuposição-T*, de modo que aquelas que veiculam somente a *pressuposição-K* têm de ser *acomodadas*. Diz Lambrecht (1994):

De acordo com essa análise, nossa intuição de que as *IP-clefts* são especiais é simplesmente uma consequência do fato de que algumas situações são mais difíceis de acomodar do que outras. As instâncias prototípicas de *IP-clefts* são aquelas em que a proposição da RC²⁹ é tanto K-pressuposta quanto T-pressuposta e em que a natureza tópica da RC é ratificada³⁰ [...]; menos típicos são casos em que o status do tópico da proposição da RC conhecida ainda não foi ratificado [...]; e mais atípicos são aqueles em que a proposição da RC é meramente K-pressuposta e em que uma pressuposição-T deve ser acomodada [...] (LAMBRECHT, 2001; p. 485).³¹

Com base em Von Stechow (2000), é possível, também, descrever o conceito de *pressuposição informativa* como um caso de acomodação.

Von Stechow (2000) afirma que o conceito de *acomodação* é muitas vezes interpretado como um fenômeno “mágico”, no que julga serem “más teorias” da pressuposição. Para o autor, esses maus usos da noção de acomodação decorrem de uma certa incompreensão das propriedades do *common ground*, pois uma pressuposição não

²⁹ O autor entende que a oração clivada é uma oração relativa, e a denomina seu conteúdo de “proposição da RC” (de “*relative clause proposition*”).

³⁰ Um referente é ratificado (*ratified*, no original) quando sua ocorrência em uma proposição é tida como previsível no momento em que é enunciada. (LAMBRECHT, 2001; p. 479).

³¹ No original: “According to this analysis, our intuition that IP clefts are special is simply a consequence of the fact that some situations are more difficult to accommodate than others. The prototypical instances of IT clefts are those in which the RC proposition is both K-pressuposed and T-pressuposed and in which the topical nature of the RC is ratified [...]; less typical are cases in which the topic status of the known RC proposition is not yet ratified [...]; and least typical are those where the RC proposition is merely K-pressuposed and in which a T-pressuposition has to be accommodated [...]”.

corresponde necessariamente a um conhecimento que deve estar compartilhado antes de uma sentença ser enunciada em um determinado tempo t . Na verdade, “o common ground deve satisfazer os requisitos de pressuposição [de um enunciado] antes que a atualização [do contexto] possa ser realizada”, e “não [...] antes que o enunciado ocorra” (VON FINTEL, 2000; p. 9. Grifos do autor).³²

É uma posição que também aparece em Beaver e Zeevat (2007). Para os autores, um exemplo como (24), inserido em um contexto em que alguém está cercado de criminosos, tem um conteúdo que é pressuposto, projetado a partir do verbo “saber”.

(24)

“Eu sabia que eles não mostrariam piedade”

(Beaver e Zeevat, 2007; p.503)

Analisando o exemplo (24) à luz de Von Fintel (2000), é possível afirmar que o falante de uma sentença como (24) supõe que o *common ground* acarreta a proposição “eles não mostrariam piedade” e acredita que seus ouvintes, mesmo não tendo essa informação em sua memória, irão mudar suas assunções a tempo para que a atualização do contexto veiculado por (24) seja adicionada ao *common ground*. Assim, eles *acomodam* a pressuposição.

Em outras palavras, podemos dizer que o contexto tem como conteúdo proposicional ativo algo como “eles são uns bandidos”, e desse conteúdo pode-se inferir, normalmente, que “eles não costumam mostrar piedade”, que acarreta, por sua vez, na situação concreta de fala, “eles não mostrariam piedade”.

De acordo com o autor:

(i) os ouvintes podem ser genuinamente agnósticos quanto à verdade da proposição relevante, presumir que o falante sabe sobre sua verdade e confiar que o falante não falará inadequada ou falsamente; (ii) os ouvintes podem não querer desafiar o falante sobre a proposição pressuposta, porque é irrelevante para suas preocupações e porque a fluência da conversa é importante o suficiente para garantir um pouco de liberdade. (VON FINTEL, 2000; p. 11).³³

³² No original: “Thus, the common ground must satisfy the presuppositional requirements before the update can be performed, not actually before the utterance occurs.”

³³ No original: “(i) the listeners may be genuinely agnostic as to the truth of the relevant proposition, assume that the speaker knows about its truth and trust the speaker not to speak inappropriately or falsely; (ii) the listeners may not want to challenge the speaker about the presupposed proposition, because it is irrelevant to their concerns and because the smoothness of the conversation is important enough to them to warrant a little leeway.”

Lambrecht (2001) afirma que o conceito *pressuposição informativa* não precisa ser postulado, pois não corresponde a nenhuma categoria gramatical. Para o autor, a categorização de uma *IP-cleft* depende de conhecimento de mundo, não de conhecimento de gramática – a função da clivada canônica é especificar apenas o valor de uma variável em uma proposição aberta pressuposta (ver Lambrecht, 1994).

Ou seja: não é preciso, como Prince (1978) sugere, que se postule algum tipo de categoria informacional específica para lidar com o caráter de *pressuposição informativa* de certas clivadas canônicas. Esses são analisados pelo autor como casos de acomodação pragmática, “a exploração mais ou menos convencionalizada de uma determinada estrutura pressuposicional para fins retóricos”³⁴ (LAMBRECHT, 2001; p. 485).

Em relação à afirmação de que não é necessário postular a categoria da *IP-cleft*, gostaríamos de levantar algumas questões sobre como o autor interpreta essas construções. Lambrecht (2001) defende que o exemplo “Foi há 50 anos que Henry Ford nos deu o fim de semana” pode ser interpretado como um evento histórico e, portanto, factual, mas o mesmo efeito pode ser conseguido ao adicionarmos uma predicação a uma sentença que não é uma *IP-cleft*. Segundo o autor,

“é verdade que alguém ter dado o fim de semana para uma nação trabalhadora intuitivamente qualifica-se como um evento histórico que provavelmente será considerado um fato conhecido, enquanto alguém simplesmente ter conhecido sua esposa em algum lugar não. No entanto, seria fácil emprestar importância histórica a este último tipo de evento, bem como predizê-lo de uma personalidade importante e bem conhecida (“Foi em Paris que o grande estadista conheceu sua futura esposa”)³⁵ (LAMBRECHT, 2001; p. 484).

Portanto, temos que na teoria de Prince (1978) uma clivada canônica em abertura de discurso funciona de tal modo que a pressuposição por ela veiculada é tomada pelo ouvinte como informação nova. No entendimento de Lambrecht (2001), trata-se, na verdade, de conhecimento extralinguístico, não de gramática.

Com relação a este argumento, acreditamos que pode haver uma certa incompreensão em relação àquilo que Prince (1978) entende como uma pressuposição

³⁴ No original: “the more or less conventionalized exploitation of a given pre-suppositional structure for rhetorical purposes”.

³⁵ No original: it is true that someone’s given the weekend to a working nation intuitively qualifies as a historic event likely to be considered a generally known fact, while someone’s merely having met his wife somewhere does not. Nevertheless, it would be easy to lend historic importance to the latter kind of event as well by predicating it of an important and well known personality (‘It was in Paris that the great statesman met his future wife’)

informativa (a *IP-cleft*). Como vimos, a *IP-cleft* é uma informação que, velha no nível lógico-semântico, pode ser nova no nível discursivo, pois não exige que esteja na consciência do ouvinte.

Por exemplo, imaginemos uma produção cinematográfica cuja primeira sentença é enunciada por um personagem que diz “Foi a minha esposa que matou o meu melhor amigo”. Não há nada de “histórico” nessa construção, e muito provavelmente quem assiste ao filme aceita a informação por ela veiculada como um fato simplesmente porque filmes contam histórias, e uma assassinato é o tipo de coisa que constitui o enredo dos filmes; que tenha sido cometido pela esposa de um personagem também é técnica para anunciar o ponto de vista de uma narrativa; ou seja, podemos dizer que a clivada tem como efeito causar uma certa sensação de mistério propícia para o início do filme. Novamente, retoma-se a noção de que a pressuposição informativa (*IP-cleft*) é um tipo de inferência que pode ser explorada pelo falante quando ele quer que uma informação que não está na mente do interlocutor possa ser aceita por ele “como conhecida” em algum sentido.

Hedberg (2000) tenta incorporar à *IP-cleft* o conceito de *unicamente identificável, mas não familiar*, que corresponde a um elemento que pode ser identificado com base na própria expressão nominal, sem que precise estar arquivado na memória do ouvinte – como veremos na próxima seção, Hedberg (2000) defende que as clivadas com pressuposição informativa podem ser explicadas a partir dos conceitos de *dadidade-novidade relacional* e *dadidade-novidade referencial* (HEDBERG, GUNDEL e ZACHARSKI, 1993). Ao contrário de Lambrecht (2001), Hedberg (2000) procura aproximar a “*IP-cleft*” de uma categoria que envolva, também, conhecimento de gramática.

Finalizamos essa seção apresentando alguns argumentos de Declerck (1982) contra a ideia de que a pressuposição informativa é uma característica das clivadas canônicas, apenas – o que, se for verdade, seria uma objeção contra a análise de Prince (1978).

De acordo com o autor, *IP-clefts* poderiam ser substituídas por pseudoclivadas, como vemos em (25). Além disso, Declerck (1982), afirma que há casos de pseudoclivadas *com* pressuposição informativa, dando como exemplo (26):

(25)

- a. Mas por que o tópico é tão importante? *Aparentemente, é o tópico que permite ao ouvinte calcular os antecedentes pretendidos de cada frase do parágrafo.*³⁶
- b. Mas por que o tópico é tão importante? *Aparentemente, o tópico é o que permite ao ouvinte calcular os antecedentes pretendidos de cada frase do parágrafo.*

(DECLERCK, 1982; p. 259)

(26)

A: Essas maçãs são boas, não são?

B: Então, elas são! *O que me impede de comer todas é que mamãe ficaria furiosa se eu não deixasse nada para os outros.*³⁷

(DECLERCK, 1982; p. 259)

O exemplo em (25b) apresenta uma clivada que é, na verdade, uma pseudoclivada *invertida*, um tipo não estudado em Prince (1978). A nosso ver, a pseudoclivada não invertida não funciona nesse caso – o que, na verdade, favorece a proposta de Prince (1978).

Mas (26) nos coloca frente a uma questão importante: o conteúdo da oração “alguma coisa impede o falante de comer alguma coisa” parece, de fato, ter sido acomodado.

Para Declerck (1982), ambas partes da clivada – isto é, C.C. e O.C. – podem veicular informação nova, e nesse caso as duas construções, canônica e pseudoclivada, são normalmente intercambiáveis. Com relação à posição que ocupam no discurso, tanto a clivada canônica como a pseudoclivada podem funcionar em abertura de discurso, e, em meio de discurso, a escolha entre clivada canônica ou pseudoclivada se daria em função do *tópico* do contexto precedente, que o autor define, seguindo Givón (1983),

³⁶ No original: “a. But why is the topic so important? *Apparently, it is the topic that enables the listener to compute the intended antecedents of each sentence in the paragraph. / (...) Apparently, the topic is what enables the listener to compute the intended antecedents of each sentence.*”

³⁷ No original: “A: Those apples are good, aren't they? B: So they are! What keeps me from eating all of them is that mother would be furious if I left none for the others.”

como a informação que “persegue a linha temática do discurso no qual está ancorada”³⁸ (DECLERCK, 1982; p. 264).³⁹

Se a observação de Declerck (1982) estiver correta, e a *pressuposição informativa* for um caso de acomodação, conforme sugerido por Lambrecht (2001) e de acordo com o conceito de acomodação que encontramos em Von Fintel (2000) e outros, temos que as *IP-clefts* não estão restritas às clivadas canônicas. E isso seria um problema para Prince (1978), pois significaria que a O.C. das pseudoclivadas não contém, necessariamente, material *ativo na consciência do ouvinte* – o que, como vimos antes, também é apontado por Hedberg (1990) e Hedberg e Fadden (2007).

É possível, entretanto, que uma ocorrência como (26) seja interpretada muito mais como um caso de *bridging* do que de *acomodação* (seria interessante, inclusive, analisar se é possível distinguir *acomodação* de *bridging*). *Bridging*, na verdade, parece envolver a ativação de material necessário para que a inferência seja obtida – e esse é o caso de (26); a pseudoclivada não seria adequada se não fosse por A ter falado de “maçãs boas” antes. *Acomodação*, por sua vez, parece não precisar de material ativo – antes, precisa que a pressuposição e o contexto sejam de tal natureza que não há razão para o interlocutor acreditar no contrário.

Assim, boa parte das objeções apresentadas à teoria de Prince (1978) parecem não se manter.

Nas seções a seguir, serão discutidos os trabalhos de Hedberg (1988, 1990, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), cuja análise em boa parte converge com as conclusões de Prince (1978).

³⁸ No original: “pursues the thematic line of the stretch of discourse in which it is couched”.

³⁹ Vale ressaltar, ainda, que para Declerck (1978) há outras restrições envolvidas no uso de uma dada construção clivada, como a extensão do constituinte clivado e o fato de ser uma oração e não um NP ou um PP. A impossibilidade de uso de clivada canônica por uma pseudoclivada (como em (26)) pode se dar também em razão desses fatores.

3 CLIVADAS CANÔNICAS E PSEUDOCLIVADAS DO INGLÊS SEGUNDO A ESCALA DE DADIDADE-NOVIDADE: A ANÁLISE DE HEDBERG (1988, 1990, 2000, 2013) E HEDBERG E FADDEN (2007)

Esta seção discute a análise das clivadas canônicas e das pseudoclivadas em inglês, a partir dos estudos de Hedberg (1988, 1990, 2000 e 2013) e Hedberg e Fadden (2007), que, de modo geral, defendem, a partir de uma análise com base nas noções de *dadidade-novidade relacional* e *dadidade-novidade referencial*, que tais construções funcionam como importantes mecanismos de organização do discurso.

Primeiramente, serão explicitadas as noções de *dadidade-novidade relacional* e *dadidade-novidade referencial* (GUNDEL, HEDBERG, ZACHARSKI; 1993, 2001; GUNDEL, HEDBERG e BORTHEN, 2019), fundamentais para o entendimento dos trabalhos das autoras. Em seguida, são apresentadas as propriedades que elas atribuem a às clivadas canônicas e às pseudoclivadas, bem como a relação que têm com o discurso e sua relevância para análises sobre o PB.

3.1 Dadidade-novidade relacional

De acordo com Hedberg (2013), a noção de “‘dadidade/novidade relacional’ descreve duas partes complementares de um enunciado, em que uma parte pode ser vista como informação ‘dada’ em relação à segunda parte, que expressa informação ‘nova’ em relação à primeira parte”⁴⁰ (HEDBERG 2013; p.1).⁴¹ Segundo a autora, a parte que é informação dada é o *tópico*, e a que expressa informação nova é o *comentário*.

Seguindo Gundel (1988), Hedberg (1990) define que “uma entidade E é o tópico pragmático de uma sentença S sse S tem a intenção de aumentar⁴² o conhecimento do interlocutor, solicitar informações ou fazer com que o interlocutor aja em relação a E” (GUNDEL, 1988 *apud* Hedberg, 1990; p. 1).

⁴⁰ A nossa ver, tal definição parece circular. Para fins de clareza, sugerimos a seguinte modificação: “‘dadidade/novidade relacional’ descreve duas partes complementares de um enunciado: uma parte pode ser vista como informação ‘dada’ em contraparte à segunda parte, que expressa informação ‘nova’ em contraparte à primeira”.

⁴¹ No original: “‘relational givenness/newness’ describes two complementary parts of a single utterance, where one part can be viewed as ‘given’ information in relation to the second part, which expresses ‘new’ information in relation to the first part”.

⁴² A nosso ver, “intenção” é uma atitude do falante, e não um componente, um efeito etc., do enunciado. Portanto, para fins de clareza, sugerimos a seguinte modificação: “... sse o falante tem a intenção, ao enunciar S, de aumentar...”.

Já em relação ao *comentário*, afirma que “uma predicação P é o comentário de uma sentença S se ao usar S o falante pretende que P seja avaliado em relação ao tópico de S” (GUNDEL, 1988 *apud* Hedberg, 1990; cap. 2, p. 1).

Por exemplo, em (27a) a pergunta estabelece a entidade “Pedro” como *dada* em relação ao predicado “trabalhou”, o oposto do que acontece em (27b). Ou seja, em (27a) “Pedro” é o *tópico* e “trabalhou” é o *comentário*, e em (27b) “Pedro” é o *comentário* e “trabalhou” é o *tópico*.

(27)

a. A: O que o Pedro fez?

B: O Pedro TRABALHOU.

b. A: Quem trabalhou?

B: O PEDRO trabalhou.

(Adaptado de HEDBERG, 2013; p. 1)

Entre os testes utilizados pela autora para identificar o tópico e o comentário estão

(a) a identificação do constituinte sobre o qual recai um acento primário, que é sempre o comentário;

(b) a formulação de um contexto pergunta-resposta, em que uma pergunta corresponde ao tópico e sua resposta ao comentário;

(c) a movimentação de um constituinte para a esquerda da sentença, que corresponde ao tópico; e

(d) a inclusão de um constituinte dentro de um sintagma do tipo “falando sobre...”, que também corresponde ao tópico (HEDBERG, 1990; cap. 2, p. 2-4; 13-36).

(28)

A: O que o Pedro fez?

B: O Pedro TRABALHOU.

a. *Teste baseado no acento*: o acento primário recai sobre “TRABALHOU”, que é o comentário. “Pedro” recebe acento secundário, é o tópico.

- b. *Formulação de contexto pergunta-resposta*: “Pedro” faz parte da pergunta, corresponde ao tópico; “trabalhou” é a resposta, corresponde ao comentário.
- c. *Movimentação de um constituinte para a esquerda*: O Pedro, ele trabalhou. “Pedro” é o tópico; “trabalhou” é o comentário.
- d. *Inclusão de um constituinte dentro do sintagma “falando sobre”*: Falando sobre o Pedro, ele trabalhou. “Pedro” é o tópico; “trabalhou” é o comentário.

Para Gundel (1985), um tópico pode ser pragmático ou sintático, em que o tópico pragmático correspondente a

“uma entidade, E, é um tópico pragmático de uma sentença, S, sse S se destina a aumentar o conhecimento do destinatário, solicitar informações ou, ao contrário, fazer com que o destinatário aja em relação a E.” (GUNDEL, 1985; p. 86).⁴³

E o tópico sintático correspondente a

“um constituinte, C, é o tópico sintático de alguma sentença, S, se C for imediatamente dominado por S e C é adjacente à esquerda ou direita de alguma sentença S’, que também é imediatamente dominada por S.” (GUNDEL, 1985; p. 86).⁴⁴

De acordo com Hedberg (1990), a noção de tópico de Gundel (1988) refere-se a uma *entidade cognitivo-pragmática* e não a uma expressão linguística. Para Gundel (1985),

“Uma expressão que se refere ao tópico pragmático de uma frase, portanto, pode ocorrer, mas não necessariamente, em uma posição sintática reservada para tópicos. Na verdade, um tópico pragmático não precisa ter expressão direta na frase [...]. Presumo então que parte da interpretação bem-sucedida de qualquer enunciado linguístico envolve a distinção entre o que o falante pretende comunicar sobre algo (o tópico) e o que é realmente comunicado, ou seja, afirmado, questionado, solicitado, e assim por diante, com relação a esta coisa (o comentário).” (GUNDEL, 1985; p. 86)⁴⁵

⁴³ No original: “An entity, E, is the pragmatic topic of a sentence, S, iff S is intended to increase the addressee’s knowledge about, request information about or otherwise get the addressee to act with respect to E.”

⁴⁴ No original: “A constituent, C, is the syntactic topic of some sentence, S, iff C is immediately dominated by S and C is adjoined to the left or right of some sentence S’ which is also immediately dominated by S.”

⁴⁵ No original: “An expression which refers to the pragmatic topic of a sentence thus may, but does not necessarily occur in a syntactic position reserved for topics. In fact, a pragmatic topic does not have to have direct expression in the sentence at all [...]. I assume then that part of the successful interpretation of any

Adotando a proposta de Gundel (1985, 1988), Hedberg (1990) afirma que a concepção de *tópico pragmático* não se restringe a uma posição sintática, tornando possível estabelecer a existência de construções do tipo *tópico-comentário* e *comentário-tópico*. Não só isso, também permite estabelecer a existência de sentenças *all-comment*.

Segundo Hedberg (1990), sentenças *all-comment* têm a função de assertar o que é verdade ou falsidade “em um ponto particular do tempo e do espaço”, e respondem a perguntas do tipo “(então) o que aconteceu (onde)?”, que ela chama de *perguntas múltiplas* (HEDBERG, 1990; p. 11). Para a autora, trata-se de uma noção importante, porque, como veremos nas seções 2.2 e 2.3, permitirá descrever o funcionamento das *IP-clefts* a partir dos conceitos de *dadidade-novidade*, aproximando-as de *conhecimento de gramática*, e não de *conhecimento de mundo* – o que responde a uma das críticas de Lambrecht (2001) à classificação de Prince (1978).

Cabe salientar que em Hedberg (1988) “a escolha de um tópico é restringida por relevância, e perguntas tópicas podem ser encaixadas hierarquicamente, resultando em tópicos discursivos de ordem mais alta” (HEDBERG, 1988; p. 3); isto é, perguntas tópicas estão encaixadas umas nas outras, de modo que o discurso está estruturado em múltiplos níveis de organização. Para a autora, a resposta a uma pergunta envolve também a resposta a perguntas subordinadas, o que a permite introduzir, em Hedberg (1990; cap. 2; p. 24), as noções de *tópico do discurso* e de *tópico da sentença*, em que um *tópico do discurso* é analisado como uma pergunta mais alta, e o *tópico da sentença* como um nível mais baixo.

Tendo apresentado as noções de *tópico* e *comentário* utilizadas por Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013), é preciso enfatizar que, se adotarmos neste trabalho tais conceitos, precisamos ficar atentos para algumas de suas fragilidades.

Em primeiro lugar, há um problema da confusão terminológica, que envolve o caráter polissêmico dos termos. Por exemplo, a distinção entre *tópico* e “comentário” da autora não é equivalente a uma outra, de Lambrecht (1994), em que a articulação tópico/comentário não se intersecciona com a articulação asserção/pressuposição. Nessa visão, um *tópico* é um referente específico do *ground*, em relação ao qual se faz a contribuição para o contexto. Aqui, o contexto é organizado em “pastas” que correspondem aos referentes do discurso, isto é, o tópico é uma “pasta aberta”, onde “se

natural language utterance involves distinguishing between what the speaker intends to communicate something about (the topic) and what is actually communicated, i.e., asserted, questioned, requested, and so on, with respect to this thing (the comment).

guarda” a proposição nova do discurso. Nesse sentido, Lambrecht (1994) não diria, por exemplo, que em (27b) “trabalhou” é o *tópico*. Na ausência de mais contexto, aliás, o autor não diria nem qual é o “tópico referencial” de (27b). O que se pode dizer de (27b), na análise de Lambrecht (1994), é que o contexto contém um conteúdo proposicional pressuposto (no exemplo, “Alguém trabalhou”, em que a contribuição de B é assertar que esse “alguém” é Pedro).

Em segundo lugar, entendemos que os conceitos de Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) não esclarecem alguns pontos importantes de sua teoria – por exemplo, se estamos falando de um referente tópico, do assunto do discurso ou mesmo de algum elemento específico da porção que é dada.

E em terceiro lugar, acreditamos que outros conceitos, derivados desses – “perguntas múltiplas”, “tópico do discurso”, “tópico da sentença” etc. – embora importantes, por se referirem à organização do discurso, são apresentados de modo obscuro ou demasiadamente intuitivos pela autora – em alguns casos, Hedberg (1998, 1990) nem ao menos os exemplifica.

Essas constatações são importantes porque, sem um esclarecimento dessas questões, será difícil apresentar análises claras de clivadas canônicas e de pseudoclivadas.

Para melhor precisar as noções de *tópico* e *comentário*, esse trabalho levanta, inicialmente, a possibilidade de relacionar a teoria adotada por Hedberg (1988, 1990, 2000) com a de Kuppevelt (1995), para quem um tópico corresponde a informações presentes em uma pergunta-QU implícita contextualmente e o comentário à porção que preenche esta expressão. A intuição inicial era a de que, em virtude da formalização de Kuppevelt (1995), seria possível precisar a aplicação do teste “perguntas-repostas” de Hedberg (1988, 1990, 2013) e entender os conceitos apresentados pela autora.

À primeira vista, contudo, não parece ser possível estabelecer essa relação de modo sistemático. As noções de *tópico* e *comentário* em Kuppevelt (1995) parecem estar mais relacionadas à identificação dos elementos que organizam um segmento textual, enquanto as de Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) parecem ter como objetivo relacioná-las às porções que são *dadas* ou *novas*.

Vejamos como Kuppevelt (1995) constrói sua teoria. Na teoria das *Questions Under Discussion* (ou *QUD*), um discurso coerente pode ser organizado em uma hierarquia de perguntas e respostas, e sempre apresenta uma afirmação inicial que lhe dá início. Essa afirmação inicial é o *feeder*, e os trechos que o seguem têm como objetivo

reduzir possíveis indeterminações sobre ele, apresentando esclarecimentos. O trecho em (29), por exemplo, contém um *feeder* que é seguido de detalhamentos:

(29)

A) Para mim, os melhores jogadores do ano foram os da equipe da Polícia Federal. Os piores não precisa dizer quem são. Seus nomes apareceram várias vezes nas capas dos principais jornais.

B) **Feeder:** Para mim, os melhores jogadores do ano foram os da equipe da Polícia Federal.

Pergunta 1: E quem foram os piores?

Resposta: Os piores não precisa dizer quem são.

Subpergunta 1: Por que não é preciso dizer quem são os piores?

Resposta: seus nomes apareceram várias vezes nas capas dos principais jornais.

Em Kuppevelt (1995), a pergunta 1 contém um tópico, “X foram os piores”, e a resposta o seu comentário, “não precisa dizer quem são”. Essa resposta ainda contém uma indeterminação, e sobre ela recai uma nova pergunta, cuja resposta é “apareceram várias vezes nas capas dos principais jornais”. Se o falante julga que essa informação agora é suficiente para o interlocutor, permitindo o esclarecimento da “pergunta hierarquicamente mais alta” (isto é, a pergunta 1), a subpergunta 1 é fechada, e, conseqüentemente, encerra o trecho em questão.

De acordo com o autor,

Cada (sub)questão Qp explícita ou implícita induzida contextualmente que é respondida no discurso constitui um (sub)tópico Tp. Tp é o que está sendo questionado; um conjunto de entidades do discurso (possivelmente inexistentes) singulares ou plurais [...] a partir da qual uma é selecionada como uma resposta a Qp. O comentário Cp é fornecido por esta resposta e nomeia ou especifica a entidade solicitada.⁴⁶ (Kuppevelt, 1995; p. 113).

⁴⁶ No original: “Every contextually induced explicit or implicit (sub)question Qp that is answered in discourse constitutes a (sub)topic Tp. Tp is that which is being questioned; a set of singular or plural (possibly non-existent) discourse entities (or a set of ordered n-tuples of such entities in the case of a n-fold question) from which one is selected as an answer to Qp. Comment Cp is provided by this answer and names or specifies the entity asked for.”

Inicialmente, a inclusão das concepções de Kuppevelt (1995) ao trabalho de Hedberg (1988, 1990) parece ser necessária porque a autora apresenta noções como *tópico da sentença*, *tópico do discurso*, *perguntas mais altas* etc. de modo bastante breve e, quando procura identificar o tópico a partir de uma estrutura em perguntas e respostas, não o faz de forma sistemática, como Kuppevelt (1995). Um modo de resolver esse problema seria encaixar a proposta do autor na de Hedberg (1988, 1990), permitindo o esclarecimento de conceitos que ela apresenta sem muita fundamentação.

Entretanto, não parece haver aqui uma relação direta entre as duas teorias. Como veremos mais detalhadamente na seção a seguir e na apresentação dos resultados, a análise de Hedberg (1988, 1990, 2000) permite identificar em um determinado trecho do discurso a porção que é *dada* e que, portanto, é forte candidata a *tópico*. As noções de Kuppevelt (1995), por outro lado, parecem estar mais relacionadas ao elemento que organiza um segmento textual; isto é, ao construirmos uma QUD, somos capazes de identificar o “tema do discurso”, ou, como a própria sigla designa, aquilo que está “sob discussão”.

Note-se que essa possível incompatibilidade não quer dizer que tais noções não serão úteis. Como veremos na discussão dos resultados, a noção de tópico de Hedberg (1988, 1990, 2000) será importante para a análise quantitativa dos dados, pois permitirá relacionar o *Princípio de Familiaridade do Tópico* ao conceito de *tema* explorado em Prince (1978).

E a QUD de Kuppevelt (1995) se mostrará útil na análise qualitativa. Uma vez que a QUD ajuda a explicitar e a visualizar como um determinado trecho do discurso é hierarquizado – aproximando-se da noção de *segmentação textual* –, permitirá identificar, com maior precisão, a função dessas construções no discurso. Em outras palavras, permitirá identificar, a partir dos conceitos que Kuppevelt (1995) apresenta (*perguntas*, *subperguntas*, *respostas*, *feeder* etc.), a relação que existe entre diferentes tipos de clivadas (*IP-clefts* e *clivadas conclusivas* (cf. Andrade, 2019), por exemplo) e a posição que ocupam no discurso.

Analisar até que ponto as noções de *tópico* e *comentário* de Hedberg (1988, 1990, 2000) e de Kuppevelt (1995) convergem foge do escopo deste trabalho, que busca compreender o funcionamento das construções clivadas como um elemento de coesão. As noções de cada autor, entretanto, serão importantes, e serão utilizados os conceitos de ambos, mas com objetivos diferentes: serão adotadas as definições de Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) quando for de interesse o papel da O.C. e do C.C. em termos

estritamente informacionais (quando estiverem em jogo as noções de *velho* e *novo*); e as definições de Kuppevelt (1995) quando for necessário visualizar e identificar, a partir da QUD, o comportamento da construção clivada em um dado segmento textual.

O estudo da (in)compatibilidade entre as teorias reserva-se, portanto, para trabalhos futuros.

3.2 Dadidade-novidade referencial

A relação de *dadidade-novidade referencial* “descreve uma relação entre o referente pretendido de uma expressão linguística – normalmente uma expressão nominal – e seu status informativo nos estados de memória / atenção na mente do ouvinte.” (HEDBERG, 2013; p. 1).⁴⁷ Esse conceito é explicitado pela *Hierarquia de Dadidade-Novidade* (GUNDEL, HEDBERG, ZACHARSKI, 1993, 2001; HEDBERG, GUNDEL e BORTHEN, 2019).

Segundo os autores, a Hierarquia de Dadidade-Novidade estabelece correlações entre a forma linguística de uma expressão referencial e o status cognitivo que seu referente tem para o ouvinte. Nela, o status é implicado relacionalmente e está correlacionado sistematicamente à escolha de diferentes expressões referenciais, conforme vemos em (30) para o inglês.

(30)

THE GIVENNESS HIERARCHY

In focus > Activated > Familiar > Uniquely Identifiable > Referential > Type Identifiable
it, she > that, this, > that N > the N > indefinite this N > a N, SHE, this N

(HEDBERG, GUNDEL e BORTHEN, 2019)

Em (31), explicitamos como Hedberg (2013; p. 2) resume cada nível da hierarquia para o inglês. Em parênteses, propomos a tradução dos conceitos “in focus / activated / familiar” etc. para o português:

⁴⁷ No original: “referential givenness/newness’ describes a relation between the intended referent of a linguistic expression—typically a nominal expression—and its informational status in the memory/attention states in the hearer’s mind. In this sense, a discourse referent can be said to be ‘salient’, ‘activated’, ‘familiar’, ‘specific’, ‘brand new’, etc.”

(31)

it	associa a uma representação em foco de atenção	(em foco)
this/that/this NP	associa a uma representação na memória de trabalho	(ativado)
that NP	associa a uma representação na memória	(familiar)
the NP	associa a uma representação única a um DP	(identificação única)
indefinite this NP	associa a uma representação única	(referencial)
a NP	associa a uma representação de tipo	(identificação de tipo)

Exemplificamos cada status nas sentenças em (32).

(32)

- A: I couldn't sleep last night.
- B:
- a. A dog (next door) kept me awake. (identificação de tipo)
 - b. This dog (next door) kept me awake. (referencial)⁴⁸
 - c. The dog (next door) kept me awake. (identificação única)
 - d. That dog (next door) kept me awake. (familiar)
 - e. That kept me awake. (ativado)
 - f. It kept me awake. (em foco)

(Adaptado de GUNDEL et. al. (1993; p. 276-279) e HEDBERG (1990)).

De acordo com os autores, em (32a)

- (i) o artigo indefinido requer que o ouvinte consiga acessar a representação do tipo de objeto descrito pela expressão, ou seja, é preciso apenas que ele consiga identificar o tipo de entidade referida.
- (ii) Já no indefinido *this*, em (32b), o ouvinte ou recupera uma representação já existente do referente em questão ou constrói uma nova representação quando a sentença é processada.
- (iii) O artigo definido em (32c) requer que, além disso, o ouvinte consiga identificar o referente com base na própria expressão nominal.

⁴⁸ Aqui, “this dog next door” é o uso indefinido do pronome demonstrativo, e não seu uso dêitico – cujo referente é familiar ou ativado, como aparece em (32d) e (32e).

- (iv) O demonstrativo distal em (32d), por sua vez, só pode ser usado quando o falante é capaz de identificar unicamente o referente em questão, ou seja, existe uma representação mental desse referente na memória do falante.
- (v) O uso do demonstrativo em (32e) exige, ainda, que o referente ou esteja ativado no discurso (linguístico ou extralinguístico) imediatamente precedente ou seja facilmente acessível. Isto é, ele está presente na memória de curto-prazo.
- (vi) Por fim, o uso de um pronome não acentuado, como o pronome do caso reto em (32e), é restringido maximamente. Nele, o referente está fixado na mente do interlocutor, isto é, está na memória de curto-prazo e no centro de atenção⁴⁹.

De acordo com Hedberg, Gundel e Borthen (2019), uma propriedade importante da Hierarquia de Dadidade-Novidade é o fato de que cada status está em uma “relação unidirecional de acarretamento”. Assim, um elemento no topo da escala engloba todos os outros até a base, mas o inverso não acontece.

Por exemplo, em (33), embora o referente esteja *em foco*, tanto o pronome do caso reto não acentuado como o sintagma encabeçado por um artigo definido são adequados. Mas se o referente fosse interpretado simplesmente como *identificação única*, o pronome não seria, pois está mais alto na hierarquia.

(33)

“Uma mulher alta e confiante entrou na loja. Repentinamente, **a mulher / ela** gritou.

(Adaptado de HEDBERG, 2000)

E o que levaria o falante a escolher uma forma em detrimento de outra, quando ele tem essa possibilidade? De acordo com Hedberg, Gundel e Borthen (2019), a maioria das expressões são usadas com o status cognitivo que elas tipicamente codificam. Quando há mais de uma possibilidade, ela depende, entretanto, de outros fatores pragmáticos, como vemos na análise de (34):

⁴⁹ Note-se que por *em foco* os autores referem-se ao “status cognitivo” da informação, que está em “foco de atenção”. Não se trata da noção de “foco informacional”, que, de acordo com Gundel e Fretheim (2006), se refere à “informação que é predicada sobre o tópico” (p. 181.)

(34)

- a. O João se atrasou para o trabalho de novo. **Ele** nunca aprende.
- b. O João se atrasou para o trabalho de novo. **O idiota** nunca aprende.
- c. O João se atrasou para o trabalho de novo. **Um idiota** nunca aprende.
- d. O João se atrasou para o trabalho de novo. **Ele / o idiota / ?? um idiota** não gosta de acordar cedo.

Seguindo a Teoria da Relevância (Sperber e Wilson, 1995), as autoras afirmam que o falante escolhe a forma que leva ao menor esforço cognitivo. Em (34a), João está em foco de atenção, e pode ser retomado por “ele” com o mínimo de processamento mental. Em (34b), o NP “o idiota” veicula informação importante a respeito da opinião que o falante tem de João, e “tem efeitos cognitivos adicionais quando comparado ao pronome” (SCOTT, 2010 *apud* HEDBERG, GUNDEL e BORTHEN, 2019; p. 5). Essa mesma explicação se estende para o uso de “o idiota” em (34c). Mas o uso do indefinido em (34d) não parece adequado: embora seja possível inferir que João é “um idiota” porque não gosta de acordar cedo, relacionar essa expressão com o fato de que ele estava atrasado para o trabalho exige um esforço cognitivo maior. Assim, o artigo indefinido tende a ser rejeitado.

Por fim, é importante salientar que há uma relação entre os conceitos de *dadidade/novidade relacional* e *dadidade/novidade referencial*. Em seu estudo, Hedberg (1990) adota a proposta de Gundel (1985), que define que uma entidade só pode funcionar como tópico se ambos falante e ouvinte estiverem, no mínimo, familiarizados com ela.

(35)

CONDIÇÃO DE FAMILIARIDADE DO TÓPICO

Uma entidade, E, pode servir com sucesso como um tópico, T, sse tanto o falante quanto o ouvinte têm conhecimento prévio ou familiaridade com E.

(GUNDEL, 1985; p. 87).⁵⁰

Em resumo, a noção de dadidade-novidade referencial diz respeito ao lugar que uma expressão linguística tem na memória do falante – lugar que é explicitado pela Hierarquia de Dadidade-Novidade. Tais noções serão retomadas na seção 2.4, em que

⁵⁰ No original: “Topic-Familiarity Principle: An entity, E, can successfully serve as a topic iff both speaker and addressee have previous knowledge of or familiarity with E”.

veremos que a condição em (35), em conjunto com os princípios *Dado Antes de Novo* e *Primeiras Coisas Primeiro*, permite a Hedberg (1990) estabelecer algumas previsões sobre o comportamento das clivadas e das pseudoclivadas no discurso.

Antes, entretanto, é importante apresentarmos como Hedberg (2000) justifica o uso da Hierarquia de Dadidade-Novidade na identificação do status cognitivo da O.C. Como já mencionado na introdução, é comum analisar-se o status cognitivo apenas do C.C., mas estudos como de Braga (2009) e Aleixo (2015) mencionam que o da O.C. também é importante.

Na seção a seguir, veremos, mais detalhadamente, como Hedberg (2000) defende a aplicação de sua hierarquia para a análise da O.C.

3.3 Clivadas como expressões definidas

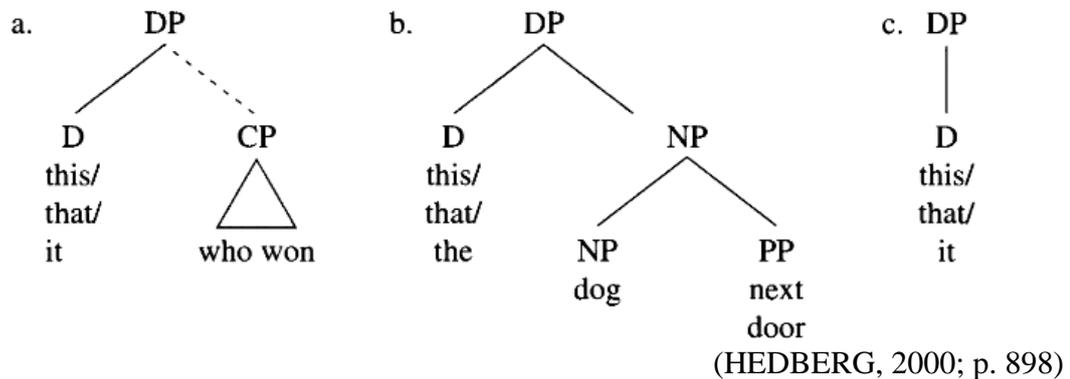
De acordo com Hedberg (2000), as *it-clefts* do inglês podem ser interpretadas como um tipo de expressão referencial definida. Isso permite à autora justificar o uso da Hierarquia de Dadidade-Novidade na análise da O.C., e apontar que devemos interpretar o conteúdo de uma O.C. mais como denotando um *referente do discurso* do que como expressando algum *conteúdo proposicional* contido ou a ser adicionado no *ground* (como ocorre com as *IP-clefts*).

Baseada no fato de quem em inglês há alternância entre os pronomes “it”, “this” e “that” nas clivadas canônicas (as *it-clefts*), a autora afirma que o pronome e a O.C. dessas construções compartilham propriedades semelhantes às de um sintagma composto por um determinante e um NP. Essas propriedades podem ser explicitadas a partir da Hierarquia de Dadidade-Novidade e mostram que a combinação do C.C. e da O.C. forma uma “expressão referencial descontínua”.

(36)

- a. **This** is the guy who won.
- b. **That** is the guy who won.
- c. **It** is the guy who won.

(37)



De acordo com Hedberg (2000),

“O que o sintagma nominal (NP) e o sintagma complementizador (CP) têm em comum é que ambos expressam um predicado (simples ou complexo). Assim, D toma como argumento um predicado e cria uma expressão referencial (o DP). Lembre-se [...] que o *it* é analisado como um alomorfe de *the*. Suponho que *it* aparece na posição de núcleo de D quando nenhum conteúdo descritivo (NP ou CP) o segue imediatamente. No caso da clivada, o CP o segue, mas não imediatamente.” (HEDBERG, 2000; p. 898).

Disso, segue-se, segundo Hedberg (2000), que há uma interação entre o status cognitivo da O.C. e o pronome da clivada canônica no inglês.

Em (38), por exemplo, a O.C. é do tipo *em foco*.

(38)

My heart beat fast, for I had thought that as the discoverer of the body I would be the first to be called; but to my surprise,

- a. **it** was Marcel.
- b. ?? **this/that** was Marcel
- c. ?? **this/that** was Marcel **who was called**
- d. **it** was Marcel **who called**.

(Adaptado de HEDBERG, 2000; p. 889)

Neste caso, a atenção do falante está centrada no conteúdo que a O.C. veicula. De acordo com a Hierarquia de Dadidade-Novidade, o pronome que corresponde ao status cognitivo *em foco* é “it”, e por isso ele é o único que é adequado. Inclusive, a O.C. pode ser deletada – o que Hedberg (2000) define como um caso de *clivada canônica truncada*.

Em (39a), o conteúdo da O.C. é *ativado pelo falante* (HEDBERG, 2000; p. 899), um status cognitivo que corresponde ao uso do pronome “this”.

(39)

I wasn't surprised by the massacre in China. [pause]

- a. **This** is not Iowa we're talking about – This is a different society.
- b. #**It** is not Iowa
- c. **This** is not Iowa
- d. ? **It's** not Iowa **we're talking about**

(Adaptado de HEDBERG, 2000; p. 889)

O exemplo (39b) mostra que uma clivada truncada com “it” não é possível porque a O.C., sendo apenas *ativada*, não pode ser deletada. Já a clivada truncada com “this”, em (39c), é possível porque este pronome corresponde ao status *ativado*. Segundo Hedberg (2000), uma clivada canônica não-truncada com “it”, em (39d), pode funcionar porque todo material que está *em foco* também é ativado – e cada status no topo da hierarquia acarreta os inferiores. “This”, ainda assim, é o melhor candidato.

Em (40), temos um caso em que o conteúdo da O.C. é interpretado como *familiar*.

(40)

K: [answering phone] Linguistics.

N: Hi!

K: Hi!

- a. N: Was **that** a 'sign' or a 'plaque' **that was on that bridge**?
- b. N: *Was **this** a 'sign' or a 'plaque' **that was on that bridge**?
- c. N: Was **it** a 'sign' or a 'plaque' **that was on that bridge**?

(Adaptado de HEDBERG, 2000; p. 902)

Na Hierarquia de Dadidade-Novidade, *familiar* refere-se à informação compartilhada entre falante e ouvinte, mas que não foi ativada, e em (40a) o pronome distal “that” sinaliza ao ouvinte que ele deve procurar por um antecedente em sua memória de longo prazo. Ou seja, “alguma coisa estava na ponte / *something was on the bridge*” é uma informação que deve estar na memória dos interlocutores, mas que não foi mencionada no contexto precedente.

Com relação à possibilidade de uso de uma clivada canônica com “it”, Hedberg (2000) afirma que

“uma clivada canônica completa seria possível, mas não tão útil para o destinatário quanto a clivada com ‘that’. O uso de uma clivada com ‘that’ ao invés de uma clivada canônica comum facilita o processamento ao instruir explicitamente o destinatário a pesquisar na memória por um referente”⁵¹ (HEDBERG, 2000; p. 902)

Por fim, a O.C. da clivada com pressuposição informativa em (41) é interpretada como *unicamente identificável*, um status cognitivo que não corresponde à informação da qual o ouvinte tem conhecimento. Nela, ele deve “recuperar ou construir uma representação de uma informação proposicional da O.C. no momento em que a O.C. é processada” (HEDBERG 2000; p. 903).

(41)

[Início de um artigo de jornal]

- a. **It** was just about 50 years ago **that Henry Ford gave us the weekend.**
- b. ***This** was just about 50 years ago **that Henry Ford gave us the weekend.**
- c. ***That** was just about 50 years ago **that Henry Ford gave us the weekend.**

Em (41), o pronome “it” pode ser usado porque, estando no topo da hierarquia, acarreta cada status inferior. Segundo a autora, ele é preferível a “this” e “that” porque obedece à Máxima de Quantidade, de Grice: não faça da sua contribuição mais informativa do que o necessário (GRICE, 1975). Seguindo Gundel et. al. (1993), a autora afirma que “como o artigo definido sinaliza explicitamente que o falante espera que o destinatário identifique unicamente o referente, o status cognitivo mais restritivo... muitas vezes tem pouco valor de informação e não precisa ser sinalizado explicitamente” (GUNDEL 1993 *apud* HEDBERG, 2000; p. 904).⁵²

Em resumo, Hedberg (2000) defende, portanto, que as sentenças da família das clivadas são análogas a expressões definidas, cuja O.C. pode ser analisada a partir da Hierarquia de Dadidade-Novidade. Além disso, a hierarquia permite uma descrição mais

⁵¹ No original: “a full it-cleft would be possible, but not as helpful to the addressee as the that-cleft. Use of a that-cleft instead of an ordinary it-cleft facilitates processing by explicitly instructing the addressee to search memory for a referent”.

⁵² No original: “Since the definite article explicitly signals that the speaker expects the addressee to uniquely identify the referent, the more restrictive cognitive statuses... often have little information value and do not need to be signaled explicitly”.

detalhada das clivadas com pressuposição informativa, em que a O.C. é descrita como *unicamente identificável*.

Aqui, nos deparamos com uma questão importante: muitas dessas construções com *this, it* etc. são particulares ao inglês, e é difícil reproduzi-las com demonstrativos ou outros pronomes em português. A proposta da autora pode, ainda, gerar controvérsias: a hipótese de que clivadas denotam referentes do discurso acaba por introduzir uma certa confusão no status de conteúdos veiculados por elas; afinal, são conteúdos proposicionais (dos quais faz sentido falar em “assertados” ou “pressupostos” etc.), ou são referentes do discurso (que pertencem ao domínio de entidades do discurso, fazendo sentido dizer que são “referencialmente dados/novos”, e entram nas “escalas de dadidade/acessibilidade” que outros DPs entram)?

Entretanto, se levarmos em conta que praticamente todos os fatos anteriormente discutidos do inglês se estendem às clivadas canônicas do português, vemos que não é possível que as propriedades antes discutidas das *it-clefts* em inglês sejam totalmente dependentes da sua relação com as construções com *this, it* etc. Além disso, cumpre salientar, mais uma vez, que a análise do status informacional da O.C. foi feita por Prince (1978) e, no português brasileiro, é mencionada por autores com Braga (2009) e Aleixo (2015).

Temos, aqui, a oportunidade de aprofundar uma questão ainda pouco estudada na literatura e, por essa razão, a proposta de Hedberg (2000) será aqui adotada.

Na próxima seção, veremos como a relação entre a O.C. e o C.C., a partir da interação da *Condição de Familiaridade do Tópico* e dos princípios *Dado Antes de Novo* e *Primeiras Coisas Primeiro*, permite a Hedberg (2000) traçar previsões sobre a distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas no discurso.

3.4 Previsões sobre a distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas no discurso

Com base na *Condição de Familiaridade do Tópico* e nos princípios *Dado Antes de Novo* e *Primeiras Coisas Primeiro*, de Gundel (GUNDEL, 1985; 1988 *apud* HEDBERG, 1990), Hedberg (1990) elabora algumas previsões sobre o uso das clivadas canônicas e das pseudoclivadas no discurso.

(42)

a. *Dado Antes de Novo*

Declare o que é dado antes do que é novo em relação a ele.

b. *Primeiras Coisas Primeiro*

Forneça as informações mais importantes primeiro.

(GUNDEL 1985; 1988 *apud* HEDBERG, 1990; p. 21)

De acordo com a autora,

segue-se do princípio Primeiras Coisas Primeiro, de Gundel, que o tópico pode seguir o comentário com sucesso se o tópico for menos ‘importante’ do que o comentário. Se fizermos as seguintes suposições, (i) que um tópico já ativado é relativamente menos importante do que o comentário a ele associado e (ii) que um tópico não ativado é tão ou mais importante do que o comentário a ele associado, segue-se que um tópico só pode ser expresso na posição final da frase se for ativado. Esta “restrição de ativação” em tópicos adjacentes à direita decorre da interação dos dois princípios. Ou seja, é apenas quando um tópico JÁ está em discussão que ele é menos importante do que o comentário e, portanto, pode segui-lo. (HEDBERG, 1990; p. 22)⁵³

As possibilidades, segundo a autora, podem ser visualizadas em (43), em que “t” indica um *tópico ativado*, “T” um *tópico não ativado*, “C” um *comentário não ativado*, “+” que o princípio é *satisfeito*, “-” que o princípio *não é satisfeito*, e “o” que ele é *satisfeito trivialmente*:

(43)

	GIVEN-NEW t,T < C	FIRST-FIRST T,C < t
tC	+	-
TC	+	o
Ct	-	+
CT	-	o

(HEDBERG, 1990; p. 22)

⁵³ No original: “it follows from Gundel’s First Things First Principle that the topic can felicitously follow the comment if the topic is less ‘important’ than the comment. If we make the further assumptions, (i) that an already activated topic is relatively less important than the associated comment and (ii) that an unactivated topic is equally or more important than the associated comment, it follows that a topic can only be expressed in sentence-final position if it is activated. This ‘activation constraint’ on right-adjoined topics follows from the interaction of the two principles. That is, it is only when a topic is ALREADY under discussion that it is less important than the comment and can therefore follow it.”

De acordo com o princípio *Dado Antes de Novo*, podemos ter somente duas possibilidades: (i) um tópico ativado seguido de um comentário não ativado e (ii) um tópico não ativado seguido de um comentário não ativado. Já de acordo com o princípio *Primeiras Coisas Primeiro*, podemos ter somente uma possibilidade: um comentário não ativado seguido de um tópico ativado. O caso *comentário-tópico*, em que ambos são não-ativados, não é possível.

Para Hedberg (1990; cap. 2 p. 105), por definição o tópico de uma sentença é dado em relação ao comentário. Assim, nas clivadas canônicas em que a O.C. é o tópico, há violação do primeiro princípio, *Dado Antes de Novo*, mas obediência ao segundo, *Primeiras Coisas Primeiro*. Nesse caso, o tópico precisa ser menos importante do que o comentário, do que segue que deverá ser *ativado*.

Hedberg e Fadden (2007; p. 11) sintetizam do seguinte modo a interação entre os princípios: um tópico não ativado seguido por um comentário não ativado obedece aos dois princípios, e é “um candidato ótimo”; um tópico ativado precedido de um comentário não ativado viola apenas *Dado Antes do Novo*, sendo possível ou “relativamente ótimo”; e também é “relativamente ótimo” um tópico ativado seguido de um comentário não ativado, que viola apenas *Primeiras Coisas Primeiro*; finalmente, um comentário não ativado seguido de um tópico não ativado viola ambos princípios, e por essa razão não é possível. Assim sendo, tópicos finais são sempre ativados.⁵⁴

Neste trabalho, será de maior importância a análise do *Princípio de Familiaridade do Tópico*, já que estão encapsuladas, neste princípio, duas ideias fundamentais da análise de Prince (1978): (i) a O.C. da pseudoclivada precisa *estar na consciência do ouvinte* e (ii) ser o *tema* do trecho em que se encontra.

Como veremos, a análise quantitativa dos dados mostra uma forte correspondência entre esses princípios e a distribuição das clivadas no discurso – em especial quando se admitem níveis intermediários de *dadidade-novidade referencial*.

Tendo sido feita a apresentação dos principais conceitos que embasam os estudos de Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), passaremos para o estudo das propriedades da estrutura informacional das clivadas canônicas e das pseudoclivadas.

⁵⁴ Note-se que nas *IP-clefts*, a oração clivada é o comentário e, por isso, não precisa estar ativada.

3.5 A análise das clivadas canônicas

Aqui, são apresentadas a análise das clivadas canônicas a partir de Hedberg (1988), Hedberg (1990) e Hedberg e Fadden (2007).

Em Hedberg (1988), a autora apresenta os resultados de uma pesquisa de corpus com dados de fala, retirados de um programa de televisão, *The McLoulin Report*, que incluía clivadas canônicas, pseudoclivadas e pseudoclivadas invertidas. Nesse estudo, foram analisadas 10 clivadas canônicas, e todas elas eram do tipo *comentário-tópico*, pois o acento primário sempre recaía sobre o C.C. – ou seja, não foram encontrados casos de *IP-clefts*.

Em sua análise, o status cognitivo da O.C. era sempre ativado pelo contexto linguístico precedente, como vemos em (44):

(44)

- a. Porque a nossa intenção era levar alguma forma de democracia para lá; nossa intenção era fazer os sandinistas jogarem a toalha. **São os CONTRAS quem tem de jogar a toalha.**⁵⁵

- b. JM: Algumas pessoas pensam que o governo Reagan está em seu ponto mais BAIXO, em seu NADIR. Você concorda, Eleanor?
 EC: De modo algum. A administração Reagan-Baker está em BOA forma. **É a administração do BUCHANAN que está tendo PROBLEMAS.**⁵⁶

(HEDBERG, 1988; p. 4)

Já em Hedberg (1990), a autora afirma que a O.C. de uma C.C. não precisa ser sempre o tópico. Ela também pode ser o “comentário”. Para compreender a afirmação da autora, analisemos o exemplo a seguir:

⁵⁵ No original: “Because our whole intention was to bring some form of democracy there; our intention was to make the Sandinistas cry uncle. **It is the CONTRAS who have cried uncle.**”

⁵⁶ No original: “JM: Some people think that Reagan's administration is at its LOWEST ebb, it's NADIR. Do you agree, Eleanor?”

EC: Absolutely not. The Reagan-Baker Administration is in FINE shape. **It's the BUCHANAN administration that's having PROBLEMS.**”

(45)

“Assim mesmo. E claro, só temos a versão dele sobre a sobrinha e a enfermeira – e ele obviamente tinha aquilo que os escoceses chamam de tirar a enfermeira do sério. Não devemos perdê-la de vista, aliás. Ela foi a última pessoa a estar com a senhora idosa antes de sua morte, e **foi ela quem administrou a injeção**.

_ Sim, sim, mas a injeção não teve nada a ver com isso. Se algo está claro, é isso.”⁵⁷

(HEDBERG, 1990; cap. 6 p. 1. Grifos da autora.)

De acordo com Hedberg (1990), o referente “a enfermeira” é introduzido em (45), mantido na segunda ocorrência, pronominalizado na terceira e se mantém como tópico até o uso da clivada. O trecho é considerado, intuitivamente, como sendo sobre a enfermeira. Para a autora, essa análise fica mais clara quando exemplo é reescrito em um contexto pergunta-resposta, em que é possível perceber que o tópico é “ela/a enfermeira” e o comentário é “quem administrou a injeção”:⁵⁸

(46)

a. A: Por que não podemos perder a enfermeira de vista?

B: Ela foi a última pessoa a estar com a senhora idosa antes de sua morte, e **foi ela quem administrou a injeção**

⁵⁷ No original: ‘Just so. And of course, we’ve only got his version of the niece and the nurse—and he obviously had what the Scotch call ta’en a scunner at the nurse. We mustn’t lose sight of her, by the way. She was the last person to be with the old lady before her death, and **it was she who administered that injection.**’

‘Yes, yes — but the injection had nothing to do with it. If anything’s clear, that is.’

⁵⁸ De acordo com Sérgio de Moura Menuzzi (comunicação pessoal), “Para mim, há uma diferença nítida, em português, entre o texto como está e o texto em que a enfermeira seria o *tópico* e, aí sim, a oração clivada seria o “comentário”. Compare:

... Ela foi a última pessoa a estar com a senhora idosa antes de sua morte, e foi ela quem administrou a injeção.

Ela foi a última pessoa a estar com a senhora idosa antes de sua morte, e ___ foi quem administrou a injeção.

Neste último exemplo, é claro que a enfermeira é o “tópico contínuo” – é expressa por sujeito nulo em português. Note a diferença entre os exemplos: neste último caso, não há expectativa, não se entretém, contextualmente, a possibilidade contextual de que outra pessoa tenha administrado a injeção. No texto original, há essa possibilidade, e a clivada justamente é um modo de excluir, por inferência, tal possibilidade... Ou seja: há algum grau de contraste – logo, me parece que a análise em que ela é simplesmente um tópico contínuo, e a oração clivada é simplesmente comentário, não é tão pacífica como a Hedberg faz crer.

b.

A: Por que você diz que não podemos perder a enfermeira de vista?

B: Bem, você sabe quem foi a última pessoa a estar com a senhora idosa antes de sua morte?

A: A enfermeira.

B: E quem administrou a injeção?

A: Foi ela.

(HEDBERG, 1990; cap. 6, p. 32)

A partir desse exemplo, Hedberg (1990) sugere que perguntas tópicas podem ser hierarquizadas. Além disso, afirma que o referente da O.C. pode funcionar como um tópico do discurso ao invés do tópico da sentença.

Ainda baseando-se no teste de formulação de perguntas e respostas, a autora sugere que clivadas em abertura de discurso correspondem a uma resposta a *perguntas múltiplas*, como vemos em (47):

(47)

A: O que aconteceu e quando aconteceu?

B: Foi há 50 anos que Henry Ford nos deu o fim de semana.

(Adaptado de HEDBERG, 1990; p. 7)

Seguindo Prince (1978), Hedberg (1990) aponta que as clivadas em abertura de discurso seriam subordinadas em importância ao que segue no discurso, funcionando como um material de transição. Por exemplo, elas poderiam ancorar um indivíduo ou uma situação a um ponto de origem, como quando as clivadas canônicas são usadas para “conectar” o interlocutor a um evento histórico. De acordo com a autora, elas são usadas para atrair a atenção do ouvinte à proposição veiculada pela O.C.

Diz Hedberg (1990):

A natureza quase tópica do constituinte clivado inicial também segue da análise de focos múltiplos, dada a suposição de que o constituinte clivado expressa a “chave de classificação” da resposta, no sentido de Kuno 1982, assim como a palavra-qu antes de uma pergunta múltipla.

A função geral das clivadas, então, é simplesmente destacar a resposta a uma questão relevante.⁵⁹ (HEDBERG, 1990; cap. 6, p. 33)

Como já discutido, não nos parece suficientemente claro o que a autora entende por conceitos como *pergunta múltipla* e *questão relevante* – o que poderia ser resolvido se aproximarmos tais conceitos àqueles apresentados por uma teoria como a QUD (Kuppevelt, 1995), em que uma *questão relevante* pode ser relacionada a uma (*super*)*pergunta* e uma *IP-cleft* (uma resposta a uma *pergunta múltipla*) pode ser entendida como um *feeder*. Esse, entretanto, não será o foco do trabalho; dos estudos de Hedberg (1988, 1990) sobre as clivadas canônicas, interessa, principalmente, a ideia de que clivadas canônicas são mais livres em sua dadidade-novidade relacional, pois a O.C. pode ser um tópico ou um comentário – afirmação que é reforçada por Hedberg e Fadden (2007).

Em Hedberg e Fadden (2007), as autoras realizam uma ampla revisão do trabalho de Hedberg (1988), em que, a partir de uma nova metodologia (a ser discutida na seção 2.7) e um novo corpus de pesquisa, analisam novas ocorrências de clivadas canônicas, pseudoclivadas e pseudoclivadas invertidas. Assim como no trabalho anterior, seus dados foram coletados da mesma fonte, isto é, de um programa de televisão (*The McLouhin Report*).

Com relação à análise quantitativa das clivadas canônicas e das pseudoclivadas, Hedberg e Fadden (2007) coletaram 98 construções, sendo que 8 eram do tipo canônica. Nesse caso, as autoras perceberam que as clivadas canônicas se diferenciavam por serem menos restritas com respeito à *dadidade relacional*, pois tanto a O.C. como o C.C. podiam ser um tópico ou um comentário – em outras palavras, podiam ser do tipo *tópico-comentário*, *comentário-tópico* e *all-comment*. O exemplo (48) exemplifica uma clivada que as autoras classificam como *all-comment*. Para elas, ambas partes foram interpretadas como *familiar*.

⁵⁹ No original: “The quasi-topical nature of the initial clefted constituent also follows from the multiple-focus analysis, given the assumption that the clefted constituent expresses the ‘sorting key’ of the answer in the sense of Kuno 1982, as does the fronted wh-word of a multiple question. The overall function of clefts in general, then, is simply to highlight the answer to a relevant question.”

(48)

Sra. Clift: Bem, acho que foi o seu PRESIDENTE, seu antigo CHEFE, que abriu a porta para nós na China.⁶⁰

(HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 11)

Hedberg (1988, 1990) e Hedberg e Fadden (2007), portanto, convergem quanto à afirmação de que clivadas canônicas são mais livres com respeito à dadidade-novidade relacional. Além disso, seus dados mostram que nos casos em que a O.C. é um tópico ele é sempre ativado, o que confirma a interação entre os princípios *Dado Antes de Novo e Primeiras Coisas Primeiro*.

3.6 A análise das pseudoclivadas

Aqui, são apresentadas as análises de Hedberg (1988), Hedberg (1990) e Hedberg e Fadden (2007) para as pseudoclivadas.

Em relação às pseudoclivadas, Hedberg (1988) encontrou 182 casos; em todos, o acento primário recaía sobre o C.C., e a O.C. era interpretada, portanto, como tópico. De acordo com a autora, a O.C. pode veicular um tópico ativado, reativado, contrastivo ou novo, o que confirma a ideia de que a única restrição imposta a tópicos em pseudoclivadas é que veiculem informação compartilhada (HEDBERG, 1988; p. 5). Em (49), apresentamos os exemplos da autora para cada caso, respectivamente:

(49)

a. M: O que o Dole tem a ganhar?

JG: **O que o DOLE tem a ganhar é sair de um trabalho RIDÍCULO do qual ele está DE SACO CHEIO.**⁶¹

b. M: . . . Esta vitória de Dukakis [Wisconsin] quer dizer... ou faz dele agora, sem dúvidas, o candidato democrata? . . .

⁶⁰ No original: “Ms. Clift: Well, I think it was your PRESIDENT, your past EMPLOYER, who opened the door for us to China.”

⁶¹ No original: “JM: What's in it for Dole?”

JG: **WHAT'S in it for DOLE is getting out of a DUMB job that he's SICK of.**”

EC: Bem, **o que WISCONSIN fez foi RESPONDER à pergunta que MINHA revista fez, “o Jesse [James, oponente de Dukakis nas prévias democratas] pode ganhar?”** E a resposta provavelmente é não, e o establishment do Partido Democrata deu um grande suspiro de alívio. Mas Nova York é situação arriscada e difícil, ...⁶²

- c. RN: Eu nunca, neste programa, disse que era contra o tratado INF. **O que eu sou contrário é à DISTENÇÃO** e a tudo isso dançar por aí. E o que Eleanor fez é um pequeno truque que está acontecendo aqui, e você tem alguns palhaços fora de controle, como Howard Phillips, fazendo comentários destemperados, e toda a oposição que está acontecendo nesta semana terrível é colocada nas mãos de Howard Phillips ...⁶³
- d. BB: Sim, exatamente. Mike Dukakis não joga o jogo político naturalmente. E isso não estava no topo de sua lista. Agora, **o que é REALMENTE interessante é a maneira como ele lidou com Jackson DEPOIS DISSO.** Ele estava esperando a hora, e Jackson finalmente teve que vir até ele na terça-feira e dizer: “Eu aceito – seu – ...”⁶⁴

(HEDBERG, 1988; p. 6)

Ressalte-se que o corpus utilizado em Hedberg (1988) consistia em discussões de um programa de debates, em que do total de pseudoclivadas encontradas

“46% são usados para iniciar o turno de um participante enquanto outros 47% são usados para abrir uma nova seção do discurso, seja para iniciar a própria contribuição do falante após uma resposta inicial ao

⁶² No original: “JM: ... Does this Dukakis win [Wisconsin] mean, or make him now the certain Democratic nominee? ...

EC: Well, what WISCONSIN did was ANSWER the question that MY magazine asked, ‘Can Jesse Win?’ And the answer to that is probably no, and the Democratic Party establishment breathed a huge sigh of relief. But New York is a very dicy situation...”.

⁶³ No original: “RN: I have never, on this program, ever said I was opposed to the INF treaty. What I am OPPOSED to is DETENTE and all this dancing around. And what Eleanor did is a little trick that's going on here, and you have some out-of-control zanies like Howard Phillips making intemperate remarks, and all the opposition that's going on to this terrible week is put in Howard Phillips' hands.”

⁶⁴ No original: BB: Yes, exactly. Mike Dukakis doesn't play the political game naturally. And it was not at the top of his list. Now, **what's REALLY interesting is the way he handled Jackson AFTERTHAT.** He was biding his time, and Jackson finally had to come to him on Tuesday and say, ‘I accept -- your—’”

ouvinte anterior ou para sinalizar o início de uma nova seção de argumento” (HEDBERG, 1988; p. 6).⁶⁵

De acordo com a autora, pseudoclivadas são tipicamente usadas para abrir um novo subtópico, ou retornar a um subtópico após digressão. Com esses dados, a autora sugere que pseudoclivadas funcionam como uma “poderosa ferramenta de organização” (HEDBERG, 1988; p. 6).⁶⁶

Hedberg (1990) mantém a posição de Hedberg (1988), reafirmando que pseudoclivadas, ao contrário de clivadas canônicas, são mais restritivas em relação à dadidade-novidade relacional, mas mais “livres” em relação à dadidade-novidade referencial, já que o tópico não precisa ser ativado. Como vimos na discussão sobre o trabalho de Prince (1978), é uma posição que Hedberg (1990) considera contrária à da autora, pois, a seu ver, esta associa um forte caráter de ativação às pseudoclivadas.

Cumprе lembrar, entretanto, a observação feita na análise de Prince (1978): a dificuldade que Hedberg e Fadden (2007) encontram quando se deparam com material inferível ou familiar pode estar no fato de não trabalharem com uma categoria como *acessível*, de Lambrecht (2001). Ressaltemos, ainda, que o “forte caráter de ativação” pode admitir casos que envolvem a inferência de *bridging*.

Essa afirmação também encontra respaldo no trabalho de Hedberg e Fadden (2007), em que as autoras revisam Hedberg (1988) a partir de um novo corpus e de uma nova metodologia de pesquisa (a ser descrita na próxima seção). Aqui, foram encontradas 25 pseudoclivadas, em que 23 continham uma O.C. *velha no discurso* – isto é, ativada, o que, mais uma vez, converge com as conclusões de Prince (1978).

É importante salientar que em relação à dadidade referencial as autoras reportam que tanto nas clivadas canônicas como nas pseudoclivadas o material à esquerda era quase sempre *mais velho* do que o material à direita. Elas encontraram um único caso que não parece seguir esse princípio, que é quando o C.C. é *catafórico*.

“uma restrição na ordem de constituintes em termos de dadidade referencial pode ser extraída do conjunto completo dos dados se permitirmos que a informação inferível ou indiretamente anafórica da oração clivada conte como (pelo menos) um nível menos dado do que

⁶⁵ No original: “46% are used to initiate a participant's turn [...] while another 47% are used to open a new discourse section, either to initiate the speaker's own contribution following an initial response to the previous speaker or to signal the beginning of a new section of argument”.

⁶⁶ Note-se que, se há uma compatibilidade com a QUD de Kuppevelt (1995), para Hedberg (1988) uma pseudoclivada, nesse contexto, está hierarquizada de tal modo que faz parte de uma subpergunta, cuja função é contribuir para responder a uma pergunta).

a informação diretamente anafórica correspondente. Nesta restrição informações referencialmente mais dadas (por exemplo, informações ativadas) tendem a preceder informações referencialmente mais novas (por exemplo, inferível a partir de informações ativadas)”⁶⁷. (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 8)

Em um dos casos, a pseudoclivada foi analisada como *all-comment*. Neste, Hedberg e Fadden (2007) interpretaram a O.C. e o C.C. como *informativos*.

(50)

Sr. McLaughlin: Tudo bem, deixe-me fazer uma pergunta. Você sabe que o presidente, o presidente Bush, está preparando sua própria proposta de pacote de paz. Você sabe alguma coisa sobre os elementos disso?

Sra. Clift: Bem, **o que vazou para o New York Times**

Sr. McLaughlin: O que você sabe?

Sra. Clift: — **é que ele favorecerá** — ele favorece um ESTADO palestino.⁶⁸

(HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 14)

Este caso aparentemente apresenta um problema, pois a O.C. não é, a princípio, um tópico, e é *informativa*. De acordo com as autoras, é possível que nessa ocorrência a O.C. esteja sim funcionando como um tópico, ainda que seja *informativa* – uma conclusão baseada em Gundel (1985), que “sugere, mas não defende” (HEDBERG e FADDEN, 2019; p. 14) que um elemento não familiar pode funcionar como tópico quando o material da O.C. está ancorado em outro elemento. Ou seja: mesmo sendo informação nova, ele é licenciado como tópico.

Para Hedberg e Fadden (2007):

“como um novo tópico relevante, podemos então talvez concluir que ele se encaixa no requisito de que a pressuposição de uma pseudoclivada esteja apropriadamente na consciência do ouvinte,

⁶⁷ No original: “a constraint on constituent order in terms of referential givenness can be extracted from the full set of data if we allow inferable or indirectly anaphoric cleft clause information to count as (at least) one level less given than the corresponding directly anaphoric information. This constraint is that referentially more given information (e.g. activated information) tends to precede referentially newer information (e.g. inferable from activated information)”

⁶⁸ No original: “Mr. McLaughlin: All right, let me ask you this question. You know that the president, President Bush, is preparing his own peace package proposal. Do you know anything about the elements of that?”

Ms. Clift: Well, what’s been leaked to the New York Times

Mr. McLaughlin: What do you know?

Ms. Clift: —is that he will favor—he favors a Palestinian STATE”.

embora não necessariamente, de fato, já nessa consciência. Em outras palavras, o ouvinte pode antecipar que esta é uma maneira apropriada de continuar o discurso”.⁶⁹ (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 14).

É uma noção que se aproxima de Prince (1978), que utiliza o conceito *ouvinte cooperativo* para se referir à informação que se presume como naturalmente presente na consciência do interlocutor.

Hedberg e Fadden (2007), entretanto, divergem de Prince (1978), pois para elas é a noção de *dadidade-novidade* relacional, e não referencial, que se aplica à descrição das pseudoclivados. Para as autoras, o que importa é que uma dada informação seja tópico ou comentário, independentemente do status cognitivo que tenha na mente dos interlocutores.

A nosso ver, há uma outra possibilidade de análise para (50): trata-se de um diálogo em um programa de entrevistas, sobre questões correntes – portanto, notícias de interesse público. E o *The New York Times* é um dos principais jornais dos EUA. Nesse contexto, “algo (uma notícia relevante) vazou para o *The New York Time*” é conteúdo inferível, acessível – provavelmente, algum tipo de *bridging* contextual. Isso pode ser comparado com algum tipo de “ação informativa” que fosse totalmente inesperada nesse contexto – algo do tipo “acordei às 6h da manhã”, que seria totalmente infeliz no contexto do programa.

A nosso ver, a base empírica para a decisão das autoras, de que a O.C. da pseudoclivada deve ser um tópico, mas não precisa estar ativada, é frágil: dos 25 casos de pseudoclivadas que elas estudaram, 23 foram classificados como tendo uma O.C. com *material velho*” e entre as duas restantes está (50) – em que, como vimos, o material certamente não é simplesmente *novo*, já que tem algum grau de *dadidade* (é *inferível*, *acessível* etc.).

Dentro dessa perspectiva, acreditamos que os dados das autoras não divergem da análise de Prince (1978): eles convergem com a hipótese de que a O.C. das pseudoclivadas é um *tema/tópico* e, portanto, no mínimo *familiar* para o ouvinte.

⁶⁹ No original: “As a relevant new topic, we can then perhaps conclude that it fits the requirement that the presupposition of a wh-cleft be appropriately in the hearer’s consciousness although not necessarily in fact already in that consciousness. In other words the hearer can anticipate that this is an appropriate way to continue the discourse.”

3.7 A nova hierarquia de Dadidade-Novidade

Antes de prosseguirmos para a recapitulação das análises de Hedberg (1988, 1990, 2000) e Hedberg e Fadden (2007), é importante apresentar algumas considerações sobre a metodologia empregada em Hedberg e Fadden (2007).

Nesse trabalho, as autoras utilizam uma nova escala para a análise do status cognitivo de uma expressão linguística, baseada na Hierarquia de Dadidade-Novidade Referencial, apresentada na tabela 1. Como vemos, a nova hierarquia contém a exclusão da categoria *em foco*, mas também a adição das categorias intermediárias *recentemente ativado*, *inferível*, *catafórico* e *wh*.

Tabela 1: Hierarquia de Dadidade + Novo e Velho no Discurso

Ativado	Velho no discurso
Recentemente ativado	
Inferível de situação ativada	
Inferível de proposição ativada	
Inferível de proposição recentemente ativada	
Familiar	Novo no discurso
Inferível de proposição familiar	
Informativo	
Catafórico	
Wh	

Hedberg e Fadden (2007, p.5)

A postulação de novas categorias pode ser interessante se presumirmos que existem outros níveis, intermediários, de dadidade-novidade referencial. Com base no exemplo (16), de Prince (1978), isso faz sentido: segundo Prince (1978), embora o C.C. das pseudoclivadas não precise veicular uma informação absolutamente nova, ele não pode ter maior grau de ativação na consciência do ouvinte do que a informação da O.C. Em outras palavras, duas expressões linguísticas possivelmente categorizadas em um mesmo ponto da Hierarquia de Dadidade-Novidade podem, na verdade, estar relacionadas a outras categorias não captadas por ela.

Infelizmente, Hedberg e Fadden (2007) não apresentam, detalhadamente, o que as motivou a formular essa nova hierarquia. As autoras simplesmente afirmam, em uma nota

de rodapé, que têm como objetivo sintetizar o trabalho de Prince (1978, 1985) e Gundel (1985, 1988) sobre as clivadas canônicas e as pseudoclivadas do inglês, sem descrever explicitamente as propriedades dos novos níveis.

Entretanto, a partir da análise dos trabalhos de Prince (1985, 1988) e Gundel (1985), é possível recuperar tais propriedades.

Prince (1985) defende que alguns grupos de construções sintáticas aparentemente diversas podem ser identificadas, na verdade, como pertencentes a um mesmo grupo, cuja função é marcar uma informação como *conhecimento compartilhado*. Neste trabalho, a autora estuda as construções de *topicalização* e *deslocamento-à-esquerda*, e apresenta duas noções de *conhecimento compartilhado*: *Clark-given* (HAVILAND e CLARK, 1974; CLARK e HAVILAND, 1977), que corresponde à informação que é parte do *depósito de conhecimento geral do falante*, e *Chafe-given* (CHAFE, 1974, 1976), que se refere à informação que está na *consciência corrente do ouvinte* (PRINCE, 1985; p. 66).

De acordo com a autora, uma construção de topicalização no inglês marca uma proposição aberta pressuposta como *Chafe-given*, o que não acontece com uma construção de deslocamento à esquerda. Em Prince (1978), vimos que a O.C. das pseudoclivadas é do tipo *Chafe-given*, posição que a autora mantém.

Em Prince (1988), a autora estuda os conceitos de *informação velha* e *informação nova*, que, segundo ela, até então tinham significado “uma variedade de coisas ao longo dos anos” (PRINCE, 1988; p. 5)⁷⁰. De acordo com a autora, é possível distinguir três sentidos de informação nova/velha:

- (i) a noção de Chomsky (1971), que divide uma construção entre *foco* e *pressuposição*, em que o *foco* é a *informação nova* e a *pressuposição* – uma proposição aberta – é a *informação velha*;
- (ii) a noção de *velho e novo na mente do ouvinte*, em que *velha* é a informação que é de conhecimento do falante e do ouvinte, e *nova* é a informação que *não* é de conhecimento do ouvinte; e
- (iii) a noção de *velho e novo no discurso*, que diz respeito ao processamento do discurso, isto é, ao fato de um referente ter ou não sido evocado no contexto precedente.

⁷⁰ No original: “the terms 'old/given' and 'new' information have meant a variety of things over the years”.

Nesse trabalho, a autora propõe um novo tipo de análise textual, que chama de “científica”, em contraste a análises “humanísticas”. Para a autora, a análise “científica” objetiva encontrar princípios gerais que diferenciem um tipo de texto de outro, o que ela exemplifica a partir da análise da “ZPG letter”.

Na análise desse texto, a autora afirma que há muitas poucas construções do tipo *foco - pressuposição* (PRINCE, 1988; p. 5), e que, para seu estudo, são mais importantes as noções de *velho e novo na mente do ouvinte* e *velho e novo no discurso*. Tais noções estão interrelacionadas, pois aquilo que é *novo na mente do ouvinte* diz algo sobre o seu status informacional *no discurso*, já que uma informação *nova na mente* do ouvinte tem de ser *nova no discurso*. Entretanto, não se trata de uma relação simétrica, pois aquilo que é *novo no discurso* pode ou não estar na mente do interlocutor. Em outras palavras, “novidade no discurso não nos diz nada sobre o status de uma entidade na mente do ouvinte” (PRINCE, 1988; p. 7)⁷¹.

Nos trabalhos de Prince (1978, 1985, 1988), portanto, há uma tentativa de delimitação das noções de *novo* e *velho* no discurso, em que são enfatizadas aquelas que dizem respeito ao status cognitivo de uma expressão linguística na mente dos interlocutores e a seu grau de proeminência no discurso.

Já em Gundel (1985), fazem-se três afirmações: (i) o sujeito de uma pseudoclivada – no caso, a O.C. – é um tipo especial de *expressão definida referencial*, cujo referente deve ser no mínimo familiar para o ouvinte; (ii) em abertura de discurso, uma pseudoclivada é usada quando o falante quer chamar a atenção do ouvinte para um tópico – caso em que uma clivada canônica não é apropriada –, em que a O.C. faz parte do comentário; (iii) a O.C. da clivada canônica também é um tipo de expressão definida referencial, que é um tópico quando não recebe acento primário. (GUNDEL, 1985; p. 99).

Ao contrário de Prince (1978), Gundel (1985) afirma que as pseudoclivadas não precisam ser *Chafe-given* – posição adotada por Hedberg (1988, 1990) e Hedberg e Fadden (2007).

Com base nessas informações, percebe-se que o trabalho de Hedberg e Fadden (2007) tem como objetivo verificar as afirmações de Gundel (1985) a partir de uma análise quantitativa de dados. Essa análise envolve uma nova metodologia de trabalho, com base nas categorias levantadas por Prince (1985, 1988), em que um status cognitivo

⁷¹ No original: “Thus, Discourse-newness tells us nothing about an entity's Hearer-status”.

pode ser agrupado como *velho no discurso* quando contém material que é ativado e *novo no discurso* quando contém material que é não ativado.

Com relação às novas categorias, a que chamamos de *níveis intermediários*, Hedberg e Fadden (2007) afirmam que:

Para a dadidade referencial, usamos dez categorias derivadas livremente das categorias da Hierarquia de Dadidade de Gundel et al. (1993), e classificamos os dois principais constituintes de cada enunciado da clivada como tendo diretamente um determinado status cognitivo ou como sendo inferíveis de um elemento com um dos status cognitivos. Adicionamos as categorias ‘catafórico’ para constituintes cujos referentes não foram introduzidos até o enunciado da clivada ter sido completado, e ‘palavra-qu’ para palavras-qu que servem para expressar a porção quantificacional ‘desconhecida’ de uma palavra-qu. Dividimos as dez categorias nas duas supercategorias de elementos ‘velho no discurso’ ou elementos ‘novos no discurso’, seguindo Prince (1992). (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 4-5)⁷²

Em uma nota de rodapé, também afirmam o seguinte:

No conjunto de termos utilizados aqui, os categorizamos de acordo com o status máximo obtido; então ‘familiar’, por exemplo, significa ‘familiar, mas não ativado’. Usamos o termo ‘informativo’ para uma proposição pressuposta que não é familiar para o ouvinte, seguindo o trabalho de Prince (1978) sobre clivadas. Hedberg (2000) categorizaria essas pressuposições como ‘unicamente identificável, mas não familiar’ nos termos de Gundel et al. (1993). Também usamos o termo ‘informativo’ para os status cognitivos mais baixos, ‘referencial’ e ‘identificação de tipo’. Observe que nosso termo ‘recentemente ativado’ seria rotulado como ‘familiar, mas não ativado’ por Gundel et al. (1993), uma vez que a informação não está mais na memória de curto prazo. Também colocamos as proposições inferíveis sob a mesma categoria em que colocamos a proposição de que são inferíveis, seguindo Prince (1992), que coloca os referentes de NP que são inferíveis de referentes ativados sob a mesma categoria, dos “referentes velhos no discurso”.⁷³ (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 4-5).

⁷² No original: “For referential givenness we used ten categories derived loosely from the Givenness Hierarchy categories of Gundel et al. 1993, and classified the two major constituents of each cleft utterance as either directly having a certain cognitive status or as being inferrable from an element having one of the cognitive statuses. We added the categories ‘cataphoric’ for constituents whose referents were not introduced until after the utterance of the cleft was completed, and ‘question-word’ for wh-words that function to express the quantificational ‘unknown’ portion of a wh-question. We divided the ten categories into the two supercategories of ‘discourse old’ elements or ‘discourse new’ elements, following Prince (1992).”

⁷³ No original: “In the set of labels used here we labelled with the maximal obtaining status, so ‘familiar’, for example, means ‘familiar but not activated.’ We use the label ‘informativo’ for a presupposed proposition that is unfamiliar to the listener, following Prince’s (1978) work on it-clefts. Hedberg (2000) would label these presuppositions as ‘uniquely identifiable but not familiar’ in the terms of Gundel et al. (1993). We also use the label ‘informativo’ for the lowest cognitive statuses, ‘referential’ and ‘type

A proposta de Hedberg e Fadden (2007) tem a vantagem de permitir uma análise mais fina em termos de dadidade-novidade referencial, já que admite a existência de níveis intermediários. Entretanto, as citações aqui referidas são tudo o que as autoras têm a dizer sobre cada categoria. A que se referem o nível *inferível*? Qual a diferença entre uma *situação* e uma *proposição*? Do modo como foram descritas, as descrições ainda continuam insuficientemente claras.

Essa questão será retomada na seção metodologia. A partir do estudo da literatura utilizada e produzida pelas autoras, e na tentativa da reprodução de seu trabalho de pesquisa para o português brasileiro, foi possível elucidar a maioria dos conceitos apresentados.

3.8 Discussão e conclusões

Em resumo, de acordo com Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), a distribuição de clivadas canônicas e pseudoclivadas pode ser prevista a partir da interação entre a Hierarquia de Dadidade-Novidade, as noções de tópico e comentário, e os princípios *Dado Antes de Novo* e *Primeiras Coisas Primeiro*.

Em primeiro lugar, a autora entende a O.C. – em clivadas canônicas e pseudoclivadas – como análoga a expressões definidas. A O.C. funcionaria como uma *expressão referencial descontínua*, o que, segundo ela, é evidenciado pelo fato de que, nas clivadas canônicas do inglês (como vimos, o argumento é de difícil reprodução em português) o status cognitivo da O.C. corresponde ao tipo de pronome que precede a cópula. A autora também propõe que clivadas canônicas com pressuposição informativa têm uma O.C. que é *unicamente identificável*.⁷⁴

A partir dos princípios *Primeiras Coisas Primeiro*, *Dado Antes de Novo* e da *Condição de Familiaridade do Tópico*, Hedberg (1990) prevê que em clivadas canônicas um tópico final sempre será do tipo *ativado*, em *IP-clefts*, a O.C. faz parte do comentário, e em pseudoclivadas o tópico deverá ser, no mínimo, *familiar* – o que se correlaciona,

identifiable.’ Note that our label ‘recently activated’ would be labeled ‘familiar but not activated’ by Gundel et al. (1993) since the information is no longer in short-term memory. We also treat inferrable propositions as falling under the same broad category as the proposition they are inferrable from, following Prince (1992) who treats NP referents inferrable from activated referents as ‘discourse old’”.

⁷⁴ Lembramos que, de acordo com a Hierarquia de Dadidade-Novidade, uma expressão que é “unicamente identificável” está abaixo de uma informação que é *familiar*, que é uma expressão associada a uma “representação na memória”. Por “unicamente identificável” entende-se, simplesmente, que ela é associada a uma “representação única”.

fortemente, com a análise de Prince (1978). Tais condições parecem ser confirmadas pelos trabalhos quantitativos da autora, demonstrando que pseudoclivadas são mais restritas em relação à dadidade-novidade relacional – isto é, não admitem variabilidade, pois a O.C. é sempre um tópico (Hedberg 1988; Hedberg e Fadden, 2007). Nas clivadas canônicas, o status da O.C. é variado, pois pode ser um tópico ou um comentário (Hedberg 1988; Hedberg e Fadden, 2007).

Com relação à distribuição das clivadas no discurso, Hedberg (1988, 1990) defende que clivadas canônicas e pseudoclivadas são poderosos mecanismos de coesão, pois funcionam de modo estratégico na hierarquização do discurso ao responder a *perguntas múltiplas*, a *perguntas mais altas* ou ao introduzir subtópicos – noções que são bastante intuitivas, mas indicam que há uma relação estreita entre as construções clivadas e a organização do discurso.

Por fim, estudamos a literatura de Hedberg (2013), Prince (1985, 1988) e Gundel et. al. (2019), buscando melhor precisar os critérios de análise apresentados em Hedberg e Fadden (2007) – com a introdução de uma “nova hierarquia” que é interessante porque postula níveis intermediários de identificação de um *status cognitivo*.

Entretanto, é importante salientar que será preciso elaborar vários dos conceitos utilizados, já que Hedberg e Fadden (2007) não os apresentam de modo suficientemente operacionalizáveis. Assim o fazendo, teremos a oportunidade de avaliar a natureza e a aplicabilidade da escala proposta, ao menos na formulação aqui assumida.

Ressalte-se que na análise quantitativa serão de especial importância os conceitos *Princípio de Familiaridade do Tópico* e *Dado Antes de Novo*, que permitirão melhor compreender a relação entre a articulação informacional das clivadas e as posições em que ocorrem no discurso.

4 A ANÁLISE DAS CLIVADAS CANÔNICAS E DAS PSEUDOCIVADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Aqui, são apresentadas três análises sobre as clivadas canônicas e as pseudocivadas no português brasileiro: as análises de Braga (2009) e Aleixo (2015), cujo enfoque recai sobre a articulação informacional das clivadas, e a análise de Andrade (2019), que enfatiza o papel das clivadas através de uma “análise textual”. São trabalhos de fundamental importância, já que, a partir da articulação entre os conceitos neles apresentados, será possível formular as hipóteses que estabelecem a relação entre a Estrutura Informacional das clivadas com a posição em que ocorrem nos textos escritos do CorPop.

4.1 A análise de Braga (2009)

Braga (2009) estuda as sentenças da família das clivadas a partir de uma abordagem funcionalista e, com base em um estudo quantitativo com dados de fala, chega às seguintes conclusões sobre seu funcionamento no discurso: nas clivadas canônicas o C.C. costuma veicular informação [+ ativada], reiterando material linguístico da sentença imediatamente precedente, e nas pseudocivadas um C.C. é [-ativado] tem como função introduzir referentes novos ou inferíveis, que funcionam como *tópicos* do segmento textual subsequente.

Adotando, como dissemos, uma abordagem funcionalista, a autora embasa seu trabalho em uma concepção que dá centralidade à semântica e à pragmática, bem como enfatiza a “importância da dimensão cognitiva e [a] relevância do discurso e suas relações com o contexto” (BRAGA, 2009; p. 177). Segundo a autora, tal concepção rejeita a ideia de que a sintaxe é um sistema autossuficiente, colocando-a no papel de veiculadora de significados.

Como já indicamos, o estudo de Braga distingue dois grupos de clivadas: o grupo das “clivadas propriamente ditas”, que correspondem às *it-clefts* do inglês e que, em nossa terminologia, chamamos de *clivadas canônicas*; e o grupo das pseudocivadas (termo que também adotamos; para Prince, as *wh-clefts*). De acordo com Braga, no português brasileiro o grupo das “clivadas propriamente ditas” ainda inclui as *Construções É QUE*

e as *Construções Que*, e o grupo das pseudoclivadas inclui as *pseudoclivadas invertidas*, as *pseudoclivadas extrapostas* e as *Construções Foco Ser*.⁷⁵

A autora apresenta os resultados de um estudo que teve como corpus 20 entrevistas do projeto PEUL (Projeto de Estudos do Uso da Língua), da UFRJ. No estudo, a autora analisou o status de ativação do C.C., em que [+ativados] eram aqueles cujos referentes ou proposições ou estavam na memória de curto-prazo do ouvinte (em razão de estarem no contexto imediatamente precedente ou presentes no contexto situacional das entrevistas) ou incluíam material *acessível*. Os demais casos foram considerados [-ativados].⁷⁶

Em sua pesquisa, Braga encontrou 288 ocorrências de sentenças da família geral das clivadas, das quais foram analisadas 80 clivadas canônicas e 45 pseudoclivadas. Sua análise mostrou que nas clivadas canônicas o C.C. era [+ativado] em 71% dos casos, ao passo que nas 45 pseudoclivadas esse número caiu para 55%. Com relação ao “restante da construção clivada” (BRAGA, 2009; p. 186), a autora afirma que ele também pode veicular informação ativada nas clivadas canônicas e nas pseudoclivadas.

A autora, entretanto, apresenta poucos casos que exemplifiquem os dados quantitativos encontrados. Em (51) temos dois deles, seguidos de suas (possíveis) interpretações.

(51)

a) E: Mas você não acha assim que ele o... os caras são brutos, não?

F: Ah! Não, porque a gente segura eles: “Olha a falta aqui, me larga! Me larga!”. E aí eles não seguram nada, *é a GENte que segura*.

(BRAGA, 2009; p. 190).

⁷⁵ A autora apresenta as seguintes construções como exemplos de cada tipo (BRAGA, 2009; p. 180-181):

Clivada: É Isso que vai ter que ver primeiro.

Construção É QUE: LanterNagem É QUE tem muita.

Construção QUE: Os paraíba BRABo lá do fundo que... que fala mal

Pseudoclivadas: Quem estava com a chave era o jardineiro.

Pseudoclivadas invertidas: Bife é o que mais caro sai hoje em dia na cozinha.

Pseudoclivadas extrapostas: Não fui EU quem tirou a medida.

Foco ser: tinha que fazer era mamadeira MESmo.

⁷⁶ A autora define como acessíveis os referentes “dedutíveis de outros referentes, vale dizer, dedutíveis de outros referentes considerados pelos interlocutores” (BRAGA, 2009; p. 185). Em uma nota de rodapé, afirma que os conceitos de análise com as quais opera são “caudatários das propostas de Chafe (1994) e Prince (1981), não obstante seus primitivos diferentes, cognitivo e textual, respectivamente” (BRAGA, 2009; p. 196).

b) F: Por que que ele (Telê) não mexeu no time? Deixava todo mundo brincar também! Mas não. Cismou com aquilo ali e não teve jeito. É, se disser: “Isso aqui é pedra”. Ele vai dizer: “Não, é pau”. Ele vai dizer que é pau. E vai continuar sendo pau. Por que ele vai dizer que não é? E está vendo que é pedra, mas ele vai dizer que é pau. É!

E.: O pior é que ele disse na entrevista que...

F.: O, eu vou dizer uma coisa para você: *quem perdeu a copa do mundo foi a convocação de Telê* ele não é nem para ser convocado para ser técnico. (Amostra 80, fa. 25, homem)

(BRAGA, 2009; p. 186).

Em (51a), temos uma clivada canônica em que ambos os constituintes “a gente” e “segura” (respectivamente, o C.C. e a O.C.) são recuperados pelas sentenças precedentes e são, portanto, [+ ativados].

Em (51b), de acordo com os critérios de Braga, o C.C. da pseudoclivada é [+ ativado], já que, inferido da sentença “por que ele (Telê) não mexeu no time”, e do fato de que ambos os interlocutores sabem que “o time” é a seleção brasileira, é *acessível*. Com relação à O.C., parece ser, com base apenas nesse trecho, e não no que antecede a conversa, [-ativado] (corresponderia, na teoria apresentada em Hedberg (1988, 1990), a um caso de *conhecimento familiar*).

Novamente, não há no artigo muitos exemplos com contextos detalhados e respectivas análises, de modo que não é muito fácil ter uma ideia mais concreta de como Braga classificou seus dados.

A autora também estudou a classe dos C.C., em que encontrou uma taxa elevada de nomes em todos os tipos de clivadas.⁷⁷ Nas pseudoclivadas, foi esporádica a presença de outras classes, e nas clivadas canônicas houve uma prevalência por pronomes demonstrativos neutros (BRAGA, 2009; p. 187).

A autora também afirma que a noção de contraste é fundamental para o entendimento das propriedades das construções clivadas. Partindo de Taglicht (1984), Braga (2009) trabalha com os conceitos de *contraste implícito* e *contraste explícito*, em

⁷⁷ A autora não explicita se se referem apenas a NPs ou incluem, também, PPs e outros constituintes.

que o contraste é explícito quando os membros de um par oposto estão presentes no enunciado, ao passo que quando apenas um membro está presente, o contraste é implícito.

Embora tenha encontrado casos de contraste explícito com os cinco tipos de clivadas no português brasileiro, ainda assim essas ocorrências foram raras com clivadas canônicas e pseudoclivadas. Para Braga (2009), portanto, clivadas canônicas e pseudoclivadas são caracterizadas por estarem associadas a contextos em que há contraste implícito, e não explícito.

Ainda, Braga (2009) afirma que, além da expressão de contraste, as clivadas canônicas e as pseudoclivadas têm uma outra função:

“As primeiras tendem a funcionar como instrumento de organização do (sub)tópico discursivo, são constituídas por um pronome demonstrativo neutro com referência estendida (HALLIDAY, 1976), vale dizer um demonstrativo que recupera e encapsula proposições apresentadas na sequência textual imediatamente precedente, sinalizando o esgotamento e fechamento de um subtópico discursivo. Após a construção clivada com essa função, geralmente, se observa a mudança de subtópico [...]. Já as pseudoclivadas cujo constituinte focalizado expressa informação [-ativada], por sua vez, servem para introduzir um referente novo/inferível que é retomado como tópico nos enunciados posteriores.” (BRAGA, 2009; p. 191).

Como exemplo, a autora apresenta as seguintes ocorrências:

(52)

a)

I: O que você quer?

F: O que eu quero? Eu quero continuar estudando, sabe? Se der para me formar, tudo bem, né? Se não der, eu ir arranjar uma coisa melhor para mim viver minha vida, eu sozinha, sabe? Sem ter que morar na casa dos outros. *É Isso que eu quero.*

E: Os homens são sempre machões? (Amostra 80, fal.05, mulher)

b)

F.: O Paulinho, né? Foi o mais sacrificado, os outro, a gente vai moderando o negócio, entende?

E.: É o mais velho?

F.: É o mais velho. *O que MENos apanhou foi o Marquinho.* Esse que está no... o Marquinho é muito bom, ta... O Marquinho é bom demais. Marquinho

é bom demais. É o filho mais novo. (Amostra 80, fal. 33, homem)

(BRAGA, 2009; p. 191)

Novamente, nos deparamos com a questão da polissemia do termo (*sub*)*tópico*. Neste trabalho, Braga (2009) não conceitua o que é um *tópico* – a referência a Halliday (1976 *apud* Braga, 2009) indica que está próximo daquele de Prince (1976), que se refere ao mesmo autor quando defende que a O.C. das pseudoclivadas é um *tema*. Mas não é possível ter certeza de que se trata, exatamente, do mesmo conceito, uma vez que a autora não o detalha. Evitando adentrar uma discussão terminológica – que, como já dito, foge ao escopo desse trabalho – o conceito de *tópico* em Braga (2009) será entendido como a porção textual que diz respeito a um referente que está sob discussão (ou seja, a noção é próxima à de Kuppevelt (1995)). Tendo em vista a afirmação da autora sobre o C.C. das clivadas canônicas, que “recupera e encapsula proposições apresentadas na sequência textual imediatamente precedente”, que sinaliza um “esgotamento/fechamento”, a definição simples de um “trecho em discussão” é suficiente os objetivos desse trabalho – estabelecer e compreender como as construções clivadas funcionam na organização do discurso.

Em resumo, o que temos no trabalho de Braga (2009) é o seguinte: ambas as construções clivadas canônicas e pseudoclivadas se caracterizam por veicular informação contrastiva, mas que costuma ser implícita, isto é, a clivada apresenta apenas um membro de um conjunto maior e contrasta implicitamente esse membro com os demais. Em relação à função discursiva, Braga (2009) afirma que nas clivadas canônicas que veiculam um C.C. [+ ativado] este tende a retomar um referente do contexto precedente e este referente contribui para a progressão do contexto subsequente, através de uma “mudança de subtópico”; já as pseudoclivadas cujo C.C. é [- ativado] caracterizam-se por introduzir um referente novo/inferível que é retomado como *tópico* nos segmentos subsequentes.

Algumas comparações podem ser feitas entre os trabalhos de Braga (2009) e Hedberg (1988, 1990). Em primeiro lugar, ambas as autoras analisam o status cognitivo do C.C., mas a partir de referenciais teóricos distintos: Braga (2009) o faz com base em Lambrecht (1994), ao passo que Hedberg (1988, 1990) o faz com base na Hierarquia de Dadidade-Novidade.

Isso é interessante porque, enquanto Braga (2009) trabalha com as categorias [+ativado] e [-ativado], Hedberg (1988, 1990) o faz com base em uma escala que apresenta uma maior gradiência (ainda maior quando se considera a hierarquia

apresentada em Hedberg e Fadden (2007)). Em particular, a análise a partir da Hierarquia de Dadidade-Novidade explicita aspectos do funcionamento das clivadas do inglês que a teoria adotada por Braga (2009), como poucas distinções, não consegue identificar no português brasileiro (PB).

Por exemplo, na análise de Braga (2009) dos dados do PB, sugere-se que a O.C. frequentemente apresenta material [+ ativado] tanto nas clivadas canônicas como nas pseudoclivadas; ou seja, veicula, aparentemente, um status informacional similar nas duas construções. A análise de Hedberg (1988, 1990, 2013) para o inglês, entretanto, mostra que as pseudoclivadas possuem uma O.C. que é “especial”, pois costuma veicular material que é *familiar*, e não *ativado* – sendo que *familiar* é o status cognitivo mínimo para a satisfação do *Princípio de Familiaridade de Tópico*.

Uma convergência interessante entre o trabalho de Braga (2009) e Hedberg (1988, 1990) diz respeito à noção de que as construções clivadas exercem papéis importantes na organização do discurso. Como vimos, Braga (2009) afirma que as clivadas canônicas com C.C. [+ ativado] contribuem para uma “mudança de subtópico”, e as pseudoclivadas cujo C.C. é [-ativado] caracterizam-se por introduzir um referente novo/inferível que é retomado como *tópico* subsequente. Em Hedberg (1988, 1990), defende-se que as pseudoclivadas em contextos de fala são poderosos mecanismos de coesão, já que podem servir para abrir um novo *subtópico* ou retornar a um *subtópico* após digressão. Independente da discussão mais fina com relação às noções de *tópico* e *subtópico*, vemos que ambas as autoras encontram nas clivadas uma mesma função, isto é, a de elementos de organização.

Em resumo, o estudo de Braga (2009) abre mais uma possibilidade de explorar a questão da distribuição clivadas, mas agora no PB. Aqui, isso será feito com base nos estudos em inglês, de Prince (1978), Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), o que permitirá identificar níveis intermediários de dadidade-novidade.

4.2 A análise de Aleixo (2015)

Enquanto Braga (2019) estuda as clivadas canônicas e as pseudoclivadas em um corpus de língua falada, Aleixo (2015) o faz no português escrito contemporâneo. Seu trabalho investiga textos do jornal Folha São Paulo, concentrando-se na análise do C.C.: seu status informacional, sua classe gramatical, sua extensão e suas propriedades de

contraste. O autor conclui que clivadas canônicas e pseudoclivadas contribuem de modo diferente para o fluxo informacional.

Aleixo (2015) analisa cinco construções: de um lado, o que chama de “clivadas propriamente ditas”, que incluem as clivadas *É QUE* (aqui, clivadas canônicas) e as Construções *QUE*; e, de outro, as pseudoclivadas e as construções *FOCO SER*.

Em relação à estrutura informacional, o autor se baseia em Prince (1978) e Lambrecht (1994), e categoriza informacionalmente o C.C. de dois modos alternativos: “velho/novo/inferível” e “[+ ativado] e [- ativado]”.

Por “velho/novo/inferível”, Aleixo (2015) entende que é *velho* o constituinte focal que já tiver sido mencionado no contexto, *inferível* aquele que não tiver sido mencionado, mas puder ser suscitado a partir de um referente mencionado na frase precedente, e *novo* aquele que aparece no contexto pela primeira vez. Já por [+ ativado] e [- ativado], considera que será [+ ativado] aquele que já tiver sido mencionado no contexto precedente, puder ser suscitado pelo contexto dado, ou tiver referentes que possam ser inferidos em razão de um *frame* ou *contexto de produção do texto*. Portanto, [+ativaado] cobre os referentes *velhos* e *inferíveis*. Caso o referente não fosse suscitado por nenhuma dessas relações, o autor o considerava [- ativado], o que corresponde aos referentes *novos* (ALEIXO, p. 64).

Por fim, Aleixo também analisa o C.C. de acordo com a classe gramatical (se sintagma nominal, substantivo ou pronome; sintagma preposicional, sintagma adverbial ou oração), a função sintática (se sujeito, objeto ou circunstancial) e extensão (se curto, médio ou longo). A partir do software *Goldvarb*, o autor cruza os resultados dessa análise buscando encontrar correlações entre a forma do C.C. e o seu status informacional.

Aleixo analisa 98 ocorrências no total: 58 de clivadas canônicas e 40 de pseudoclivadas. Com base nessas ocorrências, percebe que:

(i) as clivadas canônicas (e suas variantes) têm uma forte tendência a focalizar C.Cs. velhos e inferíveis, enquanto nas pseudoclivadas (e suas variantes) costuma-se veicular informação nova. Portanto, as clivadas canônicas preferem focalizar C.Cs. [+ ativados], e as pseudoclivadas, [-ativados];

(ii) há casos em que ambos os constituintes (em suas palavras, “o que está em foco e o que não está em foco”) são [+ ativados];

(iii) clivadas canônicas e pseudoclivadas tendem a focalizar C.Cs. que têm a função de sujeito;

(iv) quando o C.C. é o sujeito e tem forma oracional, a construção usada é normalmente uma pseudoclivada;

(v) clivadas canônicas focalizam C.Cs. curtos, enquanto pseudoclivadas focalizam C.Cs. médios e longos;

(vi) independentemente da construção, o C.C. curto tende a veicular informação dada, e médios e longos veiculam informação nova;

(vii) ambas as construções clivadas sempre suscitam contraste, havendo maior frequência de contraste *implícito* (TAGLICHT, 1984 *apud* BRAGA, 2009); isso, entretanto, não foi relevante para a determinação do status informacional do C.C.

Essas correlações, segundo Aleixo (2015), permitem a formulação das seguintes previsões:

“ao produzir-se um sujeito substantivo dado, tenderemos a realizar CLIV ou É QUE; se for novo, será preferido em um PC, sobretudo se, em vez de se realizar através de um SN, for um constituinte oracional. Além disso, [...] o estatuto informacional pode condicionar o uso de constituintes mais curtos ou mais longos independentemente da construção que se vai realizar” (ALEIXO, 2018; p. 101)

Além disso, o autor afirma que a existência de casos em que o C.C. e a O.C. são [+ ativados] não contradizem a máxima informacional de que “um falante estabelece comunicação com seu ouvinte para informá-lo sobre algo que ele ainda não saiba” (ALEIXO, 2015; p. 61), pois a *relação* entre ambos sempre traz alguma “novidade” para o interlocutor.

Aleixo também menciona que, em seu estudo, o status informacional *inferível* foi pouco relevante, apontando que “seria preciso, em estudos posteriores, debruçar-se mais sobre essa forma de veiculação da informação, a fim de entender, de fato, como ela se coloca diante da organização estrutural e informacional das sentenças clivadas” (ALEIXO, 2015; p. 101).

Com relação ao trabalho de Braga (2009), vemos que Aleixo (2015) apresenta resultados similares para o C.C. das clivadas canônicas: ele tende a ser [+ ativado]. Ao

contrário de Braga, entretanto, Aleixo afirma que o C.C. das pseudoclivadas tende a veicular informação [- ativada].⁷⁸

Podemos também traçar um paralelo entre os dados de Aleixo (2015) e os de Hedberg (1988, 1990) e Hedberg e Fadden (2007). Como Braga (2009), Aleixo se concentra na análise baseada na distinção binária [+ ativado] e [-ativado], não tendo conseguido captar efeitos de distinções mais finas – por exemplo, não tendo identificado efeitos para a distinção *velho/inferível*. Mas uma análise mais atenta das distinções previstas na Hierarquia de Dadidade/Novidade poderia levar a resultados mais reveladores – por exemplo, no caso do C.C. das pseudoclivadas. Segundo Aleixo, as ocorrências indicam que é em geral [-ativado], mas pode ser que, entre as ocorrências, haja um número significativo de *material familiar*. Lembramos que na teoria de Gundel (1985) é esse o status informacional mínimo que se espera de um constituinte para que obedeça ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* – e que esse princípio é o que nos permite, seguindo Hedberg (1990, 2013), formular a hipótese inicial de que na verdade aquilo que é considerado [- ativado] nas pseudoclivadas trata-se, na verdade, de material que é *familiar*, não totalmente, mas mais abaixo na hierarquia de dadidade do que material *ativado*.

Por fim, notamos que os resultados de Aleixo (2015) avançam na direção das conclusões de Braga (2009) quanto ao status do C.C. nas clivadas canônicas: o fato de que tende a ser “curto”, enquanto nas pseudoclivadas tende a ser “longo”, corrobora a distinção entre material dado e material novo. O autor também confirma que há uma forte propriedade de contraste associada a todos os tipos de clivadas, resultado também previamente estabelecido por Braga (2009).

Em comparação com os estudos de Prince (1978), Hedberg (1988, 1990, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), observamos que Aleixo (2015), assim como Braga (2009), dá ênfase à análise do C.C., com menções apenas ao status informacional da O.C. – quando afirmam que tanto o C.C. como a O.C. podem ser [+ ativados]. Como vimos, é na língua inglesa que temos um estudo mais sistemático de *ambos* o C.C. e a O.C., a partir dos estudos de Hedberg (1988, 1990, 2013) e Hedberg e Fadden (2007).

⁷⁸ Considerando que Braga (2009) trabalha com dados de fala, ao passo que Aleixo (2015) trabalha com dados de escrita, acreditamos que essa diferença pode ser influenciada pelo tipo de registro (mais formal, menos formal) e, especialmente, pelo tipo de discurso (caráter de diálogo vs. monólogo; maior ou menor presença do interlocutor; maior ou menor planejamento do discurso etc.).

Reitere-se que a proposta da autora, de considerar a O.C. um *constituente descontínuo*, pode gerar controvérsias, mas não se pode deixar de observar, como já o fizeram Braga (2009) e Aleixo (2015), a possibilidade de se explorar o status cognitivo da O.C. É por essa razão que se adota, nesse estudo, a proposta de Hedberg e Fadden (2007) – com pequenas modificações, como veremos mais detalhadamente no capítulo 5. O objetivo é avançar nos estudos já existentes do português, cujo enfoque recai no C.C.

De modo geral, procura-se verificar se os fatos encontrados para o inglês também se confirmam em uma análise mais fina dos efeitos da Hierarquia de Dadidade-Novidade, o que permitiria que uma análise na linha de Hedberg (1988, 1990, 2013) e Hedberg e Fadden (2007) fosse adotada para o português.

4.3 A análise de Andrade (2019)

Com o objetivo de melhor compreender o uso de clivadas reduzidas no português brasileiro, Andrade (2019) estuda a distribuição de clivadas canônicas, clivadas invertidas e clivadas reduzidas com base na *Teoria da Representação do Discurso Segmentado* (SDRT; ASCHER; LASCARIDES, 2003). Trata-se um trabalho que dá ênfase a uma “análise textual” das sentenças clivadas, diferindo dos trabalhos anteriores, uma vez que não está centrado na análise da Estrutura Informacional dessas construções e não discute, pormenorizadamente, categorias de escalas de dadidade.

Apesar dessa diferença, a discussão proposta em Andrade (2019) é importante porque articula conceitos sobre a Estrutura Informacional das clivadas – como os apresentados em Prince (1978) – à função textual dessas construções. O autor, por exemplo, aprofunda o entendimento da *função conclusiva* das clivadas canônicas (uma função que já havia sido observada por Moretto (2014) e encontramos também em Braga (2019)), reforçando a tese de que as sentenças clivadas exercem um papel estratégico na organização do discurso.

A partir de dados de fala coletados do programa Roda Viva, da TV Cultura, o autor procura identificar algumas das propriedades informacionais dessas construções, bem como o papel que desempenham no discurso, cujo exemplos vemos em (53):

(53)

- a. O João que eu vi. (clivada reduzida)
- b. Foi o João que eu vi. (clivada canônica)
- c. O João é que eu vi. (clivada invertida)

Em seu estudo, Andrade (2019) aponta que clivadas canônicas e clivadas invertidas estão em distribuição complementar: nas primeiras, o C.C. pode veicular um *foco informacional* ou um *foco contrastivo*, enquanto nas segundas ele veicula um *tópico contrastivo*. Segundo o autor, *tópicos contrastivos* se diferenciam de *focos contrastivos* em razão de o último implicar a negação de alternativas (LEE, 2003 *apud* ANDRADE, 2019). Nos casos estudados pelo autor, o *tópico contrastivo* é caracterizado como um desvio de um tópico do discurso precedente, que não implica a negação de alternativas (ANDRADE, 2009; p. 120).

Além disso, o autor aponta que é possível diferenciar as construções em função das relações retóricas que as ligam ao contexto precedente, em que parecem refletir a distinção entre *clivadas com acento no foco* e *clivadas com pressuposição informativa* (PRINCE, 1978). As clivadas reduzidas, por sua vez, exibiriam um comportamento similar ao das canônicas.

Com relação à SDRT, o autor a utiliza como um procedimento metodológico pelo qual é possível definir as propriedades que uma dada construção pode exibir em contextos de uso. De acordo com Andrade (2019), uma análise textual em SDRT se estrutura em *unidades básicas*, que são conectadas por meio de *relações retóricas* como *background*, *contrast*, *continuation* etc. e cujas estruturas representam proposições e macroestruturas do discurso:

As unidades básicas são chamadas de Unidades Elementares de Discurso (EDUs), que correspondem a proposições. Uma oração simples ou independente corresponde a uma EDU, e uma oração subordinada pode ser mapeada para uma EDU distinta com relação à sua oração matricial se o verbo nesta última indicar atitude proposicional. Crucialmente, as construções clivadas são consideradas mapeadas para uma única EDU (MULLER et al., 2012). (ANDRADE, 2019; p. 106)⁷⁹.

⁷⁹ No original: “Basic units are dubbed Elementary Discourse Units (EDUs), which correspond to propositions. A simple or independent clause corresponds to an EDU, and a subordinate clause may be mapped to a distinct EDU with respect to its matrix clause if the verb in the latter indicates propositional attitude. Crucially, cleft constructions are considered to map to a single EDU”.

Andrade (2019) afirma que as relações retóricas da SDRT são classificadas a partir de dois critérios, em que o primeiro, *structuring*, refere-se à organização das EDUs, e o segundo, *veridicality*, à condição de verdade de um conteúdo proposicional. Com relação ao primeiro critério, o autor afirma que podem ser do tipo *coordenação* e *subordinação*, em que a *coordenação* se refere ao modo como um dado elemento contribui para a progressão do discurso, e *subordinação* a como um elemento contribui para o aprofundamento de um argumento.

Com base nesses pressupostos e nos estudos de Prince (1978) e Delin & Oberlander (1995), o autor supõe que as categorias apresentadas por Prince (1978) ensejam funções distintas na organização do discurso e na configuração da estrutura retórica, considerando a existência da já mencionada distinção entre *clivadas com acento no foco* e *clivadas com pressuposição informativa*.

Com base nisso, o autor faz algumas previsões sobre o comportamento das clivadas no discurso.

No que tange à organização do discurso, Delin & Oberlander (1995 *apud* Andrade, 2019) afirmam que as clivadas *com foco contrastivo* têm uma função de “pergunta-resposta”, ou envolvem *contraste*. As *com pressuposição informativa*, por sua vez, têm uma função de “causa e efeito” ou de marcar o “pano de fundo” (*background*) de uma atividade temporal anterior.

No que tange à configuração da estrutura retórica, Delin & Oberlander (1995 *apud* Andrade, 1995) afirmam que as clivadas com acento no foco indicam a *finalização* de um segmento do discurso, e as *com pressuposição informativa* indicam a sua *continuidade*.

Com base nessas afirmações, Andrade (2019) levanta as seguintes hipóteses sobre os usos das clivadas:

- (i) “a distinção entre clivadas canônicas e invertidas imita a distinção informativa entre clivadas com acento no foco e clivadas com pressuposição informativa”.⁸⁰
- (ii) “o tipo de clivada correspondente a clivadas com acento no foco pode codificar foco informativo ou foco contrastivo, e espera-se que seja encontrada em RRs subordinadas e coordenadas, respectivamente; por

⁸⁰ No original: “the distinction between canonical and inverted clefts mimics the informational distinction between stressed-focus it-clefts and informative-presupposition it-clefts”.

outro lado, o tipo de clivada correspondente à clivada com pressuposição informativa veicula um tópico contrastivo como o constituinte clivado, e deve aparecer em RRs coordenadas”.⁸¹

- (iii) “a sinalização de fechamento ou continuação de segmentos de discurso (ou seja, uma CDU) se aplica aos tipos de clivada”.⁸²

(ANDRADE, 2019; p. 113).

Com relação às clivadas canônicas, o autor afirma que este é o único tipo sobre o qual existe, no português brasileiro, análises de cunho textual. O autor afirma que seus resultados são similares aos de Moretto (2014), que estuda a distribuição das clivadas cuja função é finalizar um segmento temático. Na análise de Andrade (2019), essa função costuma ser realizada por meio da relação de *subordinação*, e envolve relações retóricas do tipo *background*, *comment*, *elaboration* e *explanation*:

(54)

D. João de Orleans e Bragança – [Tinha muito pouco apelo popular a República no Brasil.]1 [Mas, quando o positivismo entrou na política republicana,]2 [o positivismo defendia a república ditatorial.]3 [Defendia a república pelo golpe.]4 [Então, **foi isso que** aconteceu.]5

→ Contrast (1,[2-4]); Temporal localization (3,2); Elaboration (3,4); **Background**

(5,[3-4])

(ANDRADE, 2019; p. 114).

O autor encontra, ainda, um caso com a relação retórica “*correction*”, que na SDRT se trata de uma relação de coordenação.

⁸¹ No original: “the cleft type corresponding to stressed-focus it-clefts may encode either informational focus or contrastive focus, is are expected to be found in subordinate and in coordinate RRs, respectively; on the other hand, the cleft type corresponding to informative-presupposition it-clefts conveys a contrastive topic as the clefted constituent, and should appear in coordinate RRs.”

⁸² No original: “the signaling of closure or continuation of discourse segments (i.e. a CDU) applies to the cleft types accordingly.”

(55)

Benjamin Steinbruch: – [Foi anteontem que pagamos.]¹ [Aliás, **foi semana passada que** nós pagamos a dívida do BNDES.]²

→ **Correction (1,2)**

(ANDRADE, 2019; p. 115).

De acordo com autor, como foram encontradas clivadas canônicas com relações retóricas subordinadas e coordenadas que veiculam contraste e como elas frequentemente marcam a finalização de um segmento do discurso, frequentemente introduzidas por uma relação de subordinação, é possível sugerir que elas são similares às clivadas com acento no foco. Essa informação corresponde à hipótese (ii) do autor, em que clivadas com acento no foco veiculariam foco informativo ou contrastivo e seriam encontradas com RRs coordenadas e subordinadas (ao contrário das clivadas com pressuposição informativa, que veiculariam um tópico contrastivo e seriam encontradas com RRs coordenadas, somente).

De acordo com o autor,

“Esses resultados sugerem que as clivadas canônicas do português brasileiro são semelhantes a clivadas com acento no foco. Primeiro, porque ambas as RRs subordinadas e RRs coordenadas que veiculam um tipo de contraste são encontradas, imitando a divisão de trabalho entre focos informativos e contrastivos. Em segundo lugar, elas geralmente ocorrem para marcar o fechamento de um segmento discursivo.” (ANDRADE, 2019; p. 115).

Com relação às clivadas invertidas, o autor afirma que elas coincidem com as propriedades esperadas de clivadas com pressuposição informativa, pois são todas do tipo *coordenação* (RRs *continuation*, *contrast* e *result*):

(56)

Danilo Miranda – [Eu acho]¹ [que eu posso construir mais e fazer mais onde eu estou.]² [E essa coisa da continuidade, [que o Markun falava agora há pouco,]⁴ **é que** deu base para a gente poder continuar a levar esse projeto adiante.]

→ Attribution (1,[2-3]); Entity-Elaboration (3,4) [% continuidade]; **Continuation (2,3)**

(ANDRADADE, 2019; p. 115)

Por fim, o autor afirma que as clivadas reduzidas foram encontradas nos mesmos contextos das clivadas canônicas, em que se veicula foco informacional ou contrastivo (segundo o autor, isso é compatível com as relações de subordinação e a relação *correction*) (ANDRADE, 2019; p. 117).

(57)

César Maia – [Se eu tivesse assinado,]1[não haveria calamidade pública?]2
[Portanto, *o ministro* **que** blefou,]3 [não fui eu.]→ Background (1,2);

→ Conditional (1,2); Result ([1-2],[3,4]); **Correction (4,3)**

(ANDRADE, 2019; p. 117)

Com base nesses resultados, Andrade (2019) conclui que “a distinção apresentada primeiramente em Prince (1978) entre clivadas com acento no foco e clivadas com pressuposição informativa parece ser codificada sintaticamente no português brasileiro” (ANDRADE, 2019; p. 118). Como clivadas reduzidas foram encontradas nos mesmos contextos em que as clivadas canônicas, o autor conclui que “a evidência textual vai contra a hipótese segundo a qual clivadas reduzidas são variantes sintáticas das clivadas invertidas, como alguns autores, como Braga, Kato and Miotto (2010), sugerem” (ANDRADE, 2019; p. 122).⁸³ Isso faz sentido: pode ser que clivadas reduzidas sejam simplesmente clivadas canônicas em que a pressuposição está ativa/altamente acessível – e é isso que autoriza o apagamento da O.C.

O autor conclui afirmando que a função informacional do C.C.

pode ser um foco contrastivo ou um foco informativo em clivadas canônicas, e um tópico contrastivo em clivadas invertidas. Ainda em relação ao perfil informativo, uma importante descoberta adicional foi que, aparentemente, clivadas canônicas e clivadas invertidas refletem a

⁸³ No original: “textual evidence goes against the hypothesis according to which reduced clefts are syntactic variants of inverted clefts, as some authors, such as Braga, Kato and Miotto (2010) have suggested”.

distinção informacional entre clivadas com acento no foco e clivadas com pressuposição informativa, usando os termos propostos inicialmente em Prince (1978). Além disso, encontrou-se clivadas reduzidas que ocorrem nos mesmos ambientes onde clivadas canônicas ocorrem.⁸⁴ (ANDRADE, 2019; p. 122).

É preciso, contudo, cuidado ao afirmar que *clivadas com acento no foco* e *clivadas com pressuposição informativa* são tipos codificados em estruturas sintáticas diferentes no português brasileiro, pois uma clivada canônica pode ser usada em início de discurso no português – inclusive, foi possível usá-la nas traduções fornecidas no capítulo anterior, e em vários outros a serem apresentados no capítulo “resultados”.

Na verdade, Andrade (2019) pode estar introduzindo uma nova ocorrência de *clivada com pressuposição informativa*, que parece ser uma estrutura de tópico-comentário, em que a “continuidade” é um tópico reativado (ou seja, previamente mencionado) e a clivada é o comentário. É fato que pode ser uma *clivada com pressuposição informativa*, mas é um uso diferente daquele do exemplo do Henry Ford, pois sua função é “dar continuidade” a um tema em desenvolvimento, e não “abrir um tema para desenvolvimento”.

Em resumo, temos no trabalho de Andrade (2019) uma abordagem inovadora no estudo das clivadas, ao enfatizar a relação que elas têm com a estrutura retórica do discurso. Enquanto os trabalhos anteriores empreendiam análises baseadas na articulação informacional, Andrade (2019) avança ao incorporar conceitos dessa área a uma análise textual.

Essa observação é importante porque explicita, em particular, a relação entre o tipo de informação veiculado pelas clivadas e como elas se distribuem no discurso. Note-se, em especial, a observação em relação à função de finalização das clivadas canônicas, algo que já havia sido percebido por Braga (2009), para quem clivadas canônicas com C.C. [+ ativado]

“tendem a funcionar como instrumento de organização do (sub)tópico discursivo, são constituídas por um pronome demonstrativo [...] que recupera e encapsula proposições apresentadas na sequência textual

⁸⁴ “may be a contrastive focus or an informational focus in canonical clefts, and a contrastive topic in inverted clefts. Still regarding their informational profile, one important additional finding was that, apparently, canonical clefts and inverted clefts mimic the informational distinction between stressed-focus it-clefts and informativepresupposition it-clefts, using the terms first proposed in Prince (1978). Besides, reduced clefts have been found to occur in the same environments where canonical clefts occur.” (ANDRADE, 2019; p. 122).

imediatamente precedente, sinalizando o esgotamento e fechamento de um subtópico discursivo” (BRAGA, 2009; p. 191).

Esse é um conceito importante, que retornará quando a hierarquia de dadidade-novidade for aplicada na análise de ocorrências de clivadas canônicas no português escrito no Brasil.

4.4 Discussão e conclusões

Os trabalhos sobre as clivadas e as pseudoclivadas no português brasileiro aqui descritos reconhecem todos o papel que as clivadas têm como um elemento de coesão do discurso, fornecendo evidências para essa conclusão geral. Portanto, estão sintonizados com a tese de que as construções clivadas são “poderosos mecanismos de organização do discurso” (Hedberg; 1988, 1990), uma propriedade que é explicitada por meio do estudo de sua Estrutura Informacional.

Essa tese, é claro, é precedida e encontra base nos trabalhos sobre essas construções em inglês, como os de Prince (1978) e Hedberg (1988, 1990). É importante lembrar que, para a primeira, pseudoclivadas funcionam no discurso como um *tema* e clivadas canônicas podem abri-lo com uma *pressuposição informativa*. Para a segunda, pseudoclivadas são sempre um *tópico* e clivadas canônicas podem ser do tipo *tópico-comentário*, *comentário-tópico* e *all comment*.

Retornando, mais uma vez, aos estudos do português brasileiro, vimos que os trabalhos de Braga (2009) e Aleixo (2015) analisam as construções clivadas a partir de Lambrecht (1994) e de uma visão dicotômica do status cognitivo do C.C., reduzido a [+ativado] ou [-ativado] – que pode estar encobrendo níveis intermediários de dadidade-novidade. Mas mesmo com uma visão dicotômica, os autores fazem observações importantes sobre as clivadas como elementos de coesão.

Braga (2009), por exemplo, conclui que uma clivada canônica frequentemente apresenta um C.C. [+ativado], que retoma elementos do contexto precedente, encapsulando proposições por ele veiculadas, e que pseudoclivadas têm uma O.C. que retoma elementos já conhecidos, (re)introduzindo-os como *subtópico*, e um C.C. [-ativado] que é um referente novo, tendo mais importância com o contexto subsequente.

Aleixo (2015) corrobora a análise de Braga (2009) do status informacional dos constituintes clivados, e estuda também o status informacional da O.C. Mostra que

clivadas canônicas podem ter ambos o C.C. e a O.C. [+ativados], veiculando “novidade” na relação que um estabelece com o outro.

Andrade (2019), por sua vez, mostra que clivadas canônicas frequentemente têm uma função de *finalização*. Além disso, o autor retoma o trabalho de Prince (1987) e defende que a diferença entre clivadas com acento no foco e *clivadas com pressuposição informativa* é codificada sintaticamente no português brasileiro: clivadas canônicas e clivadas invertidas refletem a distinção informacional entre clivadas com acento no foco e clivadas com pressuposição informativa, e clivadas reduzidas ocorrem nos mesmos contextos em que clivadas canônicas ocorrem.

Como discutimos, há dúvidas se a distinção de Prince (1978) de fato se manifesta sintaticamente em construções diferentes no português brasileiro. Com base na tradução dos exemplos de Prince (1978) e Hedberg (1988, 1990) e na constatação de exemplos reais em textos escritos (ver o capítulo de resultados), uma clivada canônica do português brasileiro também pode ser *com acento no foco* e *com pressuposição informativa*, tendo propriedades similares às das clivadas canônicas do inglês. Andrade (2019) pode estar, na verdade, introduzindo uma nova categoria de *clivada com pressuposição informativa*, que parece ser uma estrutura *tópico-comentário*, em que há um elemento que é “reativado” no discurso – note-se que para Andrade (2019) clivadas canônicas com *com pressuposição informativa* contribuem para a progressão do discurso, o que converge com Hedberg (1990) quando afirma que elas servem como elemento de transição.

Comparando-se os estudos em inglês e português brasileiro, reitera-se a observação de que em ambas as línguas as construções clivadas são vistas como construções que contribuem para manter a coesão de um texto. Entretanto, no conjunto de tudo que é discutido pelos autores, essas constatações são, por vezes, pontuais, e dão espaço para que um estudo mais aprofundado seja empreendido. No caso dos estudos realizados no português brasileiro, uma análise baseada na hierarquia apresentada em Hedberg e Fadden (2007) permite identificar níveis intermediários de dadidade relacional.

Como vimos, as análises de Braga (2009) e Aleixo (2015) não permitem a identificação de níveis intermediários do status informacional – ou *status cognitivo*, nos termos de Gundel, Hedberg e Zacharski (1993) – das partes que compõem as clivadas, como o faz Hedberg (1988, 1990) e Hedberg e Fadden (2007). No inglês, esses níveis se mostram importantes, a julgar pelo trabalho dessas autoras: eles permitiriam identificar, por exemplo, que mesmo uma pseudoclivada com uma O.C. *não ativada* pode ser, ainda,

do tipo *familiar*, reiterando-se que isso seria suficiente para que fosse um *tópico* (ou *tema*, na concepção de Prince 1978).

Cumprе salientar, mais uma vez, que, em relação à hierarquia da Dadidade/Novidade proposta por Hedberg e Fadden (2007), há espaço para melhor definir e desenvolver cada nível de *dadidade-novidade referencial*. Vimos que a nova hierarquia pode ser vista como um “avanço” em relação à hierarquia de dadidade-novidade original, mas, infelizmente, nem todos os termos que as autoras apresentam estão bem definidos e explicitados. Há espaço, portanto, para progredir na formulação dessa nova hierarquia.

5 QUESTÕES NORTEADORAS, HIPÓTESES E METODOLOGIA

Segue, neste capítulo, a formulação das questões que norteiam o trabalho de pesquisa, bem como as hipóteses e a metodologia empregada.

5.1 Questões norteadoras

Da discussão realizada até aqui, temos, resumidamente, os seguintes pontos principais:

- (i) De acordo com Prince (1978), a O.C. das pseudoclivadas é o tema do trecho do qual faz parte, e veicula informação *dada*, isto é, *presente na consciência do ouvinte* (o que, em Hedberg 1988, 1990, é entendido como *ativado*). Clivadas canônicas podem ser de dois tipos: com acento no foco (C.C.) ou com pressuposição informativa (em cujo caso tem acento na O.C.).
- (ii) De acordo com Prince (1978), as propriedades de significado das clivadas favorecem que sejam encontradas em posições específicas em textos escritos; em particular, as clivadas canônicas com pressuposição informativa são frequentemente encontradas em abertura de discurso, sendo que é mais difícil encontrar pseudoclivadas nessa posição.
- (iii) De acordo com Hedberg (1988, 1990, 2000, 2013) e Hedberg e Fadden (2007), pseudoclivadas e clivadas canônicas podem ser caracterizadas a partir dos conceitos de *dadidade-novidade relacional* e *dadidade-novidade referencial*, e se diferenciam principalmente em relação à *dadidade-novidade relacional*: a O.C. é sempre um tópico nas pseudoclivadas, mas não nas clivadas canônicas.
- (iv) De acordo com Hedberg (1990) e Hedberg e Fadden (2007), o princípio *Familiaridade de Tópico* determina que um tópico deve ser, no mínimo, *familiar* na escala de Dadidade-Novidade. Em conjunção com os dados de Prince (1978), temos, portanto, que a O.C. das pseudoclivadas deve ser no mínimo familiar nessa hierarquia (para que seja um *tema/tópico*), e que deve ser mais *dada* que o conteúdo do C.C.
- (v) De acordo com Braga (2009), cujos resultados convergem com os de Aleixo (2015), clivadas canônicas cujo C.C. é [+ *ativado*] retomam um referente do

contexto precedente, que tende a encapsular proposições da sequência textual precedente e sinalizam o fechamento de um (sub)tópico. Pseudoclivadas com um C.C. [- ativado] introduzem um referente que é retomado no contexto subsequente como *tópico* – de modo geral, o assunto do discurso.

- (vi) De acordo com Aleixo (2015), clivadas canônicas podem exibir um C.C. e uma O.C. que são ambos [+ ativados], estando a “novidade” na relação que uma parte estabelece com a outra.
- (vii) De acordo com Andrade (2019), clivadas canônicas do tipo *com acento no foco* finalizam segmentos temáticos – uma propriedade que não faz parte das pseudoclivadas (o que também havia sido percebido por Braga, 2009). Clivadas canônicas com *com pressuposição informativa*, por sua vez, contribuem para a progressão do discurso – informação que converge com Hedberg (1990), para quem elas servem como elemento de transição.

A partir do exposto, são levantados os seguintes questionamentos:

- (1) O que as características informacionais preveem, precisamente, quanto à distribuição textual das clivadas e das pseudoclivadas?
- (2) O que as hipóteses e resultados acima apresentados indicam, em síntese, sobre a articulação informacional das clivadas e das pseudoclivadas?

Para responder a essas perguntas, foi realizado um estudo de corpus com textos escritos, com base na hierarquia proposta por Hedberg e Fadden (2007).

5.2 Hipóteses

Em relação aos questionamentos apresentados, temos as seguintes hipóteses:

- (1) Em posição inicial, será mais fácil encontrar clivadas canônicas do que pseudoclivadas, pois a O.C. das clivadas canônicas não veicula, necessariamente, um *tema/tópico* e, conseqüentemente, seu conteúdo não precisa estar na consciência do ouvinte cooperativo/ obedecer ao *Princípio*

de Familiaridade do Tópico (cf. PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990). Assim, podem veicular uma pressuposição informativa.

- (2) Será mais difícil encontrar pseudoclivadas em posição inicial do que clivadas canônicas, pois a O.C. da pseudoclivada veicula o *tema/tópico*, precisa estar na consciência do ouvinte cooperativo/obedecer ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* (PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990) e, portanto, não está geralmente associada à *pressuposição informativa*.
- (3) Se clivadas canônicas têm uma função de “finalizar” trechos do discurso, acreditamos que, além de ser mais provável encontrá-las em posição final – em oposição às pseudoclivadas –, ambos o C.C. e a O.C. desses casos serão, provavelmente, [ativados].
- (4) Em posição medial, uma clivada canônica poderá indicar a abertura de um segmento temático (quando tiver uma pressuposição informativa) ou sua finalização (em que as partes que a compõe serão, mais provavelmente, [ativadas]).
- (5) Em posição medial, será mais fácil encontrar pseudoclivadas com C.C. [-ativado], pois frequentemente introduzem um elemento novo que será o tópico do contexto subsequente (BRAGA, 2009).
- (6) Em posição final, teremos dificuldade em encontrar pseudoclivadas cujo C.C. é [-ativado], em razão de pseudoclivadas desse tipo frequentemente introduzirem um referente que é retomado pelo contexto subsequente como um *tópico/tema* (BRAGA, 2009).

5.3 Corpus

Como discutido, para a análise da distribuição das clivadas canônicas e das pseudoclivadas em textos escritos foi realizada uma coleta de dados do corpus “CorPop: Corpus de Referência do Português Popular Escrito no Brasil”. Essa coleta fornece dados mais robustos de análise e, conseqüentemente, maior segurança nas conclusões sobre a

distribuição discursiva das clivadas canônicas e das pseudoclivadas do português escrito no Brasil.

De acordo com Pasqualini (2018), o CorPop é composto por textos direcionados a leitores brasileiros com nível de letramento médio. Esse corpus inclui, entre outros, textos do jornalismo popular, como o jornal “Diário Gaúcho” e “Hora de Santa Catarina”, que são direcionados, principalmente, ao público das classes C e D. O corpus se diferencia de outros, mais tradicionais, por representar um tipo de texto que também é culto, mas que tende a ser mais acessível para aqueles cujo nível de letramento tende a ser mais baixo.

O corpus está disponível gratuitamente na internet, em arquivos .txt e .doc. Neste trabalho, foram coletados dados do jornal “Diário Gaúcho”, do ano de 2008, que contém 116 textos compostos por 1.897.360 tokens e 126.032 types. Tais textos são compostos por matérias jornalísticas, colunas de opinião e crônicas, que incluem textos sobre casos policiais, esportes, denúncias de problemas sociais etc. e não costumam conter mais de 500 palavras.

Como o corpus não é anotado, foi realizada uma busca por clivadas canônicas e pseudoclivadas com a ajuda do gerenciador de corpus e software de análise de textos *Sketch Engine*, que possibilitou a criação de códigos que facilitaram a busca manual pelas construções.

Para as clivadas canônicas, foi utilizado o código “qualquer forma do verbo ‘ser’ seguida de ‘1 a 15 palavras’ e a palavra ‘que’⁸⁵. Essa distância foi baseada no C.C. mais longo dos dados utilizados em minha dissertação de mestrado (MORETTO, 2014). Para as pseudoclivadas, o código consistia na palavra-QU⁸⁶ “o que” seguida de uma distância de 1 a 36 palavras e alguma forma do verbo “ser”⁸⁷. Essa foi a maior distância encontrada nas clivadas canônicas dos textos do “Diário Gaúcho”.

85 [lemma="ser" | word="fui" | word="foste" | word="foi" | word="fomos" | word="foram"] []{1,15} [word="que"]

⁸⁶ Inicialmente, o código também continha a palavra-QU “quem”, mas em virtude da limitação de análise a 100 ocorrências, em que as cem primeiras continham a palavra-QU “o que”, as ocorrências com “quem” foram desconsideradas. Não foram encontradas pseudoclivadas com as palavras-QU “como” e “onde”. Aqui, podemos ter um caso de incompatibilidade entre tais palavras e o conteúdo da O.C. De acordo com Menuzzi (comunicação pessoal), pode ser um caso de (mis)matching effect. A posição de sujeito requer NPs; no caso de relativas livres e estruturas similares (p.ex., pseudoclivadas), o WH-phrase se comporta como o núcleo da oração-WH, ou seja, determina a “categoria externa” da oração. Para fins de seleção categorial, “o que” e “quem” são NPs, logo compatíveis com a posição de sujeito; “como” e “onde”, por outro lado, não são NPs mas AdvPs. Isso explicaria os dados encontrados.

⁸⁷ Exemplo: [word="quem"] []{1,36} [lemma="ser" | word="fui" | word="foste" | word="foi" | word="fomos" | word="fostes" | word="foram"]

Salientamos que o corpus analisado contém textos do ano de 2008, mas os arquivos baixados não indicam nem o mês nem a data das reportagens – consta, apenas, que formam um compilado de 7 meses de edições. Portanto, quando exemplos forem apresentados, infelizmente não será possível indicar a data, o mês ou a edição em que seus respectivos textos foram publicados.

5.4 Análise do constituinte clivado e da oração clivada

No total, foram encontradas 162 clivadas canônicas e 106 pseudoclivadas, das quais foram analisadas 100 ocorrências de cada.

Em uma análise preliminar, foi percebido que a O.C. nas clivadas canônicas é consideravelmente mais longa do que na pseudoclivada: ela chegou a ter 36 palavras. Nas pseudoclivadas, não passou de 15. Com relação ao C.C., o maior nas clivadas canônicas teve 15 palavras, enquanto nas pseudoclivadas chegou a 24. Ou seja, há uma inversão na relação entre o tamanho do C.C. e da O.C. Isso é importante porque normalmente há uma correlação entre *informação velha* e pouco material fonético e, inversamente, *informação nova* e mais material fonético: o que está ativo ou é bastante acessível não precisa de tanta informação para ser encontrado, e o que é novo não está ativo e, portanto, normalmente precisa de mais material para ser encontrado na memória (para discussão, ver, por exemplo, Mira Ariel, 1990).

5.5 Protocolo de aplicação da Hierarquia de Dadidade-Novidade

Para a análise da Estrutura Informacional, foi utilizada uma escala baseada em Hedberg e Fadden (2007). Como vimos, nesse trabalho as autoras não utilizam a Hierarquia de Dadidade-Novidade, mas uma nova hierarquia, baseada nela. Como dito, embora elas não apresentem detalhadamente o que as motivou a criar a hierarquia, nem, claramente, o que entendem por cada categoria, sua escala, se apropriadamente desenvolvida – o que se procura fazer aqui – traz como benefício explicitar os níveis intermediários de *dadidade-novidade* referencial. Isso pode ser pertinente para o estudo das diferenças entre clivadas e pseudoclivadas.

Para desenvolver a hierarquia de Hedberg e Fadden (2007), foi analisado o protocolo proposto por Hedberg (2013) para a aplicação da Hierarquia de Dadidade-

Novidade “original” (GUNDEL, HEDBERG, ZACHARSKI; 1993; HEDBERG, GUNDEL, BORTHEN; 2019). A partir dele, será possível avançar no entendimento das novas categorias propostas em Hedberg e Fadden (2007).

Em Hedberg (2013), a autora apresenta uma série de critérios para ajudar o pesquisador a utilizar a Hierarquia de Dadidade-Novidade metodologicamente. É importante salientar que segundo a autora “as diretrizes que apresenta não são definitivas, mas ajudam a estabelecer o status cognitivo” de uma determinada expressão (HEDBERG, 2013; p. 6).

A seguir, são descritas as diretrizes para cada item da hierarquia, com exemplos retirados dos textos do jornal “Diário Gaúcho”.

Para referentes *em foco*, a autora apresenta três critérios, que não se aplicam necessariamente ao mesmo tempo – cada um pode ser uma condição suficiente para que o referente esteja *em foco*.

- (i) deve ser a interpretação do sujeito da oração principal;
- (ii) foi estabelecido por um referente anterior na mesma sentença, ou por um referente focalizado em uma sentença precedente, existencial ou clivada, ou por um evento na sentença precedente;
- (iii) pode ser associado a um tópico mais alto que é parte da interpretação da sentença precedente.

(HEDBERG, 2013; p. 7)

Temos como exemplo a sentença a seguir, em que Gecilda Nunes Fagundes, introduzida em uma clivada canônica, é retomada pelo sujeito da sentença seguinte, que por sua vez é retomado pelo pronome oblíquo “a” e o pronome do caso reto “ela” (note-se que, ao ser introduzido pela clivada, não está *em foco*, mas passa a ser nas sentenças subsequentes).

(58)

Comecei a fazer bailes no desespero! É assim que **Gecilda Nunes Fagundes**, 66 anos, resume a sua trajetória pelos salões. Há 12 anos, **a técnica em Enfermagem** viu-se aposentada. Um vizinho convidou-a para organizar um baile no qual ele tocasse. **Ela**, que sempre gostou de dançar, topou!

Para referentes *ativados*, a autora apresenta três critérios:

- (i) deve fazer parte da interpretação de uma de duas sentenças precedentes;
- (ii) é algo no contexto espaço-temporal imediato que é ativado por meio de um gesto simultâneo ou olhar fixo;
- (iii) é uma proposição, fato ou ato de fala associado com uma eventualidade (evento ou estado) denotado pela(s) sentença(s) precedente(s).

Como exemplo, temos a sentença a seguir, em que “esse visual” é ativado por uma informação extralinguística (a nosso ver, análogo a um gesto simultâneo ou olhar fixo).

(59)

[referência a uma imagem do jornal] É com **esse visual** que Juliana Baroni vai aparecer no filme *Polaróides Urbanas*, que deve chegar aos cinemas no dia 29.

Para referentes *familiares*, a autora apresenta dois critérios:

- (i) foi mencionando em algum momento do discurso precedente;
- (ii) pode ser considerado conhecido pelo ouvinte através de conhecimento cultural ou enciclopédico, ou experiência pessoal compartilhada com o falante.

Como exemplo, temos a sentença a seguir, em que “o mistério de A Favorita” é interpretado como familiar por aqueles que acompanhavam a telenovela da época:

(60)

“Deco Mansilha não tem o rosto conhecido pelo grande público, mas é em torno dele que gira todo o **mistério de A Favorita**. O novato é o intérprete de Marcelo, que já começou a trama morto. Marido de Donatela (Claudia Raia) e amante de Flora (Patrícia Pillar), quando vivo, ele faz o personagem que sabe qual das duas é a sua assassina”.

Para referentes que se encaixam como *identificação única*, a autora apresenta dois critérios:

- (i) o referente contém conteúdo descritivo/conceitual adequado para criar um referente único;
- (ii) um referente único pode ser criado por meio de uma “inferência do tipo ponte” ao associar-se a um referente já ativado.

Como exemplo, temos as sentenças a seguir, em que na primeira o artigo definido em inglês cria um referente único com “a noiva”, a partir de uma inferência do tipo ponte (exemplo de HEDBERG, 2013; p. 11). Note-se que neste exemplo um pronome mais alto da hierarquia não é possível. Na segunda, temos “os partidos”, um referente único criado a partir da expressão “os motores da política”.

(61)

a. I went to a wedding yesterday. **The bride/#that bride/#this** bride wore pink⁸⁸.
(HEDBERG, 2013; p. 11)

b. “Os motores da política estão se aquecendo. **Os partidos** começam a fazer alianças, acordos, tudo com um único objetivo: ganhar a nossa atenção.

Para referentes que se encaixam na categoria *referencial*, a autora apresenta dois critérios, bastando que o referente obedeça a um deles:

- (i) é mencionado no discurso subsequente;
- (ii) é evidente do contexto que o falante tem a intenção de se referir a uma entidade específica.

No exemplo a seguir, o referente “**um vereador**” obedece ao critério (ii):

⁸⁸ Em português: “Fui a um casamento ontem. **A noiva/#aquela noiva/#essa** noiva vestia rosa.”

(62)

Na Câmara de Pelotas apareceram bonecos com agulhas espetadas. **Um vereador** resolveu promover, na Casa, um ritual “para expulsar as energias negativas trazidas pelo vodu”.

Por fim, para o status cognitivo *identificação de tipo*, há apenas um critério: “é identificável se o sentido do sintagma (o conteúdo descritivo/contextual que ele codifica) é compreensível” (HEDBERG, 2013; p. 13). Neste caso, deve ficar claro que não existe um referente único, como ocorre no exemplo a seguir:

(63)

Ao perceber que **uma mulher** de 60 anos não ia cair no “conto do bilhete”, golpistas mudaram de atitude e ameaçaram com falso sequestro.

Cumprir lembrar que, de acordo com a autora, a hierarquia pode ser aplicada também para a análise da O.C., podendo ser categorizada como *em foco, ativada, familiar* ou *identificação única* – neste caso, quando se trata de uma *IP cleft*.

No exemplo a seguir, a O.C. está *em foco*, conforme o seguinte critério: (ii) foi estabelecida por um referente anterior na mesma sentença, ou por um referente focalizado em uma sentença precedente, existencial ou clivada, ou por um evento na sentença precedente. Isso é reforçado pelo fato de que ela foi omitida (o que Hedberg (2013) chama de *clivada truncada*).

(64)

Decepcionado com seu rendimento na primeira prova da temporada 2008 da Fórmula 1, o piloto paulista Felipe Massa disse, ontem, que o mau resultado da equipe na Austrália não foi suficiente para desanimá-lo, e viaja confiante para a Malásia. O forte calor teria sido um dos problemas da Ferrari em Melbourne, e a expectativa é que em Sepang não seja diferente. “Vamos colocar novos motores no carro e, com certeza, poderemos ir até o fim das duas próximas corridas. Não foi a temperatura que prejudicou o motor, **foi outra coisa** (~~que prejudicou o motor~~), que precisa ser descoberta rapidamente” – disse Massa.

No exemplo a seguir, a O.C. foi considerada *ativada*, pois a proposição “x visita a área” faz parte da interpretação das sentenças anteriores, “x foi ao local ontem pela manhã” e “x retornou à tarde”.

(65)

A secretária do Meio Ambiente de Alvorada, Sônia Izaura Araújo do Nascimento, afirma que foi ao local ontem pela manhã, acompanhada da fiscalização, entretanto, não encontrou ninguém. Por isso, retornou à tarde. – **É a segunda vez que visito a área**, que, realmente, é da prefeitura.

No exemplo a seguir, a O.C., que expressa a proposição “x vestem o Carnaval com cores e brilhos”, foi considerada *familiar*, por ser parte de conhecimento enciclopédico. Note-se que a sentença está em abertura de discurso.

(66)

[abertura de discurso] Com a responsabilidade de alinhar uma nota dez no quesito fantasia, **são as costureiras que vestem o Carnaval com cores e brilhos**.

Finalmente, no exemplo a seguir a O.C., que expressa a proposição “Juliana Baroni vai aparecer no filme Polaroides Urbanas *do modo x*”, foi considerada *identificação única*. É material que, não sendo conhecimento compartilhado, tem uma representação que é construída pelo leitor (pode até ser que o leitor tenha esse conhecimento em sua memória, mas acreditamos que isso não é necessário para que ele julgue essa clivada canônica como bem formada). Note-se que a sentença está em abertura de discurso:

(67)

É com esse visual que Juliana Baroni vai aparecer no filme Polaróides Urbanas, que deve chegar aos cinemas no dia 29. Vanessa, sua personagem, é uma alpinista social, que deixa o garoto de programa Mike (Nicolas Trevijano) e o mauricinho Arnaldo (Alexandre Slaviero) apaixonadíssimos.

São estes, portanto, os critérios que Hedberg (2013) estabelece para a identificação das categorias *em foco*, *ativado*, *familiar*, *identificação única*, *referencial* e

identificação de tipo. Na seção a seguir, reanalisamos as categorias de Hedberg e Fadden (2007), tendo em vista a protocolo aqui apresentado.

5.6 Protocolo de aplicação da hierarquia de Hedberg e Fadden (2007)

Para a análise das clivadas canônicas e das pseudoclivadas, reforçamos que será utilizada a hierarquia de Hedberg e Fadden (2007) com pequenas modificações e a incorporação das categorias e critérios de Hedberg (2013). Para melhor visualização, a escala das autoras é novamente apresentada:

Tabela 1: Hierarquia de Dadidade + Novo e Velho no Discurso

Ativado Recentemente ativado Inferível de situação ativada Inferível de proposição ativada Inferível de proposição recentemente ativada	Velho no discurso
Familiar Inferível de proposição familiar Informativo Catafórico Wh	Novo no discurso

(HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 5)

Por *ativado*, entende-se, como Hedberg (2013), que o material deve estar presente na primeira ou na segunda sentença precedente. Considera-se que, aqui, também se inclui material que está *em foco*.

Por *recentemente ativado*, Hedberg e Fadden (2007) afirmam, na análise de um dos exemplos, que a informação “estava há muitos turnos anteriores” do discurso (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 5), o que estaria mais próximo da noção *familiar não ativado* de Gundel et. al. (1993). As autoras não apresentam, entretanto, uma definição mais objetiva de “estar há muitos turnos anteriores”. Nesse trabalho, será considerado que é a informação que está presente *há mais* de duas sentenças precedentes, mantendo a

orientação de Hedberg (2013) de que o antecedente de um conteúdo *ativado* está presente há *até* duas sentenças precedentes.

Por material que é *inferível*, será utilizada a concepção apresentada em Prince (1988). De acordo com Prince (1988; p. 8), “quando o falante evoca alguma entidade no discurso, frequentemente ele presume que o ouvinte pode inferir a existência (discursiva) de outras entidades, com base nas crenças do falante e em sua capacidade de raciocínio”⁸⁹.

Por exemplo, em (b) a seguir a palavra “porta” não foi mencionada no contexto precedente, e a princípio depreende-se que não é *velha no discurso*. Por outro lado, também não pode ser *nova no discurso*, pois é tratada pelo ouvinte como se já fosse conhecida por ele, isto é, é possível supor que ele tem conhecimento sobre a “Bastilha” e que a Bastilha tem uma porta. Contraste-se esse exemplo com (a), em que a menção à porta já havia sido feita:

(68)

- a. Ele passou pela porta da Bastilha e *a porta* estava pintada de roxo.
- b. Ele passou pela Bastilha e *a porta* estava pintada de roxo.

Prince (1988) também postula a existência de uma outra categoria, *contendo inferíveis*. Neste caso, também se espera que o ouvinte, a partir de conhecimento prévio, seja capaz de reconhecer o referente da expressão linguística em questão. Entretanto, o material é deduzido da própria expressão da qual faz parte, e não de um elemento antecedente.

Vejamos o exemplo a seguir:

(69)

[Diálogo entre parisienses:]

Fiquei sabendo que a porta da Bastilha foi pintada de roxo.

De acordo com Prince (1988), esses exemplos são aceitáveis, ainda que o NP “Bastilha” não tenha sido mencionado no contexto precedente. Basta que o interlocutor saiba que existe uma construção chamada “Bastilha” e que tais construções costumam ter

⁸⁹ No original: “when a speaker evokes some entity in the discourse, it is often the case that s/he assumes that the hearer can infer the (discourse-)existence of certain other entities, based on the speaker's beliefs about the hearer's beliefs and reasoning ability”.

portas. Note-se que para a autora um exemplo como o seguinte não é possível, a não ser que o interlocutor tenha algum conhecimento específico:

(70)

a. *O baú da Bastilha foi pintado de roxo.

b. A Bastilha tinha um baú pregado nela. O baú estava pintado de roxo.

Conforme Prince (1988), “existem restrições de felicidade em expressões *contendo inferíveis*, assim como em *inferíveis*: as inferências exigidas do ouvinte devem ser baseadas em crenças que se pode razoavelmente esperar que o ouvinte tenha” (PRINCE, 1988; p. 11).⁹⁰

Esse trabalho parte do pressuposto de que essa é a noção que Hedberg e Fadden (2007) têm de *material inferível*, e que as autoras consideram este tipo de material *velho no discurso*.

Assim como para material que é *ativado*, será considerado que o material é *inferível de proposição/situação ativada* quando um antecedente faz parte das duas sentenças precedentes. Por *inferível de proposição/situação recentemente ativada*, entende-se que há um antecedente que pode ser recuperado há mais de duas sentenças.

Por *situação*, será considerado que as autoras se referem à *situação de fala*, conforme Prince (1978), pois na discussão de um dos seus exemplos, as autoras interpretam uma O.C. como “*inferrable from the speech situation*”. De acordo com Prince (1978), nesses casos a expressão linguística é entendida como *presente na consciência de ouvinte*, em virtude das *expectativas* existentes em relação àquela situação, e não pela percepção de sua presença física.

Por *familiar*, segue-se a orientação de Hedberg (2013), em que o material é interpretado como parte de *conhecimento enciclopédico, cultural ou experiência compartilhada* entre interlocutores.

O conceito de *inferível de proposição familiar* não é claro em Hedberg e Fadden (2007). Pode ser que se refira a uma inferência calculada a partir de *conhecimento cultural/enciclopédico/experiência compartilhada*. Não há, entretanto, uma diferença fundamental entre esse conceito e o conceito de *familiar*, e por essa razão, não essa categoria não será considerada relevante nesse trabalho.

⁹⁰ No original: “there are constraints on felicitous Containing Inferables, just as on Inferables: the inferences required of the hearer must be based on beliefs the hearer can reasonably be expected to have”

Por *informativo*, entende-se que o material que tem *identificação única* é *referencial* ou tem *identificação de tipo* na Hierarquia de Dadidade-Novidade. Essa categoria inclui tanto o conteúdo da O.C. (que em Hedberg (2000) é, no máximo, *identificação única*) como o conteúdo do C.C.

Para *catafórico*, segue-se a orientação de Hedberg e Fadden (2007), para quem se trata de “constituintes cujos referentes não foram introduzidos até o enunciado da clivada ter sido completado” (HEDBERG e FADDEN, 2007; p. 4-5).

A categoria *wh* não se mostrou relevante para as clivadas encontradas no corpus, e, portanto, não será considerada.

Assim, será utilizada a seguinte hierarquia na análise dos dados:

Tabela 2: Hierarquia de Dadidade + Novo e Velho no Discurso (atualizado)

Ativado Recentemente ativado Inferível de situação ativada Inferível de proposição ativada Inferível de proposição recentemente ativada	Velho no discurso
Familiar Informativo Catafórico	Novo no discurso

Antes de seguir para a apresentação dos dados quantitativos, é preciso fazer mais uma consideração metodológica: na discussão qualitativa das clivadas em abertura de discurso, serão realizadas operações de “transformação” de clivadas canônicas em pseudoclivadas, e vice-versa, na tentativa de isolar os aspectos informacionais responsáveis pelo uso das construções.

Na maioria das vezes, a impossibilidade de uso de uma pseudoclivada ao invés de uma clivada canônica esbarra na palavra-QU: de acordo com Declerck (1982), uma razão pela qual o falante pode preferir uma clivada canônica ao invés de uma pseudoclivada é o fato de clivadas canônicas serem mais livres, por não estarem restritas à semântica da palavra-QU. Em inglês, por exemplo, não encontramos pseudoclivadas com o pronome “Who”, e frequentemente se recorre a um sintagma como “the one who...” para que se possa realizar uma pseudoclivada (PRINCE, 1978). No corpus aqui estudado, foram

encontrados casos de pseudoclivadas com “quem” e “o que”, mas não com “onde” e “como”.

Como o interesse de estudo reside na análise da articulação informacional das clivadas, serão realizadas “transformações” de clivadas em pseudoclivadas em que, se necessário, a palavra-QU é substituída por um sintagma que torne a construção sintaticamente aceitável e mantenha o máximo possível das propriedades semântico-pragmáticas do enunciado. Por exemplo:

- a. Não foi em 2007 que a sonhada escadaria do Beco da Associação, na Vila Augusta Meneguini, em Viamão, saiu do papel.
- b. ?? Quando a sonhada escadaria do Beco da Associação, na Vila Augusta Meneguini, em Viamão, saiu do papel não foi em 2007.
- c. O ano em que a sonhada escadaria do Beco da Associação, na Vila Augusta Meneguini, em Viamão, saiu do papel não foi 2007.

A conversão de (a) em (c) impõe problemas para uma definição formal do que constitui uma pseudoclivada, mas a técnica se justifica, já que, em relação à análise da articulação informacional, ela pode nos mostrar propriedades suficientemente análogas para termos um elemento a fim de testar a distribuição dessas construções no discurso.

Além disso, serão categorizados o tipo de C.C. e a função sintática que sofre a operação de clivagem, de modo análogo à classificação realizada por Aleixo (2015) e por Prince (1978), que percebeu que as *IP clefts* costumam ser um advérbio de tempo, de lugar ou de razão. Tem-se como intenção verificar se essa consideração também se aplica de modo sistemático no português, e identificar se tal padrão é encontrado também em posições outras que não a inicial.

Por fim, será utilizada a QUD (Kuppevelt, 1995) para a análise dos casos prototípicos de clivadas canônicas e pseudoclivadas em posição inicial, medial e final dos textos do Diário Gaúcho. Como discutimos no capítulo 3, a QUD permite visualizar “aquilo que está em discussão”, que Kuppevelt (1995) chama de *tópico* – cumpre lembrar que na QUD o discurso pode ser hierarquizado em forma de “(sub)perguntas” e “(sub)respostas”, que têm como objetivo esclarecer potenciais indeterminações de um enunciado anterior (o “feeder”, sentença que abre o discurso; e, possivelmente, as respostas subsequentes).

Como discutimos no capítulo 3, a QUD se mostra útil na análise dos casos prototípicos de clivadas e pseudoclivadas, pois ajuda a identificar, por exemplo, o uso *conclusivo* das clivadas (ANDRADE, 2019) e a função de *continuidade de um tópico* (BRAGA, 2009). Em especial em posição medial e final (em posição inicial ela sempre será um *feeder*), a QUD permitirá, portanto, relacionar as clivadas canônicas e as pseudoclivadas a funções textuais específicas.

6 RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da análise das 100 clivadas canônicas e das 100 pseudoclivadas coletadas.

Antes de iniciarmos a discussão, cumpre lembrar as questões que norteiam este trabalho:

- (1) O que as características informacionais preveem, precisamente, quanto à distribuição textual das clivadas e das pseudoclivadas?
- (2) O que as hipóteses e resultados apresentados indicam, em síntese, sobre a articulação informacional das clivadas e das pseudoclivadas?

Relembremos, também, as hipóteses:

- (3) Em posição inicial, será mais fácil encontrar clivadas canônicas do que pseudoclivadas, pois a O.C. das clivadas canônicas não veicula, necessariamente, um *tema/tópico* e, conseqüentemente, seu conteúdo não precisa estar na consciência do ouvinte cooperativo/ obedecer ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* (cf. PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990). Assim, podem veicular uma pressuposição informativa.
- (4) Em oposição a clivadas canônicas, será mais difícil encontrar pseudoclivadas em posição inicial, pois a O.C. das pseudoclivadas veicula o *tema/tópico*, precisa estar na consciência do ouvinte cooperativo/obedecer ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* (PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990) e, portanto, não está geralmente associada à *pressuposição informativa*.
- (5) Em posição final, teremos dificuldade em encontrar pseudoclivadas cujo C.C. é [- ativado], em razão de tais construções frequentemente introduzirem um referente que é retomado pelo contexto subsequente como tópico (BRAGA, 2009).

- (6) Se clivadas canônicas têm uma função de “finalizar” trechos do discurso, será mais provável encontrá-las em posição final – e não pseudoclivadas –, em que ambos o C.C. e a O.C. desses casos serão, provavelmente, [ativados].
- (7) Em posição medial, uma clivada canônica poderá indicar a abertura de um segmento temático (quando tiver uma pressuposição informativa) ou sua finalização (em que as partes que a compõe serão, mais provavelmente, [ativadas]).

6.1 Clivadas canônicas

Nesta seção, são apresentados os resultados para as clivadas canônicas.

6.1.1 Tipo de constituinte clivado e sua função sintática

Em relação ao tipo de C.C. e à sua função sintática, foram encontrados os seguintes resultados:

Tabela 3: Tipo de constituinte clivado por posição da clivada canônica no texto

<i>Tipo de Constituinte</i>	Posição da Clivada no Texto			<i>Total</i>
	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	
NP	6	37	5	48
PP	12	24	9	44
Adjetivo	0	1	0	1
Advérbio	1	3	2	6
Total	19	65	16	100

Tabela 4: Função sintática do constituinte clivado

	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	Total
Sujeito	2	28	6	36
Objeto	2	2	1	6
Adjunto Adverbial	14	36	9	58
Total	19	65	16	100

Em relação ao tipo de constituinte, vemos que a operação de clivagem incide, em sua maioria, sobre NPs e PPs. Nas três posições – inicial, medial e final – foram encontrados tanto NPs como PPs. Em relação à função, no geral encontramos poucos casos de clivagem de objeto, como mostra o exemplo a seguir:

(71)

O problema é que como alguns negócios não se resolvem, a torcida começa a se impacientar. Pensar em Renato, D'Alessandro e Souza é pensar alto. **É disso que o time gremista precisa.** Resta saber se irá conseguir.

Quando a clivada canônica ocorre em posição inicial, há uma preferência pela clivagem da função de adjunto adverbial, como vemos na Tabela 4. Eis um exemplo a seguir.⁹¹

(72)

É com cérebro interessado, politiquês e egoísta que queremos despertar em nós uma inteligência capaz de resolver todos os problemas humanos. Com esse conhecimento mecânico, herdado do hábito, queremos escapar da trivialidade das nossas realizações.

Em posição medial, há 28% de ocorrências de clivagem da função sujeito e 36% da de adjuntos adverbiais; em posição final, há 6% de ocorrências de clivagem de sujeitos

⁹¹ Nos questionamos por que, nesse caso, não há a clivagem do sujeito ou um argumento do verbo – o falante poderia ter usado o deslocamento à esquerda, que também tem a mesma função. A nosso ver, isso pode reforçar a ideia de que há, de fato, uma *pressuposição informativa*.

e 9% da de adjuntos adverbiais. Aqui, questiona-se se a presença de função adverbial em posição medial não comporta casos de *IP clefts*.

Nos exemplos a seguir, temos em (a) e (b) ocorrências mediais, em que há clivagem da função sujeito e adverbial, respectivamente; em (d) e (e), temos ocorrências finais, com a clivagem das funções adverbiais e de sujeito, respectivamente.

(73)

a. Ainda que os crimes continuassem a acontecer, as autoridades passavam à população a esperança de que estavam virando o jogo. **Eram os criminosos que estavam acuados naquele momento.** Com o passar do tempo, o ímpeto da polícia diminuiu, permitindo que a marginalia voltasse a dar as cartas e jogar de mão.

b. Quatro títulos, três vice-campeonatos e a marca de ser o time que mais vezes ganhou a Copa do Brasil – ao lado do Cruzeiro. **É com essa tradição e responsabilidade que o Grêmio entra em campo hoje para a estreia, contra o Jaciara, de Mato Grosso.** Na casamata, o clube conta com um técnico que chegou ao Olímpico justamente com a credencial de campeão do torneio.

d. É lógico que dentre as opiniões a hipocrisia também está presente, mas é exceção. Mesmo fatigado e lesionado por esforço repetitivo, **é através da manifestação que o povo poderá um dia ser ouvido.**

e. As histórias de Merocildo, Matheus e Michele e sua filha Chrysley Vitória são exemplos a serem seguidos. Acho que a primeira reação deles e de seus parentes foi a de reclamar. Mas também creio que depois vieram outras. **E foram essas outras respostas à tragédia que atingiu cada um que possibilitaram a virada na vida e a superação dessas dificuldades.**

Em resumo, vemos que as clivadas canônicas têm preferência por clivar NPs e PPs. De destaque, nota-se que, no geral, são clivadas as funções de sujeito e adjunto adverbial. E em abertura de discurso, há uma preferência significativa pela clivagem de advérbios.

E por que em abertura de discurso encontramos poucos casos de clivagem do sujeito ou um argumento do verbo? A preferência por adjuntos adverbiais sugere que a clivada em abertura de discurso está funcionando como um elemento que estabelece o *background* do discurso; em outras palavras, “o cenário”. Adjuntos adverbiais são frequentemente usados para ancorar uma informação àquilo que estou enunciando. Não é à toa, por exemplo, que em uma resposta a uma pergunta como “O que o Pedro fez ontem?”, o advérbio “ontem” é movido para a esquerda como um elemento dado, a atribuição positiva: “Ontem, o Pedro foi ao jogo de futebol.” Note-se que Hedberg (1990) afirma que as *IP-clefts* têm como função “ancorar um indivíduo ou uma situação a um ponto de origem”, e que Andrade (2019) supõe que, ao contrário das clivadas com acento no foco, estas indicam a *continuidade* do discurso. São funções que estão ligadas às propriedades de adjuntos adverbiais, de fornecer o *background* do discurso.

6.1.2 Análise da dadidade-novidade referencial nas clivadas canônicas

Nesta seção, são apresentados os padrões referentes ao status informacional e cognitivo do C.C. e da O.C. da clivada canônica (isto é, se é informação velha/nova e em qual ponto da escala de dadidade o constituinte está) e como eles se distribuem nos textos do corpus.

6.1.2.1 Padrões com relação ao status informacional e cognitivo dos constituintes

Em relação à dadidade-novidade referencial (cf. seções 2.2.2 e 5.4 acima), revisemos, primeiramente, as possibilidades de segmentação da clivada canônica em termos oracionais, que são as seguintes:

	Status do constituinte clivado	Status da oração clivada
a) velho-velho	velho	velho
b) velho-novo	velho	novo
c) novo-velho	novo	velho
d) novo-novo	novo	novo

**Tabela 5: Padrões de Segmentação das Clivadas Canônicas
segundo a Dadidade-Novidade Referencial:**

velho-velho	velho-novo	novo-velho	novo-novo	<i>Total</i>
24	47	9	20	100

Vejam, agora, para cada um destes padrões, as possibilidades de combinação de status cognitivos específicos dos constituintes. Começamos pelas clivadas canônicas com o padrão *velho-velho*, no qual tanto o C.C. quanto a O.C. são, em algum grau, *ativados*.

**Tabela 6: Status cognitivo específico dos constituintes
nas clivadas canônicas *velho-velho***

Status cognitivo	Número de ocorrências
Ativado / Ativado	1
Ativado/Recentemente ativado	4
Ativado recentemente / inferível de proposição ativada	3
Inferível de proposição ativada / inferível de proposição ativada	1
Ativado / Inferível de proposição recentemente ativada	3
Ativado / inferível de proposição ativada	12
<i>Total</i>	24

Note-se que dos 23 casos, em 18 a O.C. contém conteúdo inferível, e em 22 o C.C. contém um conteúdo ativo. O padrão mais constante, portanto, é [ativo+inferível].

Como exemplo de *velho no discurso - velho no discurso*, temos a seguinte ocorrência, em que ambos os constituintes foram considerados *ativados*:

(74)

Aos 78 anos, a costureira Carmelina Farias do Carmo, do Bairro Restinga, não perde uma aula de hidroginástica na piscina do Centro de Comunidade Restinga. Há quatro anos, Carmelina descobriu na atividade a possibilidade de fazer exercícios gratuitamente e ainda se refrescar no calor:

- Fico contando os meses para a chegada do verão. **É só nesta época que faço hidroginástica.**⁹²

Os dados da tabela (6) mostram que não há material inferível precedendo material ativado, o que sugere que o C.C. deve ser “mais dado” do que a O.C. – algo que não seria percebido com a simples categorização de *velho no discurso*.

Uma outra possibilidade é que em virtude do caráter de contraste destes casos há uma QUD (“questão sob discussão”) expressa pela O.C. em aberto, e o papel da clivada é assinalar qual termo, entre as opções sendo discutidas, satisfaz o valor aberto, em contraste com os demais. No exemplo anterior, o papel da clivada é enfatizar que é no verão, e não em outra época do ano, que o falante faz hidroginástica. Em outras palavras, o papel da clivada é assertar a identidade do valor da variável em contraste com as demais alternativas contextuais. Essa é uma conclusão importante, pois retoma uma afirmação de Aleixo (2015), para quem a relação entre o C.C. e a O.C., mesmo quando “dados”, sempre trazem alguma “novidade” para o interlocutor – relação essa que é expressa por uma asserção de identidade.

Consideremos, agora, as possibilidades de combinação de status cognitivos específicos dos constituintes para clivadas canônicas com o padrão *velho-novo* no discurso:

⁹² Note-se, nesse exemplo, que “só” sinaliza exclusão de alternativas – portanto, contraste.

Tabela 7: Status cognitivo específico dos constituintes nas clivadas canônicas *velho-novo*

Status cognitivo	Número de Ocorrências
Ativado / informativo	18
Ativado / familiar	13
Ativado situacionalmente / informativo	3
Ativado situacionalmente / familiar	2
Ativado recentemente / familiar	2
Ativado recentemente / informativo	1
Inferível de proposição ativada / informativo	6
Inferível de proposição ativada / familiar	1
Inferível de proposição ativada / catafórico	1
Total	47

Como exemplo, temos o caso a seguir, em que “assim” foi interpretado como *ativado* e a O.C. foi interpretada como *familiar*:

(75)

Solteirinha da Silva. **É assim que Juliana Knust tem circulado.** A atriz, que interpreta a Débora de Duas Caras, confirmou nesta semana que o namoro com o empresário Diogo Schmidt, seu ex-noivo, chegou ao fim, depois de mais de três anos e meio entre idas e vindas.

“Assim” retoma, anaforicamente, “solteirinha da silva” e, portanto, é [ativado]. O sintagma “Juliana Knust”, que se refere a uma atriz, foi interpretado como parte do *common ground* do leitor que assiste a novelas, assim como que é de conhecimento geral que pessoas circulam/andam/passeiam *de algum modo*. Portanto, “Juliana Knust tem circulado de algum modo” é conteúdo familiar ao leitor, ainda que não contextualmente ativo (ou seja: embora “conhecimento compartilhado”, tal material não pode ser considerado *velho no discurso* em Hedberg e Fadden (2007), pois não faz parte do contexto precedente).

Os dados da tabela (7) contêm quase a metade da ocorrência das clivadas canônicas. Além disso, das 47 ocorrências, 32 estão em posição medial, sugerindo que a clivada retoma um referente já mencionado ao mesmo tempo em que o relaciona a um conteúdo novo.

Passemos aos resultados para as clivadas canônicas com o padrão *novo-velho* no discurso:

Tabela 8: Status cognitivo específico dos constituintes nas clivadas canônicas *novo-velho*

Status cognitivo	Quantidade
Informativo / Recentemente Ativado	1
Informativo / Inferível de proposição ativada	3
Familiar / Inferível de proposição ativada	5
<i>Total</i>	9

Na ocorrência a seguir, “a quinta vez” foi considerado *informativo* (é uma *identificação de tipo*) e a O.C. foi considerada *inferível de proposição ativada*:

(76)

A exemplo do local onde mora, a Vila Esperança, em Esteio, Sandra Santos, 43 anos, não poupou esperança para alcançar o que desejava. Agora, a auxiliar de marketing, mãe de dois filhos, tem mais um motivo para sorrir. Tudo porque conseguiu a tão almejada prótese dentária. Sem condições de custear um aparelho novo, Sandra resolveu enviar o pedido ao Diário Gaúcho. [...] No mesmo dia da publicação, já surgiu um candidato a ajudar Sandra. Assim, ela foi ao local indicado, na clínica Dental Arte, e fez tudo que era necessário com a dentista Renata Zago, 26 anos. [...] O diretor da Maxxicomm, João Eduardo de Lemos, 44 anos, foi quem fez a mediação entre Sandra e a Dental Arte, um dos clientes da agência de propaganda. **É a quinta vez que o publicitário engaja-se na realização de sonhos de leitores.**

A O.C. foi considerada *inferível de proposição ativada*, em razão da sentença anterior: como o diretor da Maxxicom ajudou o leitor, inferimos que ele se engaja na realização de sonhos.

Os dados da tabela (8) parecem sugerir que o princípio *Dado Antes de Novo*, de Hedberg (1990), nem sempre se aplica às clivadas canônicas do português.

Finalmente, temos os casos de clivadas canônicas com o padrão *novo-novo* no discurso. Neste padrão, tanto o C.C. quanto a O.C. são, em algum grau, *não-ativados*:

Tabela 9: Status cognitivo específico dos constituintes nas clivadas canônicas *novo-novo*

Status cognitivo	Quantidade
Familiar/Informativo	10
Informativo / Informativo	5
Familiar / Familiar	5
Total	20

No exemplo a seguir, o C.C. e a O.C. foram interpretados como *informativos*. Note-se que é um caso de abertura de discurso:

(77)

É com cérebro interesseiro, politiqueiro e egoísta que queremos despertar em nós uma inteligência capaz de resolver todos os problemas humanos. Com esse conhecimento mecânico, herdado do hábito, queremos escapar da trivialidade das nossas realizações.

É interessante observar a generalização nesses casos: o item à esquerda (o C.C.) ou é “mais velho” (menos novo) ou no mínimo tem o mesmo status que o item à direita (a O.C.) na hierarquia de dadidade – portanto, satisfazem o princípio *Dado Antes de Novo*.

Em resumo, os dados de todas as tabelas mostram que é possível encontrar todas as combinações de “graus de ativação” nas clivadas canônicas.

Ressalte-se que em 47 de 100 ocorrências tivemos o padrão *velho-novo*, sugerindo que o princípio *Dado Antes de Novo* é respeitado. Se levarmos em consideração que nos casos *velho-velho* temos o padrão “ativado + inferível” e outros em que o material à esquerda é mais velho que o da direita, esse número sobe para 69. Ainda, podemos

considerar a categoria *novo-novo*, em que em 10 ocorrências material *familiar* precedia material *informativo*. Ou seja, em 79 ocorrências o C.C. deve ser “mais velho” do que a O.C., respeitando, fortemente, o princípio *Dado Antes de Novo*.

Contrariamente a essa generalização, foram encontrados 21 casos em que em 9 o C.C. era *novo* e a O.C. era *velha* e em 12 ambos estavam no mesmo ponto da escala.

Note-se, entretanto, que se entendermos que o princípio é “material à esquerda é no mínimo tão dado quanto o material à direita”, então os casos de familiar+familiar ou informativo+informativo não são contrários à generalização. Desse modo, apenas 9 casos, de 100, não obedecem ao princípio *Dado Antes de Novo*.

6.1.2.2. Cruzando padrões informacionais com distribuição textual

A seguir, são apresentados os resultados em relação à distribuição textual – isto é, as posições ocupadas no texto – dos diferentes padrões informacionais das clivadas canônicas:

Tabela 10: Distribuição dos Padrões Informacionais das Clivadas Canônicas por Posição no Texto

	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	Total
Velho / Velho	0	18	6	24
Velho / Novo	5	32	10	47
Novo / Velho	0	9	0	9
Novo / Novo	15	5	0	20
Total	20	64	16	100

Como vemos, em posição inicial há uma forte preferência por material que é *novo-novo* no discurso. Os casos encontrados como *velho – novo no discurso* se referiam *todos* a imagens impressas no jornal, como no exemplo a seguir.

(78)

É com esse visual que Fernanda de Freitas vai aparecer no Por Toda a Minha Vida [...].

Ou seja: em posição inicial, a O.C. e o C.C. veiculam sempre material *novo*.

Em posição medial, foram encontradas clivadas com todas as possibilidades de “ativação”, cujo exemplos vemos a seguir, na ordem *velho-velho*, *velho-novo*, *novo-velho* e *novo-novo*, respectivamente:

a. Velho-Velho:

Aos 78 anos, a costureira Carmelina Farias do Carmo, do Bairro Restinga, não perde uma aula de hidroginástica na piscina do Centro de Comunidade Restinga. [...] - Fico contando os meses para a chegada do verão. **É só nesta época que faço hidroginástica.** Na piscina destinada à recreação das crianças, as irmãs Brenda e Dienifer Lanes, de oito e 12 anos, respectivamente, se divertem com os brinquedos disponíveis e com a recreacionista.

b. Velho-Novo:

Em pouco tempo, estaremos elegendo prefeitos e vereadores. Parece pouco, mas não é. **São eles que vão ou não resolver nossos problemas públicos mais próximos.** Quando chegarem à comunidade cheios de sorrisos e simpatia, não vá se abrindo como uma rosa na primavera.

c. Novo-Velho:

O diretor da Maxxicom, João Eduardo de Lemos, 44 anos, foi quem fez a mediação entre Sandra e a Dental Arte, um dos clientes da agência de propaganda. **É a quinta vez que o publicitário engaja-se na realização de sonhos de leitores.** – Dessa vez, falei com a doutora Alessandra, que dispôs toda a estrutura da clínica para que o desejo fosse concretizado.

d. Novo-Novo:

Meninas, sorriam! **Não é só mulher bonita que mostra tudo na telinha.**

Em posição final, foram encontrados apenas casos de *velho – velho no discurso* e *velho – novo no discurso*. Ainda, em posição final o C.C. é sempre informação velha, sugerindo uma distribuição quase que complementar com a posição inicial.

Nos casos a seguir, em (a) o C.C. foi interpretado como *ativado* e a O.C. como *recentemente ativado*, e em (b) o C.C. foi interpretado como *inferível de proposição ativada* e a O.C. como *informativo*.

(79)

a. Digo isso porque acredito que barreiras e dificuldades foram feitas para serem transpostas. As histórias de Merocildo, Matheus e Michele e sua filha Chrysley Vitória são exemplos a serem seguidos. Acho que a primeira reação deles e de seus parentes foi a de reclamar. Mas também creio que depois vieram outras. **E foram essas outras respostas à tragédia que atingiu cada um que possibilitaram a virada na vida e a superação dessas dificuldades.**

b. Fazendo questão de ler, nesses últimos dias, todos os comentários dos leitores sobre a nova novela intitulada cartão corporativo, pude perceber que a revolta é geral. E é expressa numa explosão de comentários aborrecidos, críticos, irônicos e, sobretudo, desalentadores pelo final feliz previsto, inevitável e corriqueiro para os envolvidos da trama. É lógico que dentre as opiniões a hipocrisia também está presente, mas é exceção. Mesmo fatigado e lesionado por esforço repetitivo, **é através da manifestação que o povo poderá um dia ser ouvido.**

Em resumo, em relação à distribuição no discurso, foi percebido o seguinte:

Em posição inicial, as clivadas canônicas são, em sua maioria, do tipo *novo-novo*, e em posição final são do tipo *velho-velho* e *velho-novo*. Como já sugerido, em posição final e posição inicial há um indício de que temos uma distribuição quase complementar das clivadas canônicas em relação ao status informacional de seu C.C.: é velho em posição final, e novo na grande maioria das ocorrências em posição inicial.

Em posição medial, foram encontradas clivadas canônicas de todos os tipos. Este dado sugere que, nessa posição, as clivadas exercem diferentes funções na organização do discurso. Ressalte-se, entretanto, que numericamente nessa posição há uma preferência pelo padrão *velho-novo* – e não *novo-velho*: são 50% dos casos. Isso parece inesperado em relação à literatura, especialmente a de cunho gerativista, que enfatiza a

ideia de que, tipicamente, nas clivadas canônicas o C.C. é *foco informacional* ou de *contraste*, e a O.C. é material pressuposto. Ou seja, a ideia geral é de que, tipicamente, as clivadas canônicas têm o padrão *novo-velho*. Mas, em posição medial, este padrão informacional é apenas 15% dos casos. (De fato, no conjunto geral das 100 ocorrências, o padrão tem apenas 10% dos casos.)

Retomando as hipóteses e questões norteadoras, temos as seguintes conclusões:

- (1) O que as características informacionais preveem, precisamente, quanto à distribuição textual das clivadas?

Em posição inicial, as clivadas canônicas favorecem a clivagem de adjuntos adverbiais, em que o padrão preferido é *novo-novo no discurso*. Em posição medial, elas favorecem a clivagem de sujeitos e advérbios, em que encontramos todas as combinações de *velho* e *novo*, mas em que a preferida é *velho-novo*. E em posição final, elas favorecem a clivagem de sujeitos e advérbios, em que o C.C. é sempre *velho*, e em que a O.C. pode ser *novo* ou *velho*.

- (2) O que as hipóteses e resultados apresentados indicam, em síntese, sobre a articulação informacional das clivadas canônicas?

Em posição inicial, é mais provável que a sentença veicule informação *nova no discurso*. Portanto, assim como em inglês, as clivadas canônicas do português veiculam uma pressuposição que, *velha* para o falante, deve ser interpretada como *nova* pelo ouvinte cooperativo. Isto é, ela é *informativa*. A clivagem de adjuntos adverbiais, por sua vez, reforça essa tese, pois estes têm como função estabelecer o *background* do discurso.

Em posição medial, as clivadas canônicas parecem exercer diferentes funções na organização do discurso, portanto, é natural que sejam encontrados padrões intuitivamente relacionados à abertura de um segmento temático (como *novo-novo*) e à sua finalização (como *velho-novo*). A presença maior do padrão *velho-novo* sugere que ela exerce uma função de “transição” entre partes do discurso.

Em posição final, as clivadas canônicas possuem um C.C. que é sempre *velho* no discurso, o que é compatível com a função de finalização já atestada pela literatura (ANDRADE, 2019). Note-se que estão em distribuição complementar com as clivadas canônicas em abertura de discurso.

Vejamos, também, o que os resultados dessa seção dizem quanto às hipóteses formuladas (cf. seção 4.3 acima):

- (3) Em posição inicial, será mais fácil encontrar clivadas canônicas do que pseudoclivadas, pois a O.C. das clivadas canônicas não veicula, necessariamente, um *tema/tópico* e conseqüentemente seu conteúdo não precisa estar na consciência do ouvinte cooperativo/ obedecer ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* (cf. PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990).

Foram encontradas 19 clivadas canônicas nessa posição – contra apenas 5 pseudoclivadas, como veremos na próxima seção. Além disso, o comportamento das clivadas canônicas é similar às *IP clefts* apontadas por Prince (1978), pois clivam adjuntos adverbiais na posição de C.C. – o que sugere o estabelecimento do *background* do discurso – e se encaixam no padrão *novo-novo no discurso*.

- (4) Se clivadas canônicas têm uma função de “finalizar” trechos do discurso, acreditamos que, além de ser mais provável encontrá-las em posição final do que em outras posições, ambos o C.C. e a O.C. desses casos serão, provavelmente, [ativados].

A hipótese é confirmada em parte. Em primeiro lugar, a maior parte foi encontrada em posição medial, e não final. Em segundo lugar, de fato clivadas canônicas em posição final têm um C.C. que é sempre *velho no discurso*, mas há um número significativo (10 de 16) em que a O.C. não é. Será preciso analisar esses casos qualitativamente para que se possa entender o que ocorre.

- (5) Em posição medial, uma clivada canônica poderá indicar a abertura de um segmento temático (quando tiver uma pressuposição informativa) ou sua finalização (em que as partes que a compõe serão, mais provavelmente, [ativadas]).

A ocorrência de diversos padrões de *dadidade-novidade* parece indicar que essa afirmação é correta. A presença maior de casos *velho-novo* sugere, entretanto, que ao invés de “introduzir” ou “finalizar” um segmento temático, elas podem estar

estabelecendo uma função de “transição”, não periférica. Será preciso analisar esses casos qualitativamente para que se possa entender o que ocorre.

Na próxima seção, são apresentados os resultados para as pseudoclivadas.

6.2 Pseudoclivadas

Apresentamos, aqui, os resultados para as pseudoclivadas.

6.2.1 Tipo de constituinte clivado e sua função sintática

Em relação ao tipo de C.C. e à sua função sintática, foram encontrados os seguintes resultados para as pseudoclivadas:

Tabela 11: Tipo de constituinte clivado por posição da pseudoclivada no texto

	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	Total
NP	2	46	5	53
VP	3	23	5	31
PP	0	3	1	4
CP	0	12	0	12
Adjetivos	0	1	0	1
Total	5	85	10	100

Tabela 12: Função sintática do constituinte clivado por posição da pseudoclivada no texto

	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	Total
Sujeito	1	41	6	48
Objeto	4	44	3	51
Adjunto Adverbial	0	0	1	1
Total	5	85	10	100

Com relação ao tipo de C.C., as tabelas mostram que pseudoclivadas clivam NPs, VPs e CPs, admitindo ainda PPs e, excepcionalmente, APs. Note-se que há forte preferência pela clivagem de NPs e VPs, e que VPs e CPs não aparecem para as clivadas canônicas. Como exemplo, temos os casos a seguir:

(80)

a. A estimativa é que o Barra Shopping Sul gere entre 3 mil e 4 mil vagas, e o Shopping Floresta, 550. Nas prestadoras de serviços de informática, **o que falta é mão-de-obra qualificada.**

b. O espetáculo que será apresentado aos gaúchos em primeira mão terá parte do cenário do DVD Acústico 2. É um show no qual a dupla e o seu repertório ficarão em primeiro plano, pois **o que o público mais quer é ver as estrelas cantarem.** Não faltarão sucessos como Dormi na Praça, Choram as Rosas, Pra Não Morrer de Amor e Ficar Por Ficar, além de músicas do seu novo trabalho.

c. Vários colorados comparam o jogo de estreia do Inter, em Dubai, no sábado, com o de Tóquio, contra o Al Ahly, no Mundial de Clubes de 2006. No fundo, a comparação não cabe, mas **o que eles desejam é que o time ganhe**, como naquela partida, embora não tenha mostrado seu melhor futebol.

Com relação à função sintática do C.C., em sua maioria são sujeitos e objetos. Houve apenas 1 caso de adjunto adverbial.

(81)

b. Por volta das 11h, uma viatura do Batalhão de Operações Especiais (Boe) apreendeu seis armas, munições (inclusive de fuzil), 4,5kg de drogas e até uma granada de gás lacrimogêneo. **O que mais impressionou os PMs, porém, foram duas bananas de dinamite, com 20cm cada, e um cordel explosivo, de 2,5m de comprimento.**

- c. Muitos políticos nos tratam como adolescentes a serem seduzidos e **o que precisamos é de amor verdadeiro**, não de paixão interesseira de quem vem, paga “de bom coração” e vai lavar a mão com água sanitária quando chega em casa.⁹³
- d. A cada dia, abre-se para nós uma página nova no livro do tempo. **O que escrevemos é por nossa conta.**

Em relação à posição, note-se que foram encontradas poucas pseudoclivadas em abertura de discurso – foram apenas 5, um contraste significativo em relação às clivadas canônicas, que foram 19. A maior parte das pseudoclivadas encontra-se em posição medial: são 85, 20 a mais do que as clivadas canônicas. Em posição final, foram encontradas 10 pseudoclivadas, um número levemente menor que nas clivadas canônicas, que conta com 16 ocorrências.

Esses dados sugerem que pseudoclivadas de fato têm características informacionais que não as favorecem em abertura de discurso, uma vez que boa parte delas são encontradas em posição medial, o que converge com as observações de Prince, (1978) (é raro encontrá-las em posição inicial), e de Braga (2009), para quem as pseudoclivadas têm como função introduzir um (*sub*)tópico sobre o qual o trecho subsequente discorrerá (ou seja, é mais provável de serem encontradas em posição medial).

Além disso, é importante ressaltar que as pseudoclivadas favorecem argumentos, isto é, sujeitos e objetos, diferentemente das clivadas canônicas, que favorecem sujeitos e adjuntos adverbiais e sujeitos. Isso pode sugerir que um fator importante para as pseudoclivadas é que o termo clivado seja o participante central do evento descrito pela sentença; já para as clivadas, mais importante talvez seja que o termo clivado pertença ao *ground*.

⁹³ Chama atenção neste exemplo que o verbo “precisar” admite uma WH sem preposição, o que não acontece com uma sentença com um verbo como “desconfiar”. Comparem-se o exemplo a seguir:

- a. “O que Paulo precisa? Ele precisa do amor de Maria.”
- b. *O que Paulo desconfia? Paulo desconfia do amor de Maria.

O exemplo (b) é ruim porque “desconfiar” não favorece WH sem preposição. Não pretendemos investigar essa questão aqui, por fugir do escopo deste trabalho, mas a deixamos registrada para trabalhos futuros.

6.2.2 Análise da dadidade-novidade referencial nas pseudoclivadas

Nesta seção, são apresentados os padrões referentes ao status informacional e cognitivo do C.C. e da O.C. da pseudoclivada (isto é, se é informação velha/nova e em qual ponto da escala de dadidade o constituinte está) e como eles se distribuem nos textos do corpus.

6.2.2.1 Padrões com relação ao status informacional e cognitivo dos constituintes

Em relação à dadidade-novidade referencial, foram encontrados os seguintes padrões de articulação informacional – lembrando que, agora, temos à esquerda a O.C. e à direita o C.C.:

Tabela 13: Padrões de Segmentação das Pseudoclivadas segundo a Dadidade-Novidade Referencial

Velho/Velho	Velho/Novo	Novo/Velho	Novo/Novo	Total
18	31	4	47	100

Como vemos, foram encontradas pseudoclivadas de todos os tipos. Entretanto, a maior parte dos casos foram interpretados como *velho-novo no discurso* e *novo-novo no discurso* – portanto, favorecendo fortemente material novo no C.C. Das 100 ocorrências, apenas 3 foram interpretadas como *novo no discurso-velho no discurso*.

Essa situação também é compatível com a generalização de que material à esquerda é no mínimo tão dado quanto o da direita – portanto, havendo o favorecimento de material mais novo à direita. É interessante observar que o mesmo princípio parece se generalizar sobre ambas as clivadas canônicas e as pseudoclivadas: nos resultados, na pseudoclivada o C.C. (à esquerda) tende a ser o material mais *novo*, e na clivada canônica é a O.C. (à esquerda) que tende a ser mais *nova*. Novamente, reforça-se a tese de que o princípio *Dado Antes de Novo* se aplica fortemente às construções clivadas.

Por fim, observe-se que nos casos *novo-novo* as pseudoclivadas têm mais que o dobro de ocorrências do que as clivadas canônicas (47 vs. 20). Como veremos, nesses casos há uma preponderância de material *familiar* precedendo *informativo*, o que respeita, mais uma vez, o princípio *Dado Antes de Novo*.

Vejam os resultados relativos aos status cognitivos específicos dos constituintes das pseudoclivadas. Em relação aos casos com a segmentação informacional *velho-velho*, temos o seguinte:

Tabela 14: Status cognitivo específico dos constituintes nas pseudoclivadas *velho-velho*

Status cognitivo	Número de ocorrências
Inferível de proposição ativada / ativado recentemente	4
Inferível de proposição ativada / ativado	3
Inferível de proposição ativada / inferível de proposição ativada	7
Inferível de proposição recentemente ativada / inferível de proposição recentemente ativada	1
Ativado / inferível de proposição ativada	1
Inferível de proposição ativada / inferível de proposição recentemente ativada	1
Inferível de situação ativada / inferível de proposição ativada	1
Total	18

No exemplo a seguir, interpretamos a O.C. e o C.C. como *inferíveis de proposição recentemente ativada*.

(82)

A suspeita de que Benta era o anjo perdido ganhou força quando a menina salvou Miriam (Gabriela Duarte) da morte. Benta protegeu a mãe adotiva durante o acidente de automóvel provocado por Simone (Samara Felippo). Agora, terá de reunir forças para defender a própria pele da malvada. É que, mesmo paraplégica, Simone armará contra a garota e tentará sequestrá-la novamente. - Mesmo de cadeira de rodas, Simone tentará prejudicá-la - antecipa Bruno Giordano, que vive

Anderson, o pai da mau-caráter na trama. Para Samara, as maldades de Simone não têm fim: - Mas **o que ela quer é atingir Miriam.**

Note-se que, segundo os dados da tabela (14), há somente um caso em que a O.C. é material ativo no padrão informacional *velho-velho*. Em regra, nesse padrão, ela é material inferível – o que é um indicativo de que a O.C. costuma veicular material que está nos níveis intermediários da escala de dadidade, evitando os extremos.

Consideremos agora as pseudoclivadas com o padrão *velho-novo* no discurso. Foram encontrados os seguintes dados:

Tabela 15: Status cognitivo específico dos constituintes nas pseudoclivadas *velho-novo*

Status cognitivo	Número de Ocorrências
Inferível de proposição ativada / informativo	23
Ativado / informativo	5
Inferível de proposição ativada / familiar	2
Inferível de situação ativada / Informativo	1
Total	31

No exemplo a seguir, a O.C. foi interpretada como *ativado* e o C.C. como *informativo*.

(83)

A polícia de Santo Ângelo, nas Missões, perdeu parte da madrugada e da manhã de ontem atrás de um casal de namorados que teria sido sequestrado. O suposto crime foi registrado na Polícia Civil por volta das 2h, por uma mulher que dizia ter testemunhado dois homens armados rendendo a filha e o genro, quando o casal chegava em casa, de carro. Só que às 10h, os dois foram encontrados bem e tranquilos, na residência do rapaz. Tudo não passou de um engano da mãe. No relato que fez, a mulher dizia que os criminosos haviam colocado o genro no porta-

malas e assumiram a direção do carro. Mas **o que foi parar no compartimento do veículo foi um cobertor do Internacional**. O outro homem, que a mulher acreditava ser o comparsa, era o irmão do rapaz, que havia ganhado uma carona do casal.

Os dados da tabela (15) mostram pouca preferência para que o material da O.C. seja *ativado* – são apenas 5 casos em 31. Como vemos, há uma preferência por material *inferível* – como também era a preferência no caso do padrão *velho-velho* –, que é dado em relação a material *informativo*. Ressalte-se que, ao todo, que 49 das pseudoclivadas têm O.Cs. com o status de material *velho no discurso*, ao passo que esse número foi de 30 com as clivadas canônicas.

Para os casos de pseudoclivadas com o padrão *novo-velho* no discurso, foram encontrados os seguintes resultados:

Tabela 16: Status cognitivo específico dos constituintes nas pseudoclivadas *novo-velho*

Status cognitivo	Quantidade
Familiar / ativado	1
Familiar / recentemente ativado	1
Familiar / Inferível de proposição ativada	2
Total	4

Em todos eles, a O.C. foi interpretada como *familiar*, conforme o exemplo a seguir.

(84)

Nos próximos capítulos, Priscila vai investir pesado em Claudius, que se esquiva, mas não consegue conter o ciúme de Solange:

– E pensar que ele era um cara tão sem brilho...

Para o ator, a nova fase de Claudius tem sido muito mais saborosa. O que também satisfaz o público, que torce para Claudius terminar com o coração ocupado por alguém que o mereça.

– Isto me surpreende. A torcida vem pelo fato de ele ser ético e sensível. Mas **o que eu queria mesmo era ser o sufocador** – brinca.

O conteúdo da O.C. foi interpretado como *familiar*, em virtude de “pessoas quererem muito alguma coisa” ser um tipo de conhecimento compartilhado. O C.C. foi interpretado como *inferível de proposição recentemente ativada*, retomado pelo fato de que o texto discorre sobre as mulheres, de uma telenovela, que pressionam o personagem Claudius (isto é, entendemos que “ser o sufocador” é uma instância dessa pressão).

Como vemos na tabela 16, são poucos casos de pseudoclivadas com o padrão novo-velho; de fato, adicionalmente, observemos que a O.C. é material familiar – que, num certo sentido, é acessível, portanto, mais próxima de material *velho*. Isto é, não há nenhuma ocorrência de material “realmente novo”, isto é, *informativo*, na O.Cs. das pseudoclivadas.

Por fim, apresentamos os resultados para os casos de pseudoclivadas com o padrão *novo-novo* no discurso:

Tabela 17: Status cognitivo específico dos constituintes nas pseudoclivadas *novo-novo*

Status cognitivo	Quantidade
Familiar / Informativo	34
Informativo / Informativo	7
Familiar / Familiar	4
Familiar / catafórico	2
<i>Total</i>	<i>47</i>

Como exemplo, temos o caso a seguir, em que ambos os constituintes foram interpretados como *informativos*. Note-se que a pseudoclivada se encontra em abertura de discurso:

(85)

O que o aposentado Anselmo Jorge Winck Soares, 54 anos, do Bairro Hípica, em Porto Alegre, não quer é ver seu irmão, José Alex Winck Soares, 39 anos, preso a uma cama. Anselmo é quem cuida de José que, desde junho de 2006, após um acidente, tem um coágulo no cérebro.

A tabela (17) mostra que o único caso de pseudoclivada *novo-novo* não atestado é *informativo/familiar*, em que o termo à esquerda (a O.C.) seria “mais novo” que o termo à direita (o C.C.). Há duas observações a serem feitas com relação a esses resultados: (i) o padrão de longe mais favorecido é o *familiar / informativo*; e (ii) novamente, *familiar* é a categoria favorecida para a O.C. (40 casos de 47).

Esses dados sugerem que a O.C. da pseudoclivada, mesmo quando é *nova no discurso*, veicula material que não é completamente novo – afinal, aquilo que é familiar, embora não tenha sido mencionado no discurso, faz parte do *common ground*. E obedece, portanto, ao Princípio de Familiaridade do Tópico.

Cumprе lembrar, aqui, a razão de Hedberg e Fadden (2007) considerarem tais informações como *novas* (ver capítulo 6, em que consta a metodologia): Prince (1988) traça uma distinção entre *velho e novo na mente do ouvinte* e *velho e novo no discurso*. Aquilo que é *novo na mente do ouvinte* diz algo sobre o seu status informacional *no discurso*, já que uma informação nova na mente do ouvinte tem de ser *nova no discurso*. Entretanto, não se trata de uma relação simétrica, pois aquilo que é *novo no discurso* pode ou não estar na mente do interlocutor. Em outras palavras, “novidade no discurso não nos diz nada sobre o status de uma entidade na mente do ouvinte” (PRINCE, 1988; p. 7).

A interpretação de *familiar* como *novo no discurso* pode estar deturpando os padrões informacionais, já que material familiar pode não estar ativo, mas se é conhecimento compartilhado, acessível etc. está mais próximo de uma “pressuposição acomodável” do que de “material informativo”. Essa é uma questão relevante, pois se observarmos somente o padrão *novo no discurso*, em oposição a *velho no discurso*, perdemos uma generalização importante: de que a O.C. das pseudoclivadas é uma forte candidata à *tópico* face ao *Princípio de Familiaridade do Tópico*.

6.2.2.2. Cruzando padrões informacionais com distribuição textual

A seguir, são apresentados os resultados em relação à distribuição textual – isto é, as posições ocupadas no texto – dos diferentes padrões informacionais das pseudoclivadas:

Tabela 18: Distribuição dos Padrões Informacionais das Pseudoclivadas por Posição no Texto

	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	Total
Velho / Velho	0	14	4	18
Velho / Novo	0	31	0	31
Novo / Velho	0	2	2	4
Novo / Novo	5	38	4	47
Total	5	85	10	100

Note-se que, em relação à posição, há poucas pseudoclivadas em abertura de discurso (apenas 5). Em 3 ocorrências, a O.C. foi considerada material *familiar*, e em 2 *informativo*. Nesses casos, encontramos somente o status cognitivo *novo/novo*. Além do exemplo já apresentado para ilustrar a tabela (17), temos o seguinte, em que ambas as partes da clivada foram analisadas como *informativas*:

(86)

O que o corretor de imóveis Samir Cafruni, 23 anos, quer é trocar o protocolo de reclamação que fez no Departamento Médico Legal pelo laudo da necropsia do falecido pai de sua noiva. E essa espera já dura mais de 70 dias. O motorista Neri Gonçalves de Souza faleceu em 16 de dezembro de 2007, em uma tentativa de assalto ao ônibus que dirigia.

Em posição medial, foram encontradas pseudoclivadas de todos os tipos. Isso pode ser visualizado nos exemplos a seguir, para os casos dos padrões *velho-velho*, *velho-novo*, *novo-velho* e *novo-novo* no discurso, respectivamente (note-se que em “c” e “d” a O.C. foi interpretada como *familiar*):

(87)

a. [título] Foragido do semi-aberto

Desde a noite do assassinato, em 27 de janeiro, Urso era procurado e tinha a prisão temporária decretada. Ele era querido por comerciantes e moradores das imediações da Avenida Nilo Peçanha, onde fazia serviços gerais em um posto de combustíveis. **O que as pessoas não sabiam é que ele também era foragido do regime semi-aberto**, onde cumpria pena por homicídio e assalto.

b. No relato que fez, a mulher dizia que os criminosos haviam colocado o genro no porta-malas e assumiram a direção do carro. Mas **o que foi parar no compartimento do veículo foi um cobertor do Internacional**. O outro homem, que a mulher acreditava ser o comparsa, era o irmão do rapaz, que havia ganhado uma carona do casal.

c. Para os jogadores, Abel chegou até a pedir o título de presente. E, mesmo que o Colorado esteja em desvantagem nesta final – o Ju joga pelo empate –, o treinador mostra-se otimista: – Em três jogos (com o Juventude) perdemos os três, mas **o que interessa é este**. Está na hora de o raio mudar de local.

d. Tens razão, amiga. Surpreende a tua capacidade de olhar para o que passou e entender. Atitudes assim trazem crescimento. **O que debes fazer, daqui para a frente, é liberar teu coração**. De nada adianta a cabeça raciocinar e o coração continuar enredado em sentimentos que impedem a libertação.

Em posição final, também foram encontradas pseudoclivadas *velho-velho*, *novo-velho* e *novo-novo*, conforme, respectivamente, os exemplos a seguir (note-se que em “b” e “c” a O.C. foi interpretada como *familiar*):

(88)

a. É que, mesmo paraplégica, Simone armará contra a garota [Miriam] e tentará sequestrá-la novamente. - Mesmo de cadeira de rodas, Simone tentará prejudicá-la - antecipa Bruno Giordano, que vive Anderson, o pai da mau-caráter na trama. Para Samara, as maldades de Simone não têm fim: - Mas **o que ela quer é atingir Miriam**.

- b. A O grupo Karaguattá, embalado pelo sucesso Vamo Sacudindo, comemora uma agenda de shows e de bailes praticamente fechada. Até o final do ano, **o que não falta é trabalho para esta turma.**
- c. Mais do que ser líder em pontos do Brasileirão, Celso Roth está dando uma aula de ganhar fora de casa. Em três jogos, ganhou duas. O Grêmio não sabia o que era isto nas mãos de Mano Menezes. Outra grande vitória do treinador é Marcel. Foi dele o pedido de contratação deste jogador, que é centroavante nato e marcou dois gols na vitória sobre o Goiás. **Para mim, só o que falta para Roth é terminar com esta história de tirar Roger do time, pois lugar de craque é no campo.**

Em resumo, os resultados das pseudoclivadas mostram que o C.C. costuma ser, em sua maioria, um NP, um VP ou um CP. Em relação à função sintática, pseudoclivadas clivam constituintes que exercem a função de sujeito e objeto, mas não de adjuntos adverbiais. Isso sugere que pseudoclivadas em abertura de discurso não têm a função de estabelecer o *background* do discurso, como as clivadas canônicas – o que converge com o fato de ser raro encontrá-las em posição inicial. Essa é uma observação importante, uma vez que indica que a *pressuposição informativa* está, de fato, associada à O.C. de um subtipo de clivada canônica (a *IP-cleft*).

Os dados em relação à posição mostram também que as pseudoclivadas são utilizadas majoritariamente em posição medial, em que exibem todos os padrões de *dadidade-novidade* no discurso. São 80 ocorrências. Entretanto, eles estão distribuídos, majoritariamente (69 ocorrências), nos padrões *velho-novo* e *novo-novo*.

Ressalte-se que nos casos *novo-novo* temos 39 orações clivadas interpretadas como *familiar*, um conceito que está mais próximo de material *velho*, por corresponder àquilo que faz parte do *common ground*. Esse dado é importante porque reforça a teste de que a O.C. das clivadas canônicas costuma ser um *tema* (nos termos de Prince (1978)) ou um *tópico* (nos termos de Hedberg (1988, 1990)).

Por fim, a análise das pseudoclivada mostra uma recorrência significativa de certas expressões na O.C., que podem ser facilmente agrupadas em certos tipos de significado. Na próxima seção, estes casos são apresentados.

6.2.3 Casos prototípicos de pseudoclivadas

A partir das 100 pseudoclivadas encontradas, foi possível categorizar 90 delas em 7 casos, que podem ser subsumidos sob uma generalização mais ampla.

O primeiro tipo, o mais comum, envolve a expressão de “desejos”. Eles ocorrem quase sempre com verbos como “desejar” e “querer”:

(89)

- a. E o que os colorados **mais desejam** é ver o Internacional funcionando como uma máquina ajustada e eficiente em 2008.
- b. Mas o que ela **quer** é atingir Miriam.
- c. O que o aposentado Anselmo Jorge Winck Soares, 54 anos, do Bairro Hípica, em Porto Alegre, **não quer** é ver seu irmão, José Alex Winck Soares, 39 anos, preso a uma cama.
- d. Mas o que todos **querem** saber mesmo é como foi gravar um comercial ao lado do galã norte-americano Richard Gere, aquele do sucesso no cinema “Uma Linda Mulher” (1990).
- e. Além dos diversos shows, o que a galera **mais queria** era beijar na boca e isso muita gente conseguiu

No segundo tipo, foram encontrados casos em que a pseudoclivada é usada para ressaltar alguma informação importante. É frequentemente encontrada com os verbos “importar”, “valer” e “contar”:

(90)

- a. O que **importa** é refletir sobre o 25 de dezembro, data escolhida para festejarmos o nascimento de Jesus.
- b. O que **vale** em outras categorias é a data de estreia do filme nos Estados Unidos
- c. No mercado de veículos, o que **vale** é o ano de fabricação.
- d. ... o que **conta** é a data de emissão.

Note-se que neste tipo de exemplo em todo desenvolvimento temático há um ponto em que se quer ressaltar um aspecto do tema que merece ou aponta para algum aprofundamento, uma particularização etc. do tema. Ou seja, poderíamos dizer que, em vários tipos de desenvolvimento temático, chega um ponto em que “há alguma coisa que é mais importante, vale mais etc.” que o resto (das coisas consideradas até ali)”. Neste tipo de estrutura textual, essa proposição também pode ser interpretada como material inferível ou, ao menos, acomodável.

Nos casos abaixo, também frequentes, a pseudoclivada tinha como objetivo chamar a atenção para alguma informação inesperada:

(91)

- a. Numa sequência de cenas arrepiantes, o que chamou **mais atenção** foi o carro do banquete das baratas.
- b. O que **apavora** é que a maldade deixou de ser obra de indivíduos desequilibrados para se transformar em fenômeno coletivo.
- c. O que mais **me assusta** são os irmãos que insistem em ficar perto de quem só atrasa o lado.
- d. O que mais **impressionou** os PMs, porém, foram duas bananas de dinamite, com 20cm cada, e um cordel explosivo, de 2,5m de comprimento.

No terceiro tipo, a O.C. introduzia algum problema:⁹⁴

(92)

- a. ... mas o que pode **dificultar a decisão** de uma relação sólida é a forte competição que existe entre vocês.
- c. ... mas o que **agrava a situação** são as máquinas que a prefeitura utiliza para empurrar a vegetação e o barro.
- d. O que **não fecha** é o papo de que os jogos serão muito mais preparação do que competição.
- e. Acho que o que **está faltando** é iluminar melhor a Praça da Alfândega.

⁹⁴ Aventamos a possibilidade de que esses casos sejam uma ligeira variação dos dois primeiros, de forma que também podem ser adicionados ao mesmo grupo.

No quarto tipo, a O.C. expressava as preferências e estados de espírito do falante.⁹⁵

(93)

- a. No momento, o que mais **me agrada** é a noite.
 - b. ... o que me **atrai** mais é a prisão.
 - c. ... o que mais **gosto**, mesmo, é a Arte do Leitor.
 - d. O que me **dói** é que, depois, esses malucos participam de campanhas em favor da paz, levantam os dois dedinhos e fazem cara de inocente.
 - e. O que me **preocupa** é que esta necessidade de Dunga fazer pontos nas Eliminatórias e manter seu emprego deixa o Brasil sem nenhuma solução para a montagem do time olímpico.
 - f. ... o que mais **incomodou** o goleiro foi não poder fazer nem movimentos leves.
- No quinto tipo, é frequente o uso de verbos de percepção:

(94)

- a. Nem bem começaram os treinos e tudo o que se **viu** foi um abandono da ideia inicial.
- b. O que a gente **ouve** aqui na escola é que, no ano passado, ele viu um tio matar uma pessoa e, desde então, entrou para esse mesmo mundo.
- c. ... o que **vemos** é muita burocracia e pouca ação.

No sexto tipo, encontramos pseudoclivadas usadas para dar conselhos e sugestões:

(95)

- a. O que vocês estão **precisando** é de uma boa conversa.
- b. O que **sugiro** é que, em primeiro lugar, essa campanha seja permanente e estendida aos moradores de rua.
- c. O que **deves fazer**, daqui para a frente, é liberar teu coração.

⁹⁵ Aventamos a possibilidade de que esse também seja uma ligeira variação do primeiro grupo, de forma que os quatro primeiros tipos possam, na verdade, fazer parte do mesmo conjunto.

Finalmente, no sétimo tipo, encontramos pseudoclivadas que expressavam iniciativas (ou atitude) de “fazer algo”, isto é, de responder a alguma situação por meio de uma ação:

- a. O que Bial **fez** foi dar um toque para melhorar a atração – avalia o eliminado.
- c. O que eu **faço** é mostrar músicas diferentes dos artistas mais populares.
- d. O que vamos **fazer** é incomodar esses criminosos com a nossa presença.

Essa categorização demonstra, como visto em Prince (1978), que a O.C. de fato contém conteúdo que é compartilhado, uma espécie de “conhecimento universal”: pessoas desejam coisas, sentem coisas, se preocupam com coisas, coisas acontecem etc. Como contém material que é, no mínimo, *familiar*, depreende-se que a O.C. é realmente um forte candidato a tópico.

Nos dados, percebeu-se também que em 30 deles a pseudoclivada tem um uso que Hedberg (1990) chama de *superlativo*: “o que mais incomodou”, “o que mais gostei”, “o que a galera mais queria”, “o que mais chamou a atenção” etc. Em seu trabalho, a autora introduz esse uso como sendo um tipo específico de pseudoclivada. Observando atentamente os casos anteriores, é possível perceber que essa propriedade também está presente no uso de outras expressões, e é independente da presença de modificadores como “mais”:

(96)

A Grande Porto Alegre convive há bastante tempo com a violência. A todo instante, as mais variadas agressões são praticadas contra e pelas pessoas. A banalização chegou a tal ponto que já não basta matar. Para extravasar o ódio contra o próximo, boa parte dos criminosos já não abre mão de agredir e machucar as vítimas antes de matá-las. Foi o que aconteceu na Restinga neste final de semana, onde a líder comunitária Marlene de Oliveira foi torturada e morta por um homem que invadiu sua casa. O estranho usou seringas para machucar Marlene e, antes de fugir, jogou álcool sobre o corpo dela e ateou fogo. [...] Organizadora de um sopão semanal para os pobres, Marlene também tinha participação política ativa na comunidade. Não resistiu à crueldade do agressor e morreu. Também agredido, seu companheiro foi internado no hospital em estado

grave. Um crime hediondo, brutal, inexplicável. **O que apavora é que a maldade deixou de ser obra de indivíduos desequilibrados para se transformar em fenômeno coletivo.** Desse jeito, não sei onde vamos parar. [...]

Note-se que neste exemplo o conteúdo que precede a pseudoclivada veicula uma série de eventos particulares que, certamente, chocam, assustam, indignam etc. o leitor: um criminoso matou Marlene, a torturou, jogou álcool sobre seu corpo e ainda agrediu seu marido brutalmente. Mas a O.C. da pseudoclivada sugere que algo é *pior* que estes eventos particulares, algo que *apavora*: não se trata apenas desse episódio particular e desse criminoso particular, mas é uma violência geral – “a maldade deixou de ser obra de indivíduos desequilibrados e se transformou em fenômeno coletivo”. A função da pseudoclivada, aqui, é introduzir um elemento que é enfatizado em relação aos outros, similar à noção “superlativa” de Hedberg (1990) – e que contém uma inferência de *contraste*.

Em exemplos como o anterior, pseudoclivada tem a função de introduzir um *subtópico*, conforme a perspectiva de Kuppevelt (1995) – o que já havia sido percebido por Hedberg (1988) na análise de pseudoclivadas em contextos conversacionais, em que eram frequentemente encontradas em início de turnos, e em Braga (2009). Se reestruturamos o exemplo em um contexto de perguntas e resposta, vemos que é possível considerar que a O.C. da pseudoclivada funciona como um *tópico*:

(97)

A: Organizadora de um sopão semanal para os pobres, Marlene também tinha participação política ativa na comunidade.

B1: *O que aconteceu com Marlene?*

Não resistiu à crueldade do agressor e morreu.

A1: *O que mais aconteceu?*

Também agredido, seu companheiro foi internado no hospital em estado grave.

B2: *O que você acha disso?*

A2: Um crime hediondo, brutal, inexplicável.

B3: *E o que mais te chama a atenção / O que te apavora mais nisso tudo?*

A3: [O que apavora] é que a maldade deixou de ser obra de indivíduos desequilibrados para se transformar em fenômeno coletivo.⁹⁶

Em primeiro lugar, é preciso salientar que o termo “introduzir um tópico” pode causar certa confusão. Geralmente, quando falamos em “introduzir” um elemento, pode-se entender que estamos falando de “iniciá-lo”, levando a entender que haverá uma continuidade deste elemento no discurso. Ainda que pudéssemos dizer que nos exemplos acima a O.C. é o *tópico* da pseudoclivada, caracterizar a função como “introduzir” um *tópico* pode ser enganoso – nesse caso, por exemplo, o referente não tem continuidade.

Seguindo Kuppevelt (1995), é importante esclarecer, entretanto, que quando a resposta a uma pergunta não é satisfatória, ela pode ser seguida por uma subpergunta que, por sua vez, introduz um subtópico. A introdução de um subtópico não indica, necessariamente, que o discurso deve ter continuidade por longos trechos – se a resposta for considerada satisfatória pelo falante, o (sub)tópico é encerrado, ainda que consista em uma única sentença.

No exemplo anterior, as perguntas B2 e B3 têm como função adicionar informação a respeito de B1, servindo como subtópicos que esclarecem as questões “que outros eventos aconteceram” e “qual a opinião do autor a respeito disso”. Nesta última, a O.C. da pseudoclivada funciona como a pergunta (o subtópico), e o C.C. como a resposta (o comentário). Partindo do princípio de que o objetivo geral desse texto é discorrer sobre como a violência na Grande Porto Alegre se tornou banal, a pseudoclivada tem a função de introduzir um subtópico sobre o qual faz um comentário – no caso, de que dentre as coisas que apavoram o autor a pior é os atos serem cometidos por pessoas que não são desequilibradas mentais.

Como vemos, essa pseudoclivada também tem a função de retomar uma informação levantada no início do texto. Isso parece confirmar o que já havia sido percebido por Hedberg (1988, 1990), de que pseudoclivadas são utilizadas para “introduzir” ou “reintroduzir” um “tópico do discurso”, e esclarecer o que a autora quer dizer por “perguntas mais altas”. Nesses casos, parece haver uma convergência entre os

⁹⁶ Ressalte-se que a análise aqui empreendida segue o trabalho de Kuppevelt (1995) e não inclui modificações à teoria do autor (que, por exemplo, poderiam definir que as respostas B1 e A1 constituem-se em uma relação “paratática”). Para verificar outras versões da QUD, recomenda-se a leitura de Riester, Brunetti e Kuthy (2018) e referências lá citadas.

conceitos empregados pela autora e por Kuppevelt (1995) – bem como esclarecer as afirmações de Braga (2009), para quem as pseudoclivadas introduzem um *subtópico*.

Com relação às questões norteadoras sobre as pseudoclivadas, temos, então, o seguinte:

Q1: O que as características informacionais preveem, precisamente, quanto à distribuição textual das clivadas e das pseudoclivadas??

Em posição inicial, é raro encontrar pseudoclivadas (foram 5 casos). Isso converge com o fato de essas construções raramente clivarem adjuntos adverbiais, que estabelecem o *background*, e terem preferência pela clivagem de sujeitos e objetos. Além disso, converge com a ideia de que elas veiculam uma *pressuposição informativa*.

Em posição medial é onde encontramos a maior parte das pseudoclivadas (foram 85 ocorrências), dados que convergem com aqueles encontrados em Braga (2009), em que as pseudoclivadas também introduziam um subtópico.

Em posição final, é difícil encontrar pseudoclivadas (foram 10 casos no total), o que sugere, em conjunto com as demais posições, que elas mais fortemente servem como uma “ponte” ou transição entre partes do discurso.

Q2: Como a Estrutura Informacional explica essa distribuição?

Em posição inicial, as pseudoclivadas eram do tipo *novo-novo*, mas, observando-se sua posição na hierarquia de dadidade, nelas a O.C. tende a ser material *familiar*, que faz parte do *common ground* e, portanto, pode funcionar como um *tema* ou *tópico*. Há, portanto, diferença sistemática na articulação informacional das pseudoclivadas em posição inicial vs. a das pseudoclivadas em posição medial, com função de introdução de subtópico.

Em posição medial, são, em sua maioria, do tipo *velho-novo* e *novo-novo*. Observando-se sua posição na hierarquia de dadidade-novidade, mesmo nos casos em que a O.C. é *nova no discurso*, há preponderância de material *familiar*, que faz parte do *common ground*. Assim, sugere-se que as pseudoclivadas nessa posição costumam recuperar uma informação que está *presente na consciência do ouvinte* (PRINCE, 1978), que funciona como uma “pergunta” sobre a qual o C.C. fornece uma resposta (a relação *tópico-comentário* na QUD de Kuppevelt (1995)).

Em posição final, encontramos pseudoclivadas de todos os tipos. Para que possamos entender com clareza o que ocorre aqui, contudo, é necessário realizar uma análise qualitativa dos dados.

Com relação às hipóteses:

- (7) Será mais difícil encontrar pseudoclivadas em posição inicial, pois elas veiculam o *tema/tópico*, precisam estar na consciência do ouvinte cooperativo/obedecer ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* (PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990) e, portanto, não estão geralmente associadas à *pressuposição informativa*.

A hipótese, a princípio, se confirma, a partir dos poucos casos encontrados nessa posição, de não clivarem adjuntos adverbiais como as clivadas canônicas e de a O.C. ser, na maioria, material *familiar*, e não *informativo*.

(8)

Em posição final, teremos dificuldade em encontrar pseudoclivadas cujo C.C. é [- ativado], em razão de pseudoclivadas desse tipo frequentemente introduzirem um referente que é retomado pelo contexto subsequente como um tópico (BRAGA, 2009).

É difícil realizar uma generalização a esse respeito. Como o número de ocorrências desse caso é muito pequeno para qualquer afirmativo, só o que se pode dizer é que pseudoclivadas são raras em posição final de texto.

(9)

Em posição medial, será mais fácil encontrar pseudoclivadas com C.C. [-ativado], pois frequentemente introduzem um elemento novo que será o tópico do contexto subsequente (BRAGA, 2009).

A hipótese parece ser confirmada. A maioria das pseudoclivadas em posição medial contém uma O.C. que é *velha* ou *nova* no discurso – neste último caso, na maioria *familiar* – e têm um C.C. que é *novo*. Elas não necessariamente introduzem um elemento que persiste por longos trechos do discurso, mas que finaliza uma QUD.

Em relação a essa última hipótese, ressalte-se que Braga (2009) define que o C.C. de uma pseudoclivada frequentemente introduz um referente novo ou inferível que é retomado como tópico no contexto subsequente. Se tomarmos o conceito de *tópico* como o apresentado em Kuppevelt (1995), temos que o *tópico* não é necessariamente o elemento que persiste por longos trechos do discurso (como se poderia depreender da leitura de Braga (2009)), mas aquele que introduz uma pergunta em uma QUD. Assim, nas pseudoclivadas é a O.C. que introduz um tópico (uma pergunta), e o papel do C.C. é simplesmente introduzir a resposta (o comentário). Nesse ponto, o C.C. é o comentário, que pode, ou não, vir a se tornar um tópico no contexto subsequente.

Tendo feita a apresentação dos dados encontrados, discute-se mais detalhadamente, no próximo capítulo, os casos de clivadas canônicas e pseudoclivadas em abertura de discurso.

7 DISCUSSÃO: CLIVADAS EM ABERTURA, MEIO E FIM DE DISCURSO

Este capítulo discute em mais detalhes os dados encontrados para clivadas canônicas e pseudoclivadas em abertura de discurso, com o objetivo de melhor compreender a função dessas construções quando utilizadas nesta posição textual. Aqui, retomam-se algumas das tendências que a análise quantitativa revelou, no capítulo anterior, mas o foco será analisar qualitativamente ocorrências particulares à luz seja dos resultados, seja das ideias e hipóteses até aqui discutidas.

7.1 Clivadas canônicas em abertura de discurso

Temos aqui casos de clivada canônica que foram considerados prototípicos de abertura de discurso. Relembramos as respostas que encontramos para as questões norteadoras e hipóteses a respeito desse tipo:

- (1) Em posição inicial, as clivadas canônicas favorecem a clivagem de adjuntos adverbiais, em que o padrão preferido é *novo-novo no discurso*.
- (2) Em posição inicial, é mais provável que a sentença veicule informação *nova no discurso*. Portanto, assim como em inglês, as clivadas canônicas do português veiculam uma pressuposição que, *velha* para o falante, deve ser interpretada como *nova* pelo ouvinte cooperativo. Isto é, ela é *informativa* no nível discursivo. A clivagem de adjuntos adverbiais, por sua vez, indica que elas têm como função estabelecer o *background* do discurso.
- (3) As clivadas canônicas em abertura de discurso se encaixam no padrão *novo-novo no discurso*, reforçando as conclusões apresentadas em (1) e (2).

Para entender em pormenor essas afirmações, analisemos o exemplo a seguir:

(98)

[Título] Pedras continuam no caminho

Não foi em 2007 que a sonhada escadaria do Beco da Associação, na Vila Augusta Meneguini, em Viamão, saiu do papel. A reivindicação da camareira Clarice de Fátima Flores de Souza, 43 anos, mostrada em junho e novembro deste ano, ainda não foi atendida. Desde 2005, quando Clarice pediu o corte de uma grande pedra em frente a sua casa, no Beco, as partes, que deveriam ter sido recolhidas, tomaram conta do local. Por duas vezes, a prefeitura de Viamão prometeu a retirada das pedras e a construção da escadaria. Em novembro, prometeram que viriam até o final do mês para encaminhar o estudo. Ninguém apareceu e a gente continua passando trabalho - reclama [Clarice].

Assim como a de Clarice, outras 200 reclamações dos leitores foram contadas na seção Seu Problema É Nosso. Em 42 delas, o Diário Gaúcho voltou a mostrar a situação, e nove tiveram solução.

Como vemos, a clivada canônica desse exemplo lida com uma expectativa geral dos leitores desse tipo de texto: obras desejadas pela população devem sair do papel *no momento previsto*. Mas ela também lida com uma expectativa mais específica, que é a esperada por Clarice: a escadaria do beco da associação *deveria* ter saído do papel – o que ainda em 2007 não havia acontecido, nem depois de a prefeitura ter prometido que em novembro um estudo seria encaminhado para a sua execução.

Os referentes “a escadaria do Beco da Associação” e o ano “2007” podem ser entendidos como novos no discurso, pois o primeiro não é de conhecimento dos leitores, e o segundo é, no máximo, familiar. Além disso, ambos podem ser entendidos como casos de “acomodação”, pois instanciam referentes mais gerais, compartilhados por autor e leitor: existem “obras desejadas” (no caso, a escadaria) que devem “sair do papel em algum momento” (no caso, 2007).

A clivada canônica, portanto, tem como função negar uma expectativa geral ao *assertar* que uma escadaria específica *não* foi construída. Isto é, ao usar a clivada o autor do texto em questão veicula o conteúdo da O.C. como um pressuposto dos leitores, que é acomodável porque faz parte de uma expectativa geral. O que a clivada canônica *asserta*, sob o escopo da negação, é que a expectativa *não* se confirma.

É interessante pontuar que a O.C. desse exemplo poderia ser categorizada como “inferível de proposição familiar”, cf. Hedberg e Fadden (2007). Como discutimos, essa categoria foi excluída de nossa análise, em virtude de não ser explicitada pelas autoras. Esse exemplo, entretanto, poderia ser analisado dentro dessa categoria se supusermos que a expectativa geral “obras saem do papel no momento esperado” é uma proposição compartilhada (ou seja, familiar) pela qual a informação “uma escadaria específica (não) saiu do papel” pode ser inferida.

Resta analisar, agora, por que uma pseudoclivada não é adequada nesse contexto. Vejamos como funcionaria o mesmo contexto, mas com uma pseudoclivada em seu lugar (a baixa aceitabilidade é indicada com o sinal ??):

(99)

?? Quando a sonhada escadaria do Beco da Associação, na Vila Augusta Meneguini, em Viamão, saiu do papel não foi em 2007. A reivindicação da camareira Clarice de Fátima Flores de Souza, 43 anos, mostrada em junho e novembro deste ano, ainda não foi atendida.

Como vemos, ela não é possível; mas a razão pode ser uma mera incompatibilidade entre o pronome “quando” (um advérbio) com a posição de sujeito (um DP). Podemos, entretanto, “forçar” uma modificação na sentença, de modo que essa incompatibilidade, de ordem sintática, desapareça, o que acontece se substituirmos o pronome por um NP, como vemos no exemplo a seguir (talvez não tenhamos nele uma pseudoclivada *de fato*, pelo menos não do modo como são normalmente definidas. Mas se realizamos as modificações necessárias, em que a O.C. deve estar à esquerda, vemos que a construção é mais adequada).

(100)

?? O momento / o ano em que a sonhada escadaria do Beco da Associação, na Vila Augusta Meneguini, em Viamão, saiu do papel não foi em 2007. A reivindicação da camareira Clarice de Fátima Flores de Souza, 43 anos, mostrada em junho e novembro deste ano, ainda não foi atendida.

Embora melhor, ela ainda não é tão adequada quanto a pseudoclivada. Se realizarmos modificações no contexto, criando um antecedente para a O.C., notamos que há uma melhora considerável:

(101)

“A camareira Clarice de Fátima Flores de Souza, 43 anos, espera desde 2005 a construção de uma escadaria em frente à sua casa, em Viamão. Por duas vezes a prefeitura prometeu a construção, e em novembro do ano passado afirmaram que iriam iniciar um estudo. Em junho e novembro deste ano, uma reportagem do Diário Gaúcho mostrou as dificuldades que os moradores da Beco da Associação enfrentam, e Clarice acreditou que a construção enfim iniciaria. Mas infelizmente **o momento em que a sonhada escadaria [do Beco da Associação, na Vila Augusta Meneguini,] saiu do papel não foi em 2007**. E, ao que parece, não o será nem neste 2008.”

O problema com a pseudoclivada em abertura de discurso parece estar no fato de que ela presume que o conteúdo da O.C. deve ser o “assunto” da frase, portanto um referente ativo. Com a reconstrução do texto, esse problema parece se resolver: as sentenças que precedem a pseudoclivada fazem do C.C. e da O.C. material inferível, isto é, velho no discurso.

Além disso, note-se que a pseudoclivada fica melhor quando a informação entre colchetes é omitida. Isto provavelmente se deve em virtude de ela estar ativa no contexto. Na clivada canônica em abertura de discurso, a informação é necessária porque nessa posição é pertinente – sem ela, a clivada canônica não é possível:

(102)

?? Não foi em 2007 que a sonhada escadaria saiu do papel. A reivindicação da camareira Clarice de Fátima Flores de Souza, 43 anos, mostrada em junho e novembro deste ano, ainda não foi atendida.

Disso, é possível concluir que, se há de fato um requisito de “ativação” para o material introduzido pela O.C. de uma pseudoclivada, será mais difícil encontrá-las em abertura de discurso, a não ser que, nessa posição, seja possível atribuir à O.C. esse status. E, além disso, se a pseudoclivada sem pronome-QU como núcleo, como em (101), de fato

puder ser equiparada a uma pseudoclivada “normal”, parece que ela precisa ter um referente ativo no discurso.

Há, ainda, mais uma observação a ser feita. Neste caso, mesmo com todas as modificações, a pseudoclivada não é tão adequada quanto a clivada canônica. E isso pode ocorrer em razão de a O.C. ter sido movida para uma posição de sujeito, em que parece estar de fora do escopo da negação. Nesse caso, ela presume que *houve* um momento em que a escadaria do Beco da Associação saiu do papel. Mas, como vimos, o texto informa justamente que não foi isso que ocorreu.

Note-se que, como a pseudoclivada tira a O.C. do escopo da negação, ela passa a ter uma pressuposição de existência, que é inadequada ao contexto. De acordo com Menuzzi (comunicação pessoal), esse é um problema conhecido das expressões definidas, em que uma frase como (a) no exemplo a seguir é pior que (b) porque nela “o rei da França” está na posição de sujeito, o que parece favorecer inferência de que *há* um rei da França.

(103)

- a. ?? O rei da França não foi visto pelo Paulo em Paris.
- b. Paulo não viu o rei da França em Paris.

Vejamos agora um outro exemplo de clivada canônica em abertura de discurso.

(104)

[sem título]

É nos bastidores, não só no campo, que Alex trabalha forte para ter condições de brigar por uma vaga na Seleção de Dunga. Depois de diversas lesões musculares e nas articulações (joelhos e tornozelos) entre 2003 e 2006, o jogador revelou que aprendeu a cuidar do corpo.

– Cumpro uma rotina de trabalho para fortalecer a musculatura. Desde março de 2007 não me machuco – vibra Alex.

Supondo-se que este é um texto de esportes da seção do jornal voltada a quem acompanha diariamente futebol e, provavelmente, é torcedor do time em questão, pode-se considerar que o conteúdo da O.C. é *familiar*: leitores deste tipo de texto sabem que

jogadores que se destacam têm como um de seus objetivos chegar à seleção, e que trabalham para isso em alguma circunstância.

No caso do C.C., ele foi interpretado como da categoria com *identificação única*; seguindo-se o protocolo da Hierarquia de Dadidade-Novidade, em que, em Hedberg e Fadden (2007), ele é *informativo*. Entretanto, vemos que é possível considerar que, em certa medida, esse mesmo leitor sabe, pelo conhecimento geral que tem de futebol, que o lugar onde um jogador “trabalha” é “no campo”, e sabe que o futebol tem seus “bastidores” – onde são os agentes, os treinadores, os cartolas etc. “trabalham” para levar esses jogadores à seleção.

O leitor desse tipo de texto muito provavelmente tem em mente, ou acomoda facilmente, a informação de que um jogador destacado, Alex, queria chegar à seleção e trabalhava para isso “no campo” – é o que esse leitor espera de um atleta como Alex naquele momento, no Inter. O que a clivada faz nesse caso é assertar que esta expectativa não está totalmente correta: não é só no campo que ele trabalha para brigar por uma vaga na seleção de Dunga, mas no campo *e nos bastidores*. Novamente, é um caso em que uma clivada canônica é usada adequadamente em posição inicial porque serve para informar ao leitor que uma expectativa que ele tem *não* está (totalmente) correta. Aqui, o C.C. inclui “nos bastidores” porque é justamente a informação que precisa ser corrigida – espera-se que o campo seja o lugar principal para uma briga por uma vaga na seleção, mas, como ficamos sabendo no decorrer do texto, no caso de Alex ele também precisa contar com os bastidores. Ou seja: essa clivada tem uma função contrastiva, embora não seja contraste no sentido de “exclusão de uma alternativa”, mas antes de inclusão dela (ver Teixeira e Menuzzi, 2014).

Novamente, podemos modificar a sentença, na tentativa de deixá-la o mais próximo possível de uma pseudoclivada:

(105)

[sem título]

?? O lugar onde Alex trabalha forte para ter condições de brigar por uma vaga na Seleção de Dunga é nos bastidores, e não só no campo. Depois de diversas lesões musculares e nas articulações (joelhos e tornozelos) entre 2003 e 2006, o jogador revelou que aprendeu a cuidar do corpo.

Como vemos, a construção não funciona. Podemos, ainda, realizar mais modificações, adicionando material que faça da O.C. um material “ativo”:

(106)

Depois de diversas lesões musculares e nas articulações (joelhos e tornozelos) entre 2003 e 2006, o jogador Alex revelou que aprendeu a cuidar do corpo. O atleta é frequentemente visto fazendo diversos exercícios ao ar livre, mas ?? **o lugar onde Alex trabalha forte para ter condições de brigar por uma vaga na Seleção de Dunga não é só no campo, mas também nos bastidores.** Com uma equipe médica de ponta, o jogador tem demonstrado resultados animadores.

A sentença ainda não é totalmente boa. E isso pode ocorrer, novamente, porque a pseudoclivada desse contexto veicula uma pressuposição de unicidade: ela desencadeia uma inferência de que os bastidores são o único lugar onde Alex trabalha para conseguir uma vaga na seleção. Se considerarmos que o material da construção é um referente ativo, ele deve ser identificável, isto é único. Se um referente ativo carrega uma pressuposição de unicidade, no caso do texto ela é incompatível com as finalidades do autor.

Vejamos mais um exemplo:

(107)

Hora da folia

É com esse visual que Amara (Mara Manzan) entrará na avenida para desfilar pela Nascidos na Portelinha em Duas Caras. Ela até que tenta convencer o marido, Bernardo (Nuno Leal Maia), a acompanhá-la na Sapucaí, mas ele rejeita o convite depois de descobrir que a sua família está sendo sustentada com o dinheiro que Antônio (Otávio Augusto) dá para Amara, por causa de uma chantagem.

Neste exemplo, a O.C. foi interpretada como *familiar*, pois trata-se de uma sinopse de telenovela, que o leitor de um jornal popular provavelmente acompanha. O C.C., por sua vez, foi interpretado como *ativado*, pois contém um pronome demonstrativo dêitico,

que indica uma imagem (frequentemente, esse tipo de texto é acompanhado de uma imagem no jornal Diário Gaúcho). Levando-se em consideração a distinção *novo/velho na mente* do ouvinte, não há nada de novo na informação veiculada pela clivada canônica. Nova mesmo é a *identificação* de qual visual a personagem Amara vai efetivamente usar.

Com relação à possibilidade de transformar a clivada canônica em uma pseudoclivada, podemos ter a seguinte sentença:

(108)

Hora da folia

?? O modo como Amara (Mara Manzan) entrará na avenida para desfilar pela Nascidos na Portelinha em Duas Caras será com esse visual. Ela até que tenta convencer o marido, Bernardo (Nuno Leal Maia), a acompanhá-la na Sapucaí, mas ele rejeita o convite depois de descobrir que a sua família está sendo sustentada com o dinheiro que Antônio (Otávio Augusto) dá para Amara, por causa de uma chantagem.

A sentença é ruim, especialmente em razão do sintagma “esse visual”, que parece pedir mais material. Poderemos modificá-la novamente, fazendo o máximo para que a sentença fique adequada:

(109)

? O modo como Amara (Mara Manzan) entrará na avenida para desfilar pela Nascidos na Portelinha em Duas Caras será com esse visual que aparece aí do lado. Ela até que tenta convencer o marido, Bernardo (Nuno Leal Maia), a acompanhá-la na Sapucaí, mas ele rejeita o convite depois de descobrir que a sua família está sendo sustentada com o dinheiro que Antônio (Otávio Augusto) dá para Amara, por causa de uma chantagem.

A sentença, agora, soa melhor, mas ainda não é completamente adequada. Se fizermos da O.C. material previamente *ativado*, vemos que sua aceitabilidade melhora significativamente:

(110)

No capítulo de hoje de “Duas Caras”, Amara (Mara Manzan) vai estar animadíssima com seu desfile na Sapucaí, e vai experimentar sua nova fantasia de carnaval. **? O modo como Amara (Mara Manzan) entrará na avenida para desfilarm pela Nascidos na Portelinha [em Duas Caras] será com esse visual que aparece aí do lado.** Ela até que tenta convencer o marido, Bernardo (Nuno Leal Maia), a acompanhá-la na Sapucaí, mas ele rejeita o convite depois de descobrir que a sua família está sendo sustentada com o dinheiro que Antônio (Otávio Augusto) dá para Amara, por causa de uma chantagem.

Note-se que em (111) a clivada soa melhor se o C.C. “em Duas Caras” for deletado, muito provavelmente porque é conteúdo desnecessário no contexto. Ainda assim, ela não fica completamente boa – novamente, parece haver um requisito de unicidade, que fica evidente se adicionarmos ao contexto informação que indique “contra-expectativa”:

(111)

No capítulo de hoje de “Duas Caras”, Amara (Mara Manzan) vai estar animadíssima com seu desfile na Sapucaí, e vai experimentar a sua nova fantasia de carnaval. **Mas o modo como ela entrará na avenida para desfilarm pela Nascidos na Portelinha será com esse visual que aparece aí do lado.** Depois de descobrir que a sua família está sendo sustentada com o dinheiro que Antônio (Otávio Augusto) dá para Amara, por causa de uma chantagem, o marido Bernardo (Nuno Leal Maia) vai rasgar com uma tesoura toda a sua fantasia de carnaval.

Em (111), a presença da conjunção adversativa “mas” introduzida pela clivada gera uma contra-expectativa: o visual de Amara não será aquele que deve deixá-la animada para desfilarm na Sapucaí (o que deixamos explícito no contexto subsequente, pelo qual se fica sabendo que o marido Bernardo irá rasgar sua fantasia). Note-se que nesse caso não há uma incompatibilidade entre a pressuposição veiculada pela pseudoclivada e pelas intenções do autor: sabemos que Amara vai desfilarm pela Sapucaí com um único visual, que antes da clivada é o que a deixava animada, mas que, ficamos sabendo, não

aquele que ela espera. Além disso, vemos, novamente, que há uma ideia de *contraste*, que é “*implícito*”.

Em resumo, esses exemplos de clivadas canônicas em abertura de discurso envolvem uma expectativa, em todos eles levantada por algo que o autor supõe serem de conhecimento do leitor – ou ao menos supõe ser razoável esperar isso do leitor típico desses textos. Nos textos discutidos, o uso de uma pseudoclivada parece pedir uma pressuposição de unicidade para fique bom – o que não acontece nos casos em que a clivada canônica está sob o escopo da negação, nem quando ela entra em conflito com as expectativas do autor.

Esse é um dado interessante, pois indica que, com em relação à sua pressuposição, as pseudoclivadas parecem ter uma restrição maior do que a das clivadas canônicas, que parecem exigir apenas uma pressuposição existencial (MORETTO, 2016; MORETTO; MENUZZI, 2018).

Notamos também que a interpretação do tipo de informação que é veiculada pela clivada canônica depende das intenções do autor, ou melhor, da representação do leitor que ele tem em mente. Em todos os exemplos em que consideramos que a informação é *familiar* eles podem, também, ser interpretados como *informativos* – no caso, por exemplo, de um leitor que não acompanha novelas ou futebol, que mesmo assim é capaz de julgar as clivadas canônicas como bem formadas.

Isso não é incompatível com a teoria de Prince (1978), pois, como ela mesma diz, a pressuposição informativa veicula informação que é “de conhecimento do autor e de algumas pessoas, mas não necessariamente do ouvinte”. Para esse ouvinte/leitor específico, que a interpreta como informativa, a informação, portanto, é acomodada – nos nossos casos, muito facilmente acomodadas, pois fazem parte de seções específicas de jornais, e dizem respeito a universos que são de conhecimento geral dos brasileiros.

Por fim, note-se que nos dois primeiros exemplos – da escadaria e do jogador de futebol Alex – a informação *nova*, isto é, a contra-expectativa que é assertada, tende a ocorrer no contexto subsequente. No primeiro exemplo, menciona-se, ao longo da notícia, os vários momentos em que a escadaria não foi construída: desde o momento em que Clarice pediu a retirada das pedras até as promessas feitas pela prefeitura. No segundo exemplo, elabora-se a ideia de que Alex trabalha “fora do campo”, ao cuidar da própria condição física. São casos em que o conteúdo do C.C. e da O.C. persistem no contexto subsequente. Ou seja, as clivadas estão sendo utilizadas não para apresentar mero material

de *background*, mas para introduzir um tema que será desenvolvido. Num certo sentido, elas antecipam, numa síntese, o que será desenvolvido.

No terceiro caso, de Amara e seu desfile de carnaval, é possível afirmar que é o conteúdo da O.C. que mais facilmente motiva a continuação do discurso – no caso, reitera-se que marido não quer acompanhar Amara no desfile de carnaval. Não se enfatiza *como* ela desfilará.

Há, portanto, há duas possibilidades de uso das clivadas canônicas: (i) em abertura de discurso, é a asserção da clivada (isto é, a relação de identidade estabelecida entre o C.C. e a O.C.) que contribui para a progressão do discurso, pois é essa a informação realmente nova; (ii) o autor pode usar essa construção para ligar alguma informação de *background* à informação sobre a qual ele quer discorrer, como um mecanismo com o qual mais facilmente chama a atenção do leitor para ela.

Além dos dados mostrarem que clivadas canônicas são mais fáceis de ocorrer em abertura de discurso – o que fica evidente por veicularem material *novo-novo* e clivarem adjuntos adverbiais –, temos, então, que (i) elas são usadas para levantarem “expectativas”, cuja progressão recai sobre a asserção de identidade ou algum elemento ligado a uma informação *background*; (ii) que a interpretação de um dado ponto na escala de hierarquia de novidade depende não somente da informação que o leitor tem em sua mente, mas da correta identificação do tipo de leitor que *o autor* tem em mente; (iii) que pseudoclivadas têm a si associadas uma pressuposição de unicidade.

Na próxima seção, serão analisados os casos de pseudoclivadas em abertura de discurso. Embora poucos, eles suscitam uma questão importante: se, como vimos, pseudoclivadas parecem realmente ter associadas a si um nível mais alto de ativação, como podem essas construções ser usadas em abertura de discurso?

7.2 Pseudoclivadas em abertura de discurso

Com relação às pseudoclivadas em abertura de discurso, os dados indicam que são mais difíceis de serem encontradas nessa posição. Lembremo-nos que é o que se pode prever, em virtude de a O.C. ser um *tema/tópico* e não veicular uma pressuposição informativa – e os dados convergem com essa ideia, pois foram encontrados somente 5 ocorrências em 100. Entretanto, ainda fica um questionamento: nessas ocorrências, que tipo de informação a pseudoclivada veicula?

Como vimos no primeiro capítulo, Declerck (1982) aponta a ocorrência de pseudoclivadas em abertura de discurso como um contra-argumento à análise de Prince (1978). Mas vimos também que o argumento não é correto, por duas razões: em primeiro lugar, a própria autora reconhece que as pseudoclivadas podem sim ser encontradas nessa posição; ela oferece uma sugestão de análise compatível com a hipótese de que, em regra, a O.C. das pseudoclivadas é material que o falante supõe estar na consciência do ouvinte, mas apresenta uma ocorrência que abre um texto acadêmico – “O que definimos como nosso objetivo é...” –, justificando que nesse caso a O.C. é o tema porque o leitor de textos acadêmicos sabe que seus autores têm objetivos⁹⁷. Em segundo lugar, as ocorrências que Declerck (1982) apresenta são de pseudoclivadas invertidas, um tipo que não é estudado por Prince (1978).

Entretanto, como explicar ocorrências como a do caso a seguir, em que a O.C., contendo a informação “o aposentado Anselmo Jorge Winck Soares”, é *informativa*?

(112)

[Título: Sem data, nada de remédio]

O que o aposentado Anselmo Jorge Winck Soares, 54 anos, do Bairro Hípica, em Porto Alegre, não quer é ver seu irmão, José Alex Winck Soares, 39 anos, preso a uma cama. Anselmo é quem cuida de José que, desde junho de 2006, após um acidente, tem um coágulo no cérebro. Para evitar convulsões e derrames como os que José já sofreu, ele precisa de quatro comprimidos diários de Carbamazepina 200mg (anticonvulsivo). No entanto, este mês José ficará sem o remédio devido à burocracia. Nas consultas semestrais no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, ele recebe receitas para a medicação até o próximo encontro. No ano passado, em diferentes datas o medicamento estava em falta no Centro de Saúde Modelo e Anselmo teve que comprá-la.

É um caso bastante similar ao seguinte:

⁹⁷ Na leitura deste exemplo, é possível, inclusive, que o exemplo seja ruim nesse contexto – mas isso apenas reforça a hipótese de Prince (1978), de que é difícil encontrar pseudoclivadas nesse contexto.

(113)

[sem título]

O que o corretor de imóveis Samir Cafruni, 23 anos, quer é trocar o protocolo de reclamação que fez no Departamento Médico Legal pelo laudo da necropsia do falecido pai de sua noiva. E essa espera já dura mais de 70 dias. O motorista Neri Gonçalves de Souza faleceu em 16 de dezembro de 2007, em uma tentativa de assalto ao ônibus que dirigia.

Note-se que ambos os exemplos podem ser encaixados no primeiro caso prototípico de pseudoclivadas que encontramos, que envolve a expressão de “desejos”, e ocorrem, quase sempre, com verbos como “desejar” e “querer”. Como discutido, essa categorização sugere que a O.C. de fato contém conteúdo que é compartilhado, sendo uma espécie de “conhecimento universal”: pessoas desejam coisas, sentem coisas, se preocupam com coisas, coisas acontecem etc. E, contendo material que é, no mínimo, *familiar*, depreende-se que ela pode funcionar como um *tópico* na análise de Hedberg (1988, 1990).

A partir dessa constatação, pode-se concluir que a O.C. dos dois exemplos anteriores contém, na verdade, dois tipos de informação: um conteúdo proposicional que é *familiar* – pessoas desejam, querem coisas – e um referente do discurso que é *novo* – “Anselmo Jorge Winck Soares” e “Samir Cafruni”. Note-se, ainda, que em relação a esses referentes *novos*, temos a presença de informações que, excluídas, prejudicam a interpretação das sentenças:

(114)

?? O que Anselmo não quer é ver seu irmão preso a uma cama. Anselmo é quem cuida de José que, desde junho de 2006, após um acidente, tem um coágulo no cérebro.

?? O que Samir Cafruni quer é trocar o protocolo de reclamação que fez no Departamento Médico Legal pelo laudo da necropsia do falecido pai de sua noiva. E essa espera já dura mais de 70 dias.

Nesses casos, há sim a introdução de informação nova na pseudoclivada, mas como um todo ela não é totalmente informativa, pois a O.C. contém informação *familiar*

(os “desejos”) e a informação nova está “ancorada” em dados que facilitam sua interpretação. Essa informação é importante porque retoma uma das dificuldades encontradas na definição de *tópico* apresentada em Hedberg (1988, 1990): trata-se de todo o conteúdo proposicional, é o assunto do discurso ou é um referente? Esse exemplo mostra que tal distinção é importante, porque se considerarmos o conteúdo proposicional da O.C. como um todo, ele não satisfaz o *Princípio de Familiaridade do Tópico*.

Por fim, analisemos mais uma ocorrência.

(115)

[sem título]

Caros leitores, o que tenho para dizer a vocês não é nenhuma novidade. Todos já devem estar cansados de saber que as doenças sexualmente transmissíveis estão por toda a parte. Nesse período de festas carnavalescas, não esqueçam desse detalhe tão importante.

Neste caso, a O.C. veicula informação *nova no discurso*, isto é, *familiar*, pois o leitor sabe que o autor de um texto, obviamente, tem coisas a dizer. O C.C. também foi interpretado como *novo no discurso*, isto é, *catafórico*, pois remete à “não novidade” que é esclarecida no trecho seguinte.

Como já discutido, embora uma informação *familiar* seja tratada em Hedberg e Fadden (2007) como *nova no discurso* (lembramos que na categorização “discurso” está em jogo a introdução de um referente no *discurso corrente*), ela está mais próxima, em certo sentido, de material que é *ativado*. Note-se, ainda, que ela obedece ao *Princípio de Familiaridade do Tópico*, e não contradiz as assunções de Prince (1978), para quem a informação veiculada pela O.C. deve estar “presente na consciente do ouvinte *cooperativo*”.

Em resumo, o que esses exemplos mostram é que a presença de uma pseudoclivada em abertura de discurso não é uma contradição, pois mesmo nesses casos ela veicula alguma informação que faz parte do *common ground* do leitor. Novamente, temos uma forte convergência entre nossos dados e as assunções de Prince (1978) a respeito da distribuição de pseudoclivadas em abertura de discurso.

Retomando as questões norteadoras e as hipóteses sobre a posição inicial, temos o seguinte:

Como a Estrutura Informacional pode explicar a distribuição das pseudoclivadas em abertura de discurso?

Em posição inicial, as pseudoclivadas são do tipo *novo-novo*. Observando-se sua posição na hierarquia de dadidade-novidade, a O.C. tende a ser material *familiar*, que faz parte do *common ground* e, portanto, tem condições de funcionar como um *tema* ou *tópico*. Quando ela é interpretada como *informativa*, uma observação mais atenta mostra que na realidade ela não é *totalmente* informativa, pois contém material *familiar*, ao qual a informação nova é ancorada.

Consideremos agora a seguinte hipótese:

Será mais difícil encontrar pseudoclivadas em posição inicial, pois elas veiculam o tema/tópico, precisam estar na consciência do ouvinte cooperativo/obedecer ao Princípio de Familiaridade do Tópico (PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990) e, portanto, não estão geralmente associadas à pressuposição informativa.

A hipótese, a princípio, se confirma, pois poucos casos foram encontrados nessa posição. Além disso, neles não há clivagem de adjuntos adverbiais, como nas clivadas canônicas – uma característica das *IP-clefts* –, e a O.C. é, na maioria dos casos, material *familiar*, e não *informativo*. Quando é *informativo* – quando introduz um referente novo – contém, na verdade, informação *familiar* – o conteúdo proposicional –, ao qual uma informação nova é ancorada.

A seguir, são apresentados os casos prototípicos de clivadas canônicas em final de discurso.

7.3 Clivadas canônicas em fim de discurso

Com relação à posição final, a análise quantitativa dos dados confirmou as hipóteses em parte. Por um lado, o número de clivadas canônicas em posição final não foi tão significativo quanto esperado. Por outro, o C.C. dessa posição costuma ser *velho no discurso*, o que intuitivamente converge com a função de “finalização” (ANDRADE, 2019).

Essa função pode ser analisada no seguinte caso prototípico:

(116)

[Título: Reações]

Às vezes me vejo pensando naquelas pessoas que reclamam de tudo na vida. Principalmente quando leio ou vejo histórias como essas da reportagem aí ao lado. Me explico. A forma mais fácil de reagir às barreiras que a vida nos coloca e, talvez, a primeira reação ao se encontrar uma dificuldade é reclamar. Tudo bem se for mesmo apenas a primeira reação. O problema começa quando a reclamação se sobrepõe a todo o resto que é possível fazer. Tem gente que ao menor tropeço, desata um rosário de queixas, colocando a culpa nos outros e acaba não se reerguendo.

Exemplos

Digo isso porque acredito que barreiras e dificuldades foram feitas para serem transpostas. As histórias de Merocildo, Matheus e Michele e sua filha Chrysley Vitória são exemplos a serem seguidos. Acho que a primeira reação deles e de seus parentes foi a de reclamar. Mas também creio que depois vieram outras. **E foram essas outras respostas à tragédia que atingiu cada um que possibilitaram a virada na vida e a superação dessas dificuldades.**

Nesse exemplo, o conteúdo do C.C., “essas outras respostas à tragédia que atingiu cada um”, está relacionado à sentença anterior, “mas depois vieram outras”, em que “outras” se refere à atitude de Merocildo, Matheus, Michele e Chrysley Vitória frente a uma situação difícil. Presumimos que há uma reportagem anterior a este texto, que relata alguma grande dificuldade vivida por eles, e para a qual houve uma resposta. Note-se que essa resposta é enfatizada ao longo do texto, pelos itens lexicais “reagir” e o sintagma “o problema começa quando a reclamação se sobrepõe a todo o resto que é possível fazer”. Ou seja, o C.C. retoma as respostas dadas à tragédia vivida por Merocildo, Matheus, Michele e Chrysley Vitória e é *ativado*.

Além disso, também sabemos que essas pessoas superaram dificuldades – informação que é veiculada pela O.C. Essa informação está presente em uma sentença precedente, que diz que “o exemplo deles deve ser seguido” – e, muito provavelmente, também está na mente do leitor desde a reportagem anterior, reafirmando que eles “deram

uma virada na vida” e “superaram as dificuldades”. Ou seja, levando em consideração o fato de estar vinculada a conteúdo proposicional que aparece antes no texto, a O.C. pode ser *recentemente ativada*.

Ressaltamos que ambas a informação veiculada pelo C.C. e pela O.C. estão presentes ao longo do texto. O autor discorre sobre a atitude mais adequada para enfrentar situações difíceis, criticando aqueles que apenas “reclamam”. Por fim, apresenta qual é a atitude correta, afirmando que “barreiras e dificuldades foram feitas para serem transpostas”, e usando a situação de Merocildo, Matheus, Michele e Chrysley Vitória como exemplos.

É interessante observar que antes da introdução da clivada o leitor já é capaz de concluir que tipo de atitude permite “virar na vida” e “superar dificuldades”. Mas parece que há a necessidade de que essa informação seja mais claramente enfatizada. A nosso ver, a função da clivada canônica é justamente essa: reafirmar/confirmar uma conclusão – à qual o leitor provavelmente já chegou.

Isso pode ser explicitado quando criamos a QUD do exemplo:

(117)

Digo isso porque acredito que barreiras e dificuldades foram feitas para serem transpostas.

Q1: Que exemplos você pode dar?

As histórias de Merocildo, Matheus e Michele e sua filha Chrysley Vitória são exemplos a serem seguidos.

Q2: Qual foi a primeira reação deles?

Acho que a primeira reação deles e de seus parentes foi a de reclamar.

Q3: O que aconteceu depois?

Mas também creio que depois vieram outras.

Q4: E qual reação permitiu que barreiras e dificuldades fossem transpostas?

E foram essas outras respostas à tragédia que atingiu cada um que possibilitaram a virada na vida e a superação dessas dificuldades.

Como vemos, na QUD4 “alguma reação permitiu que barreira e dificuldades fossem transpostas” é parte da pergunta, e é o *tópico*. “As respostas que vieram depois”,

por sua vez, é o *comentário*. Ou seja: o texto apresenta dois tipos de reações, “reclamar” e “outras (que não reclamar)”, e identifica “outras” como aquela dos indivíduos da reportagem, que é a favorecida pelo autor. Note-se, novamente, que o leitor provavelmente chega a essa conclusão antes que a clivada canônicas seja enunciada, mas ela parece ser necessária para “explicitar” esse raciocínio.

Esse é o caso típico de clivada canônicas em posição final que se esperava encontrar, pois está claramente relacionado à noção de “finalização” de um segmento temático, expressando uma conclusão através de uma “relação de identidade”.

Há, entretanto, casos em que, embora o C.C. seja *velho no discurso*, a O.C. não é, o que, intuitivamente, parece contradizer a ocorrência anterior. Vejamos o exemplo a seguir:

(118)

[Título: Classificação do Heroísmo]

A noite de ontem ficará gravada na memória dos colorados até o fim dos seus dias. E será lembrada pelos jogadores como um momento mágico das suas biografias. Eles arrancaram, do fundo da alma, uma classificação que parecia impossível. Principalmente depois do gol do Paraná, no início do jogo. Pois até a palavra impossível ficou desmoralizada, com a atuação heroica. Não emprego a palavra somente para valorizar o desempenho de Andrezinho, iluminado, autor de dois gols na vitória por 5 a 1. O heroísmo e a superação foram virtudes que animaram a todos os jogadores. **É por isso que não me canso de exaltar o Colorado, de enfrentar os céticos e os descrentes com a minha empolgação enlouquecida.**

Inicialmente, o C.C. foi interpretado como *ativado*, por ser claramente anafórico, e a O.C. como *informativo*, pelo conteúdo “não me canso de exaltar o Colorado, de enfrentar os céticos e os descrentes” não estar presente na sentença anterior.

Entretanto, a atitude do autor está presente nas sentenças antecedentes, pela forma reiterada como ele exalta o Colorado. O autor afirma, apaixonadamente, que a noite anterior “ficará gravada na memória”, será “lembrada”, que a palavra impossível “ficou desmoralizada”, entre outros. Poderíamos dizer, portanto, que “exaltar o Colorado” está mais próximo de material *ativado*, assim como “enfrentar os céticos e descrentes”, pois

quem acredita que até a palavra “impossível” ficou desmoralizada certamente está enfrentando os que não acreditam.

Assim sendo, mesmo um exemplo originalmente interpretado como *informativo* pode, na verdade, ser de algum modo *velho*, ainda que não totalmente recuperado de modo explícito por uma sentença anterior (o que mostra, mais uma vez, a dificuldade de definir em Hedberg (1988, 1990) se a noção de tópico em Gundel (1985) se refere a um referente tópico ou a um conteúdo proposicional).

Note-se, ainda, que esse exemplo tem uma função de finalização, que “conclui” o segmento de texto do qual faz parte; neste caso, a *razão* de o autor exaltar o Colorado.

Há ainda um outro exemplo, que exhibe uma O.C. *nova no discurso*. Nele, o C.C. foi interpretado como *ativado* e a O.C. como *informativo*.

(119)

[Título: Orgulho]

Gostei muito da reportagem sobre o Nobel da Periferia, que conta a história do marceneiro José Davanir Barth, 69 anos. Sua história me emocionou porque meu pai também esteve lá. Na época, ele nem sonhava que essa história viraria notícia de capa de um jornal depois de tantos anos. Tenho a cópia do diploma dele também. Sim, pois, com muito orgulho, ele deu uma cópia para cada um dos cinco filhos. Em maio fará quatro anos que meu pai faleceu. **É com emoção e orgulho que agradeço por lembrarem deles.**

Note-se que o autor enfatiza que a história o “emocionou”, e que ele tem a cópia de um diploma que foi dada por seu pai com “muito orgulho”. Contudo, aqui o conteúdo veiculado pela O.C., “eu agradeço por lembrarem deles”, não aparece explicitamente nas sentenças precedentes.

É possível entender que *a própria produção do texto* é um agradecimento ao jornal, por ter lembrado do marceneiro José Davanir Barth. Ou seja, aqui a O.C. funciona como um ato de fala, que pode ser entendido, de certo modo, como *ativado*.⁹⁸

⁹⁸ Note-se, entretanto, que a emoção deriva da leitura da história, e o orgulho é um sentimento do pai, e não do autor. Assim, é incompatível com a ideia de que o autor agradece ao jornal *com emoção e orgulho*. A

Note-se que este exemplo não tem exatamente a mesma função dos anteriores. Evidentemente, a clivada canônica finaliza o texto, por ser a última sentença, mas ela não é como os outros dois, em especial como o primeiro, que identifica uma resposta a uma questão previamente levantada. Inclusive, é difícil nesta última ocorrência criar uma QUD em que a clivada canônica funcione como uma “subpergunta”, o que sugere que ela não tem uma função de “finalização” vinculada à hierarquia de QUDs do texto.

Inclusive, o uso em que a O.C. funciona como um ato de fala é atestado pela literatura como uma ocorrência de abertura de discurso – numa situação, por exemplo, em que um palestrante é apresentado: “É com orgulho e alegria que lhes apresento o palestrante de hoje, o professor...” (MENUZZI & ROISENBERG, 2009).

Em resumo, em posição final a clivada de fato parece ter uma função de finalização, o que é explicitado quando construímos sua QUD, em que ela tem como função responder a uma pergunta que persiste em um dado segmento de texto. Nesses casos, ela parece estabelecer uma conclusão à qual o leitor é capaz de levantar antes de ela ser enunciada.

Nos casos em que a O.C. foi interpretada como *novo*, há espaço para questionar se a informação é de fato inteiramente nova para o leitor. Ainda que a informação não esteja claramente presente nas sentenças antecedentes, conforme o protocolo de dadidade-novidade, outras informações contextuais ainda podem ser levantadas, associando a informação ao *common ground*, e reforçando as propriedades informacionais mais frequentemente encontradas em segmento textual final (isto é, *velho no discurso*).

Assim, em posição final as clivadas canônicas retomam referentes já levantados pelo discurso. Isso reforça a ideia de que elas estão em distribuição complementar com as clivadas em abertura de discurso, em que a informação é sempre *nova no discurso*.

Ressalte-se, contudo, que nem toda clivada nesta posição parece ter essa função de “conclusão”, vide o exemplo em (119).

De posse dessas informações, retomamos as hipóteses sobre as clivadas canônicas em posição final:

nosso ver, pode ser uma questão de performance, em que o autor quer agradecer ao jornal com emoção e orgulho *pela história* ali relatada.

Se clivadas canônicas têm uma função de “finalizar” trechos do discurso, acreditamos que, além de ser mais provável encontrá-las em posição final, em oposição às pseudoclivadas, ambos o C.C. e a O.C. desses casos serão, provavelmente, ativados.

A hipótese é confirmada em parte. Em primeiro lugar, a maior parte foi encontrada em posição medial, e não final. Em segundo lugar, clivadas canônicas em posição final de fato têm um C.C. que é sempre *velho no discurso*. Além disso, é possível construir uma QUD em que elas parecem ter a função de estabelecer uma conclusão com elementos persistentes no contexto precedente. Não se pode dizer, entretanto, que *toda* clivada canônica em posição final tem a função de “conclusão”, como uma consequência necessária de sua estrutura informacional. Vimos, por exemplo, um caso em que a clivada canônica é um enunciado performativo não necessariamente vinculado à hierarquia de QUDs do trecho que encerra.

Por fim, percebemos que não é tão simples identificar uma informação como *nova* ou *velha* no discurso com base apenas nas sentenças precedentes. Como vimos, é possível que outros fatores contextuais façam com que uma informação aparentemente *nova* esteja mais próxima da noção de *velho*. É claro que apenas confirma o que sabem todos os que estudam a estrutura informacional dos enunciados: que há muita dificuldade de entender como as categorias mais finas da análise informacional (referentes *em foco*, *ativado*, *acessível* etc. e seus correlatos proposicionais) se relacionam com as generalizações mais amplas, normalmente associadas à dicotomia “novo/velho”. Obviamente, este é o caso do status informacional da O.C. das construções clivadas: especialmente no caso das pseudoclivadas, seguindo Prince (1978), há muitas razões para dizer que, em geral, contém material não apenas *velho*, mas mais especificamente “ativo”; no entanto, podem aparecer em abertura de discurso, inclusive introduzindo referentes novos no discurso.

Tendo feito a reanálise das clivadas em posição final, passamos à reconsideração, na próxima seção, das pseudoclivadas em fim de discurso.

7.4 Pseudoclivadas em fim de discurso

Em posição final, a hipótese era de que seria difícil encontrar pseudoclivadas cujo C.C. é [- ativado], em razão de pseudoclivadas desse tipo frequentemente introduzirem

um referente que é retomado pelo contexto subsequente como um tópico (BRAGA, 2009). Da análise quantitativa dos dados, entretanto, vimos que em 6 de 10 ocorrências o C.C. foi interpretado como *novo*. Para esclarecer essa questão, foram colhidos dois casos que pareceram típicos das pseudoclivadas em posição final.

No caso a seguir, a O.C. foi interpretada como *familiar*, e o C.C. foi interpretado como *inferível de proposição ativada* – a partir da visita à redação, pode-se identificar que Jocelyn de Oliveira Capella é um leitor assíduo de “O Diário Gaúcho”. O C.C. é *velho no discurso* e, por estar em posição final, não pode ser retomado pelo contexto subsequente – o que contraria uma das afirmações de Braga (2009), de que nesse caso o referente é *ativado* é retomado no contexto subsequente.

(120)

[Título: visita à redação]

Retribuir a visita. Esse foi o motivo que trouxe o aposentado Jocelyn de Oliveira Capella, 79 anos, à Redação. Já tendo aberto sua vida nas páginas do Diário Gaúcho, o ex-remador relembrou com orgulho suas histórias e suas façanhas desde menino. – Minha vida está bem mais calma do que naquela época, **o que não mudou é minha leitura do Diário Gaúcho todos os dias – enfatizou Jocelyn.**

Na ocorrência a seguir, a pseudoclivada foi analisada na categoria *novo-novo no discurso*. “Alguma coisa falta para Roth” é *familiar*, e, inicialmente, “terminar com essa história de tirar Roger do time” foi analisado como *informativo*. Entretanto, levando-se em consideração o leitor que o autor desse texto tem em mente, é plausível analisar seu conteúdo como *familiar*, pois esse leitor muito provavelmente é torcedor do Grêmio, que está ciente de que Celso Roth pretendia tirar Roger do time.

(121)

[Título: Vitórias]

Mais do que ser líder em pontos do Brasileirão, Celso Roth está dando uma aula de ganhar fora de casa. Em três jogos, ganhou duas. O Grêmio não sabia o que era isto nas mãos de Mano Menezes.

Outra grande vitória do treinador é Marcel. Foi dele o pedido de contratação deste jogador, que é centroavante nato e marcou dois gols na vitória sobre o Goiás. Para mim, só **o que falta para Roth é terminar com esta história de tirar Roger do time, pois lugar de craque é no campo.**

Aqui, retornamos à questão da dificuldade de interpretar um dado elemento como *informativo*. Por um lado, devemos levar em conta o leitor que o autor tem em mente – parece muito claro, neste exemplo, que este texto é destinado a quem acompanha notícias sobre futebol, em especial sobre o time do Grêmio. Por outro lado, um leitor que não têm conhecimento dessas informações – para quem ela é *informativa* – não tem grandes dificuldades de interpretar a sentença, e ela não deixa de ser menos aceitável em razão disso.

Se supusermos que o C.C. é *familiar*, temos que, mesmo sendo *novo no discurso*, ele faz parte do *common ground* do leitor, e não é surpreendente que esta pseudoclivada esteja em posição final. Contudo, também é possível interpretá-lo como *informativo* – mais uma vez, para Prince (1978), uma pressuposição informativa corresponde a uma proposição que é uma pressuposição *no nível lógico-semântico*, isto é, informação *dada*, mas no *nível discursivo* é explorada para veicular efeitos retóricos particulares; nesse caso, veicular uma informação que é de conhecimento do autor, e de algumas pessoas, mas não de todas.

Partindo dessa análise, temos aqui um caso em que o C.C. da pseudoclivada é [-ativado], mas seu conteúdo não é retomado pelo contexto subsequente, como Braga (2009) havia encontrado em seus dados – afinal de contas, ele está em posição final.

Como, então, a analisamos? Partindo do princípio de que a O.C. de uma pseudoclivada é sempre um “assunto”, se fizermos a QUD desse exemplo temos que a O.C. corresponde ao material disposto na QUD, e o C.C. é a resposta a ela.

(121 – QUD)

Q1: O que falta para Roth?

[o que falta para Roth] é terminar com esta história de tirar Roger do time [...]

Se a O.C. da pseudoclivada sempre introduz um tópico, e o C.C. é o comentário, o autor tem condições de continuar o discurso se desejar; nesse caso, provavelmente o

C.C. seria o tópico – isto é, intuitivamente nos parece natural que o texto passasse a discorrer sobre o C.C.

Note-se que essa afirmação não contradiz Braga (2009). Na verdade, os exemplos analisados indicam que a conclusão deve ser: uma pseudoclivada com constituinte [-ativado] provavelmente é o tópico do contexto subsequente – quando há, obviamente, um contexto subsequente.

É importante considerar, aqui, a questão do gênero textual: Braga (2009), assim como Andrade (2019), analisa dados de construções clivadas retirados de um corpus de língua falada, ao passo que o corpus desse trabalho, assim como o de Aleixo (2015), refere-se a dados de *língua escrita* – mais especificamente, do português escrito *popular* (PASQUALINI, 2014). A questão do gênero é uma consideração importante, pois refere-se às pré-condições de produção de um enunciado; isto é, o leitor de um certo gênero textual aborda esse gênero levando em consideração os elementos envolvidos em sua condição de produção. Isso é importante porque essas pré-condições determinarão os elementos que estarão *ativos* no contexto. Uma *IP-cleft*, por exemplo, deve ser mais abundante em textos do nosso corpus do que nos de Andrade (2019) e Braga (2009), e pode ser o caso de que as pseudoclivadas encontradas no corpus de Braga (2009) tenham uma função mais específica naquele contexto, em que sinaliza a abertura de um *subtópico* e a continuidade de um segmento textual.

Portanto, a *situação de comunicação* – como já havia sido percebido por Prince (1978) – é também responsável pelas condições que mais facilmente propiciam usos específicos das construções clivadas.

Tendo analisado as clivadas e as pseudoclivadas em posição final, resta agora analisá-las em posição medial.

7.5 Clivadas canônicas em meio de discurso

Na avaliação das hipóteses, foi sugerido que a ocorrência de diversos padrões de *dadidade-novidade* em posição medial poderia indicar a abertura ou finalização de um segmento temático. Uma clivada canônica com pressuposição informativa, por exemplo, poderia indicar a abertura de um novo segmento temático do texto, ao passo que uma clivada canônica cujos constituintes fossem *velhos no discurso* poderia indicar a finalização de um segmento. A maior ocorrência do padrão *velho-novo*, por sua vez, sugere uma possível função de “transição” dentro de um dado segmento – o material *velho*

servindo de conexão com o segmento que se encerra, e o material *novo* sendo “dinâmico”, isto é, impulsionando o texto para um novo desenvolvimento temático.

Para verificar a função conclusiva de uma clivada canônica medial, podemos analisar o exemplo a seguir:

(122)

[Título: Atletas no WE]

Para quem tem dúvidas sobre como comprar atletas no modo Master League do Winning Eleven (ou PES 2008), aí vão algumas dicas do especialista em games Leo Prosopopeio Cardoso.

Só há duas épocas para fazer contratações: no meio e no final do campeonato.

Nos períodos em que o mercado está aberto para a compra de jogadores, não ocorrem partidas. Esses intervalos duram cerca de cinco semanas.

É neste momento que o jogador deve fazer a oferta a outros times. Também é a época de colocar os seus atletas à venda.

Para comprar, vá em Search. Para vender jogadores, entre em My Team e coloque quem você quiser à disposição. Mas atenção às compras: não há nada que o impeça de adquirir o total de salários maior do que seus fundos, mas você não poderá chegar ao final do ano sem dinheiro para pagar os jogadores. Senão, game over, meu amigo.

Note-se que essa ocorrência é bastante similar às categorizadas como *velho-velho* em posição final, em que tanto a informação do C.C. como a informação da O.C. são reiteradas desde o início do texto: o autor menciona que “há duas épocas para fazer contratações” e fala em “períodos em que o mercado está aberto”, que dura “cerca de cinco semanas”. Todos esses elementos remetem a “momento”, que é a informação veiculada pelo C.C. A ideia de que “o jogador deve fazer uma oferta”, veiculada pela O.C., é retomada pela primeira sentença do texto, que introduz o sintagma “como comprar atletas no modo Master League do PES 2009”, e pode ser inferido a partir de “fazer contratações” e “mercado está aberto”.

Mais uma vez, o leitor é capaz de concluir *quando* ele deve fazer a compra de atletas, antes mesmo de a clivada canônica ser enunciada. Mas ela é necessária, para “confirmar” essa conclusão.

Note-se que a ideia geral do texto é responder à pergunta “como comprar atletas no modo Master League do PES 2008”, e o texto se divide em duas partes: na primeira, em relação ao *momento* em que isso deve ser feito, e na segunda, *como* isso deve ser feito no jogo. A função da clivada nesse trecho é finalizar o primeiro segmento do texto, que responde à pergunta “quando a contratação deve ser feita”. Uma análise QUD desse texto seria algo como a seguinte:

(123)

Para quem tem dúvidas sobre como comprar atletas no modo Master League do Winning Eleven (ou PES 2008), aí vão algumas dicas do especialista em games Leo Prosopopeio Cardoso.

Q1: Quando a compra pode ser feita?

A1: Só há duas épocas para fazer contratações: no meio e no final do campeonato. Nos períodos em que o mercado está aberto para a compra de jogadores, não ocorrem partidas. Esses intervalos duram cerca de cinco semanas.

É neste momento que o jogador deve fazer a oferta a outros times. Também é a época de colocar os seus atletas à venda.

Q2: Como a compra deve ser feita?

A2: Para comprar, vá em Search. Para vender jogadores, entre em My Team e coloque quem você quiser à disposição. Mas atenção às compras: não há nada que o impeça de adquirir o total de salários maior do que seus fundos, mas você não poderá chegar ao final do ano sem dinheiro para pagar os jogadores. Senão, game over, meu amigo.

Este exemplo demonstra que em posição medial a clivada canônica tem uma função de conclusão, e permite identificar o fim de um segmento textual. Novamente, a explicação para essa função estaria (i) na Estrutura Informacional da clivada, que nesse caso é *velho-velho*, e (ii) na propriedade de “identificação” da construção, isto é, na “relação de identidade”, que consiste na identificação de um “valor” (o C.C.) em uma variável (a O.C.).

Poderíamos nos perguntar se a mesma função das clivadas canônicas em abertura de discurso pode ser encontrada em meio de discurso – isto é, a função de “abertura”, mas agora não de texto, e sim de um novo segmento temático do texto. No exemplo a seguir, temos uma clivada canônica que é do tipo *novo-novo*.

(124)

[Título: Nathanael responde]

1) VIRGÍNIA – Nasci em 18/12/1985, e o meu namorado, em 25/11/1986. Estou atraída por um colega de faculdade, de 1º/4/1982. Com qual deles tenho mais chances de viver uma relação duradoura?

RESPOSTA: o relacionamento com o seu namorado pode ser visto como uma concorrência, em que ambos tentarão mostrar quem é o mais forte. **Mas são os defeitos que se sobressaem, podendo levar a um rompimento sem volta.** Com o seu colega, existem pontos em comum: compreensão e desejo de estar perto. Isto, sim, levará vocês a fazerem descobertas fascinantes!

Neste exemplo, o C.C. foi identificado como *informativo*, e a O.C. como *familiar* – defeitos é informação nova, uma *identificação de tipo* na hierarquia de dadidade-novidade original. “Algo se sobressai”, por sua vez, foi interpretado como *familiar*, pressupondo que se trata de conhecimento compartilhado (é de conhecimento geral que “coisas se sobressaem”).

Contudo, não se pode dizer que esse exemplo seja similar à de uma clivada canônica em abertura de discurso. Essa clivada canônica, como um todo, parece ser dependente da sentença precedente – isto é, as clivadas canônicas encontradas em abertura de discurso, por veicularem um *background* que situa o leitor em relação a uma dada informação, funcionam como uma mudança de tópico “mais enfática”, como aquelas que ocorrem em Kuppevelt (1995) quando uma pergunta é satisfatoriamente respondida. Claramente, não é isso que acontece aqui, pois o autor utiliza a clivada para exemplificar porque o relacionamento atual de Virgínia provavelmente não dará certo. Em resumo, a clivada está subordinada à sentença antecedente, objetivando esclarecê-la, e não abrindo um novo segmento textual.

Um outro exemplo em que a O.C. da clivada canônica foi interpretada como *nova* é o seguinte:

(125)

[Título: Páscoa Doce]

Colorado comprova a força do grupo e garante liderança

RESUMO DA NOTÍCIA

Apesar dos desfalques, Inter vence o Veranópolis por 3 a 1 e confirma a primeira colocação do Grupo 2. Adriano e Gil são os destaques da partida

Com cinco reservas no time, o Inter venceu o Veranópolis com facilidade, ontem, por 3 a 1, comprovando a qualidade do grupo colorado. Para o time de Abel Braga, foi uma revanche. Em 2007, o time de Veranópolis havia desclassificado a equipe da Capital. **Ontem, foi o Inter que acabou com as chances de classificação do time de Gilmar Dal Pozzo.** Com uma rodada de antecedência, o Colorado garantiu a primeira colocação do Grupo 2, já que o Inter-SM empatou com o Juventude. Agora, na quarta-feira, o Inter apenas cumpre tabela contra o Coloradinho, no Beira-Rio.

Neste caso, o C.C. é *ativado*. A O.C. foi interpretada, inicialmente, como *informativo*, pois o leitor não necessariamente sabe que as chances de classificação do Veranópolis terminaram. Apesar de ser possível considerar essa informação *familiar*, tendo em vista quem acompanha notícias de futebol, mantemos nossa opção pela categoria *informativo*.

Como vemos, aqui há também uma função de “finalização”, pois as sentenças anteriores à clivada discorrem sobre a vitória do Inter em confronto com o Veranópolis, e as sentenças subsequentes sobre a posição do Internacional na competição e nos próximos jogos. A função geral da clivada canônica parece ser a de explicar por que o jogo do dia anterior “foi uma revanche”, e nessa interpretação ela funcionaria dentro de um segmento que é um subtópico, como vemos na seguinte análise QUD possível:

(126)

Q1: O que isso significa?

A1: Para o time de Abel Braga, foi uma revanche.

Q2: Por que foi uma revanche?

A2: Em 2007, o time de Veranópolis havia desclassificado a equipe da Capital.

Q3: E por que então foi uma revanche?

Ontem, foi o Inter que acabou com as chances de classificação do time de Gilmar Dal Pozzo.

Estando correta essa interpretação, ou algo similar a ela, temos uma ocorrência em que uma clivada canônica com O.C. *nova no discurso* também tem uma função de finalização. Supondo que o status cognitivo da O.C. é *familiar*, esse dado não surpreende, pois, como já discutido, aquilo que é familiar, por ser parte do *common ground*, está próximo de material *ativado*.

Note-se, por fim, que em nenhum desses casos de clivadas canônicas mediais temos um C.C. com função adverbial. Como vimos, essa parece ser uma característica crucial da clivadas canônicas em abertura de discurso. Como não foi encontrada nenhuma ocorrência desse tipo, não é de surpreender que seja difícil uma clivada canônica em posição medial que indique a abertura de um segmento temático. Talvez, em textos de outros gêneros, como de revistas, ou relatos históricos, seja mais fácil encontrar esse tipo de ocorrência. Por exemplo, em uma pesquisa por *IP-clefts* na ferramenta de busca do Google, encontramos a seguinte ocorrência de uma *IP-cleft* em posição medial, que contém um adverbial na posição de C.C. e uma O.C. cujo conteúdo não se recupera das sentenças precedentes. Note-se que há uma mudança de “assunto” nesse novo segmento textual, que passa a discorrer sobre um novo tipo de arbitragem:

(127)

“A partir do século XII, a Idade Média está repleta de casos de arbitragem, entre cavaleiros, entre barões, entre proprietários feudais, e entre soberanos distintos. A guisa de exemplos citem-se, em 1264, São Luiz, rei de França, exerceu o papel de árbitro entre Henrique III da Inglaterra e seus barões e, em 1268, entre os condes de Luxemburgo e do Bar; [...]. A linha de Tordesilhas fixada pela bula do Papa Alexandre VI, nada mais foi do que uma decisão arbitral, em que se

dividiriam entre Espanha e Portugal os eventuais descobrimentos no Novo Mundo. Enfim, acentue-se o fato de que, especialmente nas corporações de ofícios e de profissões liberais, onde imperava rígida hierarquia entre os membros, era natural que se buscassem soluções de controvérsias, por meio de recursos que não saíssem do âmbito daquelas comunidades.

Foi na Idade Média que surgiu um novo tipo de arbitragem, a arbitragem comercial: “os comerciantes preferiam aos julgamentos dos tribunais, as decisões de árbitros escolhidos por eles, mais rápidos e mais competentes em matéria comercial. Nas feiras, onde se reuniam comerciantes de várias nacionalidades, funcionavam tribunais arbitrais, que, na verdade, eram mais expeditos que os tribunais judiciários locais, que deveriam, caso a eles se recorresse, aplicar leis estranhas ao foro [...]”

SOARES (1976); p. 172).

Note-se que nesta ocorrência a clivada canônica é utilizada, inclusive, para abrir um novo parágrafo.

Por ora, parece plausível afirmar que clivadas canônicas têm mais frequentemente uma função de conclusão, que identifica encerramentos de (sub)tópicos em posição final e medial.

Tendo discutido as clivadas canônicas em posição medial, partimos para a última análise, a das pseudoclivadas em posição medial.

7.6 Pseudoclivadas em meio de discurso

No que diz respeito às hipóteses sobre a posição medial de pseudoclivadas, os dados quantitativos apontam que é mais fácil encontrar pseudoclivadas em posição medial (foram 85 ocorrências).

Para verificar essa hipótese, foram analisados abaixo dois casos prototípicos em que a pseudoclivada é encontrada em posição medial.

No primeiro, categorizamos a O.C. como *familiar* e o C.C. como *informativo* – ressaltando a possibilidade de analisar o C.C. como *familiar* em virtude da probabilidade de que o leitor desse tipo de texto saiba da posição atual do Internacional.

(128)

[Título: Dubai]

Lá se foi a primeira parte da delegação colorada para os Emirados Árabes Unidos. A excursão inédita, misto de pré-temporada e torneio, pode significar uma nova era com trabalho integrado de futebol e marketing nos nossos clubes. **O que não fecha é o papo de que os jogos serão muito mais preparação do que competição.**

As atitudes são opostas ao discurso, uma pena. Se é para preparar a temporada 2008, seria muito melhor o treinador definir time e esquema em função do grupo, começando a dar cara e jeito à equipe, na busca de um padrão que há muito não se vê no Beira-Rio. Balizar, já no primeiro jogo, a estratégia em função do Stuttgart é exagero. [...]

Note-se que essa ocorrência converge com a afirmação de Braga (2009), para quem “as Pseudoclivadas cujo constituinte focalizado expressa informação [-ativada] [...] servem para introduzir um referente novo/inferível que é retomado como tópico nos enunciados posteriores” (BRAGA, 2009; p. 19). O conteúdo subsequente à pseudoclivada é claramente relacionado à informação por ela veiculada, pois discorre sobre o conflito entre a afirmação do Internacional (“os jogos serão mais preparação”) e a prática (o treinador não está preparando o time adequadamente). Ou ainda: o C.C. “o papo de que...” é retomado por “o discurso”.

Ao analisar as pseudoclivadas em posição final, não foi possível verificar esse uso, já que, obviamente, não havia discurso subsequente. Analisando o exemplo (128), em posição medial, isso parece se verificar.

Mas o segundo caso, a princípio, não parece ter essa função de retomada de um tópico no contexto subsequente.

(129)

[Título: Carro Furtado]

Gol cinza, ano 1991, placas ICT-0734, foi furtado no sábado, na Avenida Princesa Isabel, no Bairro Azenha. Informações [*número de telefone*]

Sogra se engana e polícia investiga falso sequestro

A polícia de Santo Ângelo, nas Missões, perdeu parte da madrugada e da manhã de ontem atrás de um casal de namorados que teria sido sequestrado. O suposto crime foi registrado na Polícia Civil por volta das 2h, por uma mulher que dizia ter testemunhado dois homens armados rendendo a filha e o genro, quando o casal chegava em casa, de carro. Só que às 10h os dois foram encontrados bem e tranquilos, na residência do rapaz. Tudo não passou de um engano da mãe. No relato que fez, a mulher dizia que os criminosos haviam colocado o genro no porta-malas e assumiram a direção do carro. **Mas o que foi parar no compartimento do veículo foi um cobertor do Internacional.** O outro homem, que a mulher acreditava ser o comparsa, era o irmão do rapaz, que havia ganho uma carona do casal. O delegado Celso Tavares chegou a cogitar de responsabilizar a mulher por falsa comunicação do crime, mas descartou a ideia. O caso foi encerrado por volta do meio-dia. A delegacia tem cerca de cinco mil inquéritos em andamento.

Neste exemplo, a O.C. da pseudoclivada *é inferível de proposição ativada*, recuperada da sentença precedente, “os criminosos haviam colocado o genro no porta-malas e assumiram a direção do carro”, do qual se infere que “alguma coisa” foi parar no porta-malas. O C.C., por sua vez, foi interpretado como *informativo*.

Como vimos, em Braga (2009) um “cobertor do Internacional” é certamente um referente novo no contexto, uma informação que causa surpresa ao leitor, enfatizando que a situação não passou de um engano. Entretanto, não se pode dizer que “cobertor do Internacional” é um referente que é retomado no contexto subsequente como um *tópico* – ele tem como função, na verdade, esclarecer a situação enfrentada pela polícia de Santo Ângelo, e é ali encerrado.

Novamente, temos que uma pseudoclivada introduz, por meio da O.C., um *tópico*, e que o C.C. é o seu *comentário* (cf. Kuppevelt, 1995). Assim como discutido para as

construções em posição final, o C.C. de casos como (67) e (128) é um forte candidato a um *tópico persistente*, mas essa não é uma condição necessária da pseudoclivada. Isso pode ser explicado através da QUD (Kuppevelt, 1995): um subtópico corresponde a uma tentativa do autor de esclarecer alguma informação interpretada por ele como “obscura”, carente de esclarecimentos, e se ela responde a uma pergunta satisfatoriamente, não há necessidade de que este tópico seja contínuo.

Por fim, é importante ressaltar que não foram encontradas pseudoclivadas mediais com função de “finalização” ou de “abertura” de segmento. As demais pseudoclivadas em posição medial do corpus parecem ter características similares aos dois casos acima discutidos.

Em resumo, a pseudoclivada costuma ter uma função muito mais parecida com a de “transição” entre partes de um texto – como acreditava-se seria o caso das clivadas canônicas em posição medial. O que acontece com as pseudoclivadas é que ela introduz um tópico por meio da O.C., à qual fornece uma resposta por meio do C.C. Ou seja, o C.C., esclarecendo a pergunta levantada, pode ali ser encerrado, ou ensejar a abertura de um novo tópico.

Com a apresentação dos resultados da coleta de dados e análise qualitativa de algumas das ocorrências julgadas prototípicas para cada tipo textual, esse trabalho sintetiza, no capítulo final, as principais conclusões desta tese.

8 CONCLUSÕES

Para a conclusão deste trabalho, são reapresentadas as questões norteadoras e as hipóteses, agora revisadas à luz da discussão apresentada no capítulo anterior.

(1)

O que as características informacionais preveem, precisamente, quanto à distribuição textual das pseudoclivadas?

Em posição inicial, as clivadas canônicas favorecem a clivagem de adjuntos adverbiais e seu padrão informacional preferido é *novo-novo no discurso*. Em posição medial, elas favorecem a clivagem de sujeitos e advérbios e encontramos todas as combinações de *velho* e *novo*, mas o padrão preferido é *velho-novo*. E, em posição final, as clivadas canônicas também favorecem a clivagem de sujeitos e advérbios; o C.C. é sempre *velho*, e a O.C. pode ser *nova* ou *velha*.

(2) O que as hipóteses e resultados acima apresentados indicam, em síntese, sobre a articulação informacional das pseudoclivadas?

Em posição inicial, é raro encontrar pseudoclivadas. Quando ocorrem, costumam clivar as posições de sujeito e objeto, e não clivam adjuntos adverbiais. Em posição medial, é mais fácil encontrar pseudoclivadas; nessa posição, também costumam clivar as posições de sujeito e de objeto. E, em posição final, é difícil encontrar pseudoclivadas, mas, quando ocorrem, novamente costumam clivar sujeito ou objeto.

(3) O que as características informacionais preveem, precisamente, quanto à distribuição textual das clivadas e pseudoclivadas?

Em posição inicial, a clivagem de adjuntos adverbiais reforça a tese de que clivadas canônicas veiculam uma pressuposição informativa, pois têm como função estabelecer o *background* do discurso – como vimos, adjuntos adverbiais, por fazerem parte do *ground*, frequentemente servem como “âncora” para aquilo que está sendo afirmado. Além disso, são sempre do tipo *novo-novo*, o que converge com a noção de que, no nível discursivo, veiculam uma informação *nova* como se fosse *velha* (PRINCE, 1978).

Em posição final, as clivadas canônicas possuem um C.C. que é sempre *velho* no discurso, o que é compatível com a função de finalização já atestada pela literatura (ANDRADE, 2019). Na análise qualitativa, quando ambos o C.C. e a O.C. eram *velhos no discurso*, a clivada canônica estabelecia uma “relação de identidade”, que respondia a uma QUD e frequentemente confirmava uma conclusão. Em alguns dos exemplos, entretanto, elas não exibiam esse comportamento, e a função de conclusão não parecia estar relacionada a aspectos da estrutura informacional da clivada canônica, e sim simplesmente à posição final.

Em posição medial, as clivadas canônicas frequentemente exibem o mesmo tipo de comportamento daquelas com função “conclusiva”, isto é, veiculam constituintes *velhos* que respondem a uma QUD e, portanto, indicam a finalização de um segmento temático. Em alguns poucos casos, entretanto, não exibiram nem essa função de finalização, nem a função de abertura de discurso, que caracteriza as que têm *pressuposição informativa*. São casos em que a clivada canônica parece posicionar-se no “meio” de um segmento temático.

- (4) O que as hipóteses e resultados acima apresentados indicam, em síntese, sobre a articulação informacional das pseudoclivadas?

Em posição inicial, as pseudoclivadas eram do tipo *novo-novo*; mas, observando-se o status informacional de seus constituintes na hierarquia de dadidade, vimos que a O.C. tende a ser material *familiar*. Assim, concluímos que ela veicula material que faz parte do *common ground* e que, portanto, pode funcionar como um *tema / tópico*.

Em posição final, as pseudoclivadas são em sua maioria do tipo *velho-novo* e *novo-novo*. Observando-se a análise de seus constituintes quanto à hierarquia de dadidade-novidade, foi possível concluir que, mesmo nos casos em que a O.C. é *nova no discurso*, há preponderância, novamente, de material *familiar*, que faz parte do *common ground*. Assim, os resultados parecem confirmar a tese de que as pseudoclivadas nessa posição costumam recuperar uma informação que está *presente na consciência do ouvinte* (PRINCE, 1978), pressupondo uma QUD para a qual o C.C. fornece uma resposta (que instancia a relação *tópico-comentário* na análise QUD de Kuppevelt 1995).

Em posição medial, foram encontradas pseudoclivadas de todos os tipos. Na análise dos casos prototípicos, ela não apresentou um comportamento muito diferente das pseudoclivadas em posição final, tendo sempre a função de introduzir um tópico e um

comentário na própria estrutura, com a possibilidade de que o C.C. funcionasse como um tópico persistente no contexto subsequente – possibilidade, como observado, que nem sempre se materializa.

Com relação às hipóteses, temos o seguinte:

- (1) Em posição inicial, será mais fácil encontrar clivadas canônicas, pois a O.C. das clivadas canônicas não veicula, necessariamente, um *tema/tópico* e, conseqüentemente, seu conteúdo não precisa estar na consciência do ouvinte cooperativo/ obedecer ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* (cf. PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990).

Novamente, os dados quantitativos parecem confirmar essa hipótese, e se articulam com a informação apresentada em Andrade (2019), com origem em Delin & Oberlander (1995 *apud* Andrade, 2019), para quem as clivadas *com pressuposição informativa* têm como função estabelecer uma relação de “causa e efeito”, ou de marcar o “pano de fundo” de uma atividade temporal anterior.

Em contraste com as clivadas canônicas em posição medial, há indício de que a pseudoclivada exige uma pressuposição de unicidade para ser adequada – o que não acontece nos casos em que a clivada canônica está sob o escopo da negação, nem quando ela entra em conflito com as expectativas do autor. Isso indica que as pseudoclivadas veiculam uma pressuposição “mais restrita” do que as clivadas canônicas, isto é, de unicidade – as clivadas canônicas parecem exigir apenas uma pressuposição existencial (MORETTO, 2016; MORETTO; MENUZZI, 2018).

Por fim, é importante salientar nas ocorrências *novo-novo* casos em que a contra-expectativa é assertada, e ela tende a ocorrer no contexto subsequente. Neles, as clivadas estariam sendo utilizadas não para apresentar mero material de background, mas para introduzir um tema que será desenvolvido. Num certo sentido, elas antecipam, numa síntese, o que esse desenvolvimento; uma espécie de “conclusão antecipada”.

Há, portanto, duas possibilidades de uso das clivadas canônicas: (i) em abertura de discurso, a asserção da clivada (isto é, a relação de identidade estabelecida entre o C.C. e a O.C.) contribui para a progressão do discurso, pois é essa a informação realmente nova; (ii) o autor pode usar essa construção para ligar alguma informação de *background* à informação sobre a qual ele quer discorrer, como um mecanismo com o qual mais facilmente chama a atenção do leitor para esta informação.

- (2) Se clivadas canônicas têm uma função de “finalização” de trechos do discurso, acreditamos que além de ser mais provável encontrá-las em posição final, em oposição a pseudoclivadas, ambos o C.C. e a O.C. desses casos serão, provavelmente, [ativados].

A hipótese é confirmada em parte. Por um lado, clivadas canônicas em posição final têm um C.C. que é sempre *velho no discurso*, e é possível construir uma QUD que aponta para uma função de finalização. Por outro lado, a maior parte das clivadas canônicas foi encontrada em posição medial, e não final; houve um número significativo em que a O.C. era *nova no discurso*, e ocorrências que demonstraram que a função de finalização não é uma condição necessária para que seja usada nessa posição, uma vez que houve um caso em que a O.C. funcionava como um ato de fala – um uso que a literatura também atesta em posição inicial (ROISENBERG e MENUZZI, 2009).

- (3) Em posição medial, uma clivada canônica poderá indicar a abertura de um segmento temático (quando tiver uma pressuposição informativa) ou sua finalização (em que as partes que a compõe serão, mais provavelmente, [ativadas]).

A ocorrência de diversos padrões de *dadidade-novidade* poderia indicar que essa afirmação é correta. De fato, encontramos ocorrências que claramente indicavam uma função de “finalização temática” nessa posição. Entretanto, não houve casos que indicavam o início de um novo segmento temático, em que a clivada exibe uma estrutura similar às de posição inicial, que clivavam adjuntos adverbiais e exibiam uma pressuposição informativa. É possível que isso seja resultado do gênero escolhido, já que os textos do jornal Diário Gaúcho, parte de um *corpus* sobre o português popular, são mais curtos e simples. O exemplo (127) parece indicar que em outros gêneros textuais é possível encontrar essa função.

Note-se, ainda, que a presença maior de casos *velho-novo* sugere que, ao invés de “introduzir” ou “finalizar” um segmento temático, as clivadas canônicas em posição medial podem também ter uma função de “transição”, não ocupando, portanto, uma posição periférica nos segmentos textuais. Isso pôde ser verificado na análise qualitativa de algumas ocorrências típicas.

- (4) Será mais difícil encontrar pseudoclivadas em posição inicial, pois elas veiculam o *tema/tópico*, precisam estar na consciência do ouvinte cooperativo/obedecer ao *Princípio de Familiaridade do Tópico* (PRINCE, 1978; HEDBERG, 1988, 1990) e, portanto, não estão geralmente associadas à *pressuposição informativa*.

A hipótese, a princípio, se confirma, pois, como vimos, foram encontradas poucas ocorrências de pseudoclivadas nessa posição e, além disso não foi encontrada clivagem de adjuntos adverbiais, como nas clivadas canônicas, e a O.C. continha, na maioria dos exemplos, material *familiar*, e não *informativo*. Note-se, ainda, que o material *informativo* continha elementos que poderiam ser considerados do tipo *familiar*, à qual uma informação nova, como um referente, podia ser ancorada – uma conclusão importante, pois indica que elementos dentro da proposição veiculada pela O.C. podem respeitar o *Princípio de Familiaridade do Tópico* e, portanto, funcionar como um *tema/tópico*.

- (5) Em posição final, teremos dificuldade em encontrar pseudoclivadas cujo C.C. é [-ativado], em razão de pseudoclivadas desse tipo frequentemente introduzirem um referente que é retomado pelo contexto subsequente como um tópico (BRAGA, 2009).

É difícil afirmar que em posição final é mais raro encontrar pseudoclivadas com C.C. [-ativado], pois, ainda que a maioria seja do tipo *novo no discurso*, há poucas ocorrências. O que essas ocorrências nos mostram é que a condição de Braga (2009) pode ser uma propriedade das posições mediais (como vimos, essa não parece ser nem uma condição das posições mediais, pelo menos não no gênero textual em que se encontram nossos dados).

- (6) Em posição medial, será mais fácil encontrar pseudoclivadas com C.C. [-ativado], pois frequentemente introduzem um elemento novo que será o tópico do contexto subsequente (BRAGA, 2009).

As pseudoclivadas em posição medial contém uma O.C. que é *velha* ou *nova* no discurso – sendo que neste último caso, entretanto, trata-se da categoria *familiar* na grande maioria das ocorrências – e têm um C.C. que é *novo*. Elas não necessariamente

introduzem um elemento que persiste por longos trechos do discurso, mas que é “resposta” à QUD que vincula a clivada ao texto.

Não foram encontrados casos em que a pseudoclivada funcione para “abrir” ou “finalizar” um segmento temático, de modo que seja resultado de alguma característica informacional específica. Aqui, a pseudoclivada costuma ter uma função muito mais parecida com a de “transição” entre partes de um segmento. Portanto, é plausível supor que o C.C., esclarecendo uma pergunta, pode ali ser encerrado ou ensejar a abertura de um novo tópico.

Por fim, com relação tanto às clivadas canônicas como às pseudoclivadas, notamos que a interpretação do tipo de informação que é veiculada pela O.C. depende, também, das intenções do autor, ou melhor, da representação do leitor que ele tem em mente. De fato, em muitos exemplos em que a informação foi considerada *informativa* ela poderia, também, ser interpretada como *familiar*. Entretanto, isso não é incompatível com a teoria de Prince (1978), pois, como ela mesma diz, a pressuposição informativa é fruto de uma manipulação do falante, no nível discursivo, de uma pressuposição que é informação *dada* no nível lógico, e veicula informação que é “de conhecimento do autor e de algumas pessoas, mas não necessariamente do ouvinte”.

De modo muito geral, podemos esquematizar as seguintes conclusões sobre a distribuição das clivadas no discurso:

Tabela 19: Resumo sobre a distribuição das clivadas no discurso

Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final
<p>Preponderância de clivadas canônicas, em que um adjunto adverbial na posição de C.C. funciona como um elemento que fornece o “background”, ou o “cenário”, à qual uma informação é ancorada.</p>	<p>Clivadas canônicas com função de conclusão indicam a finalização de um segmento temático, em que a O.C. e o C.C. costumam ser “velhos no discurso” e a relação de identidade funciona como uma “síntese”. Aventa-se a possibilidade (não confirmada) de que uma <i>IP-cleft</i>, em outros gêneros textuais, indique a introdução de um novo segmento temático.</p>	<p>Há preponderância de clivadas canônicas com C.C. [ativado], que tem função de conclusão.</p> <p>Há, também, outros usos, como aqueles em que a clivada canônica funciona como um ato de fala.</p>
<p>As poucas ocorrências de pseudoclivadas nesse contexto reforçam a tese de que a O.C. desses casos veicula um <i>tema</i> – tese que encontra respaldo no fato de que a O.C. respeita o <i>Princípio de Familiaridade do Tópico</i> em todas as posições e que, mesmo nessas ocorrências, é possível encontrar um elemento que é candidato a <i>tópico</i>.</p>	<p>Pseudoclivadas não apresentam uma função de “conclusão”; a O.C. costuma estar no nível intermediário da escala de dadidade, e a função da O.C. é introduzir um <i>tópico</i> cujo <i>comentário</i> é fornecido pelo C.C. – que pode ou não persistir no contexto subsequente.</p>	<p>Pseudoclivadas nessa posição têm a mesma função encontrada na posição medial, mas seu C.C., obviamente, não pode ter continuidade em um segmento subsequente.</p>

Por fim, é importante salientar que este estudo também permitiu melhor esclarecer as propriedades da hierarquia de *dadidade-novidade*. Em primeiro lugar, há o indício de que o status cognitivo de um dado elemento pode ser interpretado de diferentes formas pelo ouvinte, em especial no que diz respeito à categorização *familiar-informativo*. Por exemplo, aquilo uma mesma informação pode ser *familiar* para um interlocutor, mas *informativa* para outro. Mais uma vez, reforça-se a tese de Prince (1978), uma vez que essa informação, como vimos na discussão de Lambrecht (1994), Von Fintel (2008) e Beaver e Zeevat (2012), pode ser considerada um caso de “acomodação” pelo ouvinte que não tem conhecimento dela.

Em segundo lugar, a categoria *inferível de proposição familiar* pôde ser esclarecida. Como vimos, ela foi excluída por ser um conceito pouco claro no trabalho de Hedberg e Fadden (2007) e nas referências lá citadas. A partir do estudo das clivadas canônicas em abertura de discurso, em que a clivada canônica teve como função negar uma expectativa geral ao *assertar* uma dada informação, foi possível perceber que ao usar a clivada canônica o autor veiculou uma O.C. como um pressuposto dos leitores, acomodável porque fazia parte de uma expectativa geral. Assim, pode-se afirmar que uma informação *inferível de proposição familiar* corresponde a uma expectativa geral a uma proposição de conhecimento geral (ou seja, *familiar*) pela qual uma informação pudesse ser inferida.

Além disso, através da aplicação da hierarquia de Hedberg e Fadden (2007), foi possível perceber que há níveis intermediários de *dadidade-novidade*. A categorização de um dado elemento como *velho* ou *novo*, muito útil para uma primeira aproximação, como em estudos anteriores, esconde, entretanto, dados importantes, como o fato de que mesmo quando dois elementos são considerados *velhos* ou *novos*, um pode ser “mais velho” do que o “outro”, relacionando-se fortemente ao princípio *Dado Antes de Novo*.

Esse estudo permitiu, ainda, esclarecer questões importantes referentes ao gênero textual “texto jornalístico para leitores com nível médio de letramento”, ou “do português escrito popular”. A interpretação das clivadas canônicas e das pseudoclivadas foi circunscrita a esse gênero, que, como mostraram os dados, comporta diferentes usos de clivadas, mas – talvez em função de sua extensão – não admite *IP-clefts* em posição medial.

Por fim, ressalta-se a importância do estudo das clivadas para a análise dos aspectos que regem a organização de um texto. Tendo em vista as propriedades de significado das clivadas, isto é, o fato de “identificarem um valor a uma variável”

(Declerck, 1982), bem como suas propriedades informacionais, é possível entender como elas contribuem para a coesão textual. Certamente, muitas outras construções podem ser estudadas sob a mesma perspectiva, e esse trabalho abre a possibilidade de que, em outros gêneros e tipos textuais, as clivadas tenham ainda outras propriedades.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, F. **Estrutura informacional e clivagem**: análise da veiculação de informação em construções clivadas do português brasileiro contemporâneo escrito. Dissertação de mestrado. UNESP: Universidade Estadual Paulista. Araraquara – São Paulo. 2015.

ANDRADE, A. **Assessing the emergence of reduced clefts in Brazilian Portuguese: rhetoric structure, information structure and syntax**. Revista Letras. Curitiba, UFPR. n. 99, pp. 101-126. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336568567_Assessing_the_emergence_of_reduced_clefts_in_Brazilian_Portuguese_Rhetoric_structure_information_structure_and_syntax. Acesso em: 14 de setembro de 2020.

RIESTER, A.; BRUNETTI, L., KUTHY, K. **Annotation Guidelines for Questions under Discussion and Information Structure**. Information Structure in Lesser-described Languages. Studies in prosody and syntax, 2018. 9789027201102. fihal-01794160

BEAVER, Z.; ZEEVAT, H. **Accommodation**. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (Org.). The Oxford handbook of linguistics interfaces. 2012. P. 503-538.

BRAGA, M. L. **Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista**. 1 ed. Vol. 16. Rio de Janeiro: Matruga, 2009.

BRAGA, M. L.; KATO, M.; MIOTO, C. **As construções-Q no português brasileiro culto falado: relativas, clivadas e interrogativas**. In: KATO, M. e NASCIMENTO, M. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol III. Campinas: Editora Unicamp. 2010.

CHAFE, W. **Language and consciousness**. Language 50: 11-1-33. 1974.

CHAFE, W. **Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view**. In: LI, C., ed. **Subject and topic**. NY: Academic Press, 1976, p. 25-55.

CLARK, H. H.; HAVILAND; S. E. **Comprehension and the given-new contract**. In Freedle. 1977.

R. O., ed. Discourse production and comprehension. Norwood, NJ: Ablex Publishing. 1-40.

DECLERCK, R. **The pragmatics of it-clefts and WH-clefts**. *Lingua*, V. 64, Issue 4, 1984, p. 251-289.

DELIN, J.; OBERLANDER, J. **Syntactic constraints on discourse structure: the case of it-clefts**. *Linguistics*, v. 33, n. 3, p. 465–500, 1995.

FINATTO, M. J. B. **Projeto PorPopular, frequência de verbos em português e no jornal popular brasileiro**. In: ISQUERDO, A.N.; SEABRA, M.C.T.D. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume VI. 1ed. Campo Grande, MS: Editora da UFMS/Laboratório de Edição da FALE-UFMG, 2012, v. VI, p. 227-244.

FIRBAS, J. **On defining the theme in functional sentence perspective**. *Travaux linguistiques de Prague* 1. 1964. 267-380.

GRICE, H. P. 1975. **Logic and conversation**. In P. Cole and J. Morgan, eds. *syntax and Semantics 3: Speech acts*. New York: Academic Press. 41-58.

GUNDEL, J. K.; HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. **Cognitive Status and the Form of Referring Expression in Discourse**. In Linguistic Society of America, *The Language Anthology*, Volume III, *The Best of Language 1986-2016*. Reprinted from *Language* 69, 274-307, 1993. 2019.

GUNDEL J. K. **Shared knowledge and topicality**. *Journal of Pragmatics* 9: 1. 83- 97. 1985

GUNDEL, J. K., HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. **Cognitive status and the form of referring expressions in discourse**. *Language* 69; 1993. P. 274-307.

HAVILAND, S. E.; CLARK, H. 1974. **What's new? Acquiring new information as a process in comprehension.** JVLVB 13.512-38.

HEDBERG, N. **The discourse function of cleft sentences in spoken English.** Linguistic Society of America Meeting, New Orleans, Louisiana. Dez. 1988.

HEDBERG, N. **Discourse pragmatics and cleft sentences in English.** Minneapolis, MN: University of Minnesota dissertation. 1990.

HEDBERG, N. **Multiple Focus and Cleft Sentences.** In: Hartmann, Katharina and Tonjes Veenstra, eds. *Cleft Structures.* John Benjamins, Linguistik Aktuell series. 2013.

HEDBERG, N. **The Referential Status of Clefts.** *Language* 76. 891-920. 2000.

HEDBERG, N. **Applying the Givenness Hierarchy Framework: Methodological Issues.** In: *Proceedings of Cross-Linguistic Perspectives on the Information Structures of Austronesian Languages.* Research Institute for Languages and Cultures of Asia and Africa. Tokyo University of Foreign Studies. 2013. Disponível em: http://www.sfu.ca/~hedberg/Hedberg_Japan_paper_revised.pdf. Acesso em: 09 ago 2020.

HEDBERG, N.; LORNA, F. **The information structure of it-clefts, wh-clefts and reverse wh-clefts in English.** In: Nancy Hedberg; Ron Zacharski. (Org.). *The grammar-pragmatics interface: essays in honor of Jeanette Gundel.* John Benjamins Publishing Company, v. VIII. 2007. P. 49-76.

HEDBERG, N.; GUNDEL, J. K.; BORTHEN, K. **Different Senses of 'Referential'.** In Jeanette K. Gundel and Barbara Abbott, eds. *The Oxford Handbook on Reference.* Oxford University Press. 100-116; 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Manual de correção da redação do ENEM:** competências 1, 2, 3, 4 e 5. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/enem-outros-documentos>. Acesso em outubro de 2021.

- KUPPEVELT, J. V. (1995). **Discourse structure, topicality and questioning**. Journal of Linguistics, 31, pp 109-147 doi:10.1017/S002222670000058X
- LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representations of discourse referents**. New York: Cambridge University Press. 1994.
- LAMBRECHT, K. **A framework for the analysis of cleft constructions**. Linguistics 39.3., 463-516, 2001.
- MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e usos do português atual**. Lisboa: Caminho, 2003.
- MENUZZI, S. M. **Sobre a pressuposição das clivadas**. Revista da Anpoll. n. 46. Brasília, DF. P. 200-221. 2018.
- ARIEL, M. **Accessing Noun-Phrase Antecedents**. (RLE Linguistics B: Grammar) (1st ed.). Routledge. 1990. <https://doi.org/10.4324/9781315857473>
- MCCARTHY, M.; McCARTEN J.; SANDIFORD, H. **Touchstone level 4: student's book**. New York. Cambridge University Press. 2ed. 2005.
- MCCARTHY, M.; McCARTEN J.; SANDIFORD, H. **Viewpoint level 2: student's book**. New York. Cambridge University Press. 2ed. 2012.
- MENUZZI, S. M.; ROISENBERG, G. **Tópicos contrastivos e contraste temático: um estudo do papel discursivo da “articulação informacional”**. 1 ed. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, 2010. Disponível em: <https://sites.google.com/site/smenuzzi/artigos-hand-outs-etc> Acesso em 21 jun. 2021.
- MORETTO, G. F. **Relações retóricas e clivadas conclusivas e não conclusivas**. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

MORETTO, G. F.; MENUZZI, S.M. **Only and clefts: an empirical study**. Trabalho apresentado no XI Workshop on Formal Linguistics, UFPR, Curitiba, em novembro de 2016.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2001.

PRINCE, E. F. **A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse**. *Language*, 1978. 54. 883-906.

PRINCE, E. F. **Fancy syntax and shared knowledge**. *Journal of Pragmatics* 9. 1985. p. 65-81.

PRINCE, E. F. **The ZPG letter: Subjects, definiteness and information status**. In THOMPSON, S.; MANN, W. *Discourse descriptions: diverse analyses of a fundraising text*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins. 1992. 295-325.

ROISENBERG, G. **Clivadas e tópicos contrastivos: estudos sobre a semântica e a pragmática da articulação informacional**. 2009. 108 f. Dissertação de mestrado – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ROISENBERG, G.; MENUZZI, S. M. **Pressuposição, exaustividade e denegação das clivadas**. 1 ed. Minas Gerais: Revista de Estudos da Linguagem, 2008. Disponível em <https://sites.google.com/site/smenuzzi/artigos-hand-outs-etc>. Acesso em 21 jun. 2021.

TEIXEIRA, M. T.; MENUZZI, S. M. **Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo de corpus**. Artigo submetido à revista ALFA (UNESP, Araraquara), 2013. In: SEMINÁRIO DE TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA, 2013, Porto Alegre, PPGL/UFRGS. Disponível em: <https://sites.google.com/site/smenuzzi/artigos-hand-outs-etc> Acesso em 21 jun. 2021.

VON FINTEL, K. **What is presupposition, again?** *Philosophical Perspectives*, 22. 2008. p. 137-170.

SCOTT, K. **The relevance of referring expressions:** the case of diary drop in English. PhD dissertation. University College London. 2010.

SCHACHTER, P. **Focus and relativization.** *Language* 49, 19-46. 1973.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance:** Communication and Cognition, Second edition. Oxford: Blackwell. 1995.

PASQUALINI, B. **Corpop:** um corpus de referência do português popular escrito no Brasil. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2018.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Ática, 1995.